

(Série Vivências em Educação na Saúde)

**MOVIMENTOS DO DESEJO NO
TRABALHO EM SAÚDE:
CARTOGRAFIA DO COTIDIANO**

Organizadores:

Eliana Sandri Lira

Izabella Barison Matos

Alcindo Antônio Ferla



(Série Vivências em Educação na Saúde)

MOVIMENTOS DO DESEJO NO TRABALHO EM SAÚDE: CARTOGRAFIA DO COTIDIANO

Organizadores:

Eliana Sandri Lira

Izabella Barison Matos

Alcindo Antônio Ferla

1ª Edição

Editora Rede Unida, 2020

Porto Alegre, Brasil



Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial**Editor-Chefe:** Alcindo Antônio Ferla**Editores Associados:** Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Márcio Mariath Belloc, Károl Veiga Cabral, Maria das Graças Alves Pereira, Frederico Viana Machado.**Conselho Editorial:**

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil). **Alcindo Antônio Ferla** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Àngel Martínez-Hernández** (Universitat Rovira i Virgili, Espanha). **Angelo Stefanini** (Università di Bologna, Itália). **Ardigó Martino** (Università di Bologna, Itália). **Berta Paz Lorido** (Universitat de les Illes Balears, Espanha). **Celia Beatriz Iriart** (University of New Mexico, Estados Unidos da América). **Denise Bueno** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Emerson Elias Merhy** (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil). **Érica Rosalba Mallmann Duarte** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Francisca Valda Silva de Oliveira** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil). **Izabella Barison Matos** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Hêider Aurélio Pinto** (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil). **João Henrique Lara do Amaral** (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). **Júlio Cesar Schweickardt** (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil). **Laura Camargo Macruz Feuerwerker** (Universidade de São Paulo, Brasil). **Leonardo Federico** (Universidad Nacional de Lanús, Argentina). **Lisiane Bôer Possa** (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil). **Liliana Santos** (Universidade Federal da Bahia, Brasil). **Luciano Bezerra Gomes** (Universidade Federal da Paraíba, Brasil). **Mara Lisiane dos Santos** (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil). **Marco Akerman** (Universidade de São Paulo, Brasil). **Maria Augusta Nicoli** (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália). **Maria das Graças Alves Pereira** (Instituto Federal do Acre, Brasil). **Maria Luiza Jaeger** (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil). **Maria Rocineide Ferreira da Silva** (Universidade Estadual do Ceará, Brasil). **Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** (Universidade Federal do Pará, Brasil). **Ricardo Burg Ceccim** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Rodrigo Tobias de Sousa Lima** (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil). **Rossana Staevie Baduy** (Universidade Estadual de Londrina, Brasil). **Sara Donetto** (King's College London, Inglaterra). **Sueli Terezinha Goi Barrios** (Associação Rede Unida, Brasil). **Túlio Batista Franco** (Universidade Federal Fluminense, Brasil). **Vanderléia Laodete Pulga** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil). **Vera Lucia Kodjaoglanian** (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil). **Vera Maria da Rocha** (Associação Rede Unida, Brasil). **Vincenza Pellegrini** (Università di Parma, Itália).

A **Série Vivências em Educação na Saúde** propõe a educação na saúde como tema, partindo do entendimento que ainda há grande distância entre as diretrizes legais para a educação na saúde e no cotidiano do Sistema Único de Saúde. É um tema cujo debate contemporâneo tem salientado a construção de novas práticas acadêmicas e a internalização de novas posturas profissionais, tendo como objeto as políticas de educação e saúde. As políticas nacionais de educação na saúde vêm tentando induzir processos de mudança na formação dos profissionais da denominada “área da saúde”, no entanto – para além da carga horária e dos conteúdos obrigatórios – o perfil dos egressos de cursos superiores (ou não) é o que deve estar no centro da discussão. Por meio desta série se quer oportunizar espaço de socialização de conhecimento útil à gestão e às instituições formadoras, mostrando experiências potentes em educação na saúde.

A Série tem coordenação editorial de: Dr. Alcindo Antônio Ferla (Brasil), Dr. Ricardo Burg Ceccim (Brasil), Maria Augusta Nicoli (Itália) e Cláudia Rodrigues de Freitas (Brasil).

Teses & Dissertações é uma modalidade de produção da Editora Rede Unida que busca disseminar o conhecimento produzido no encontro, nas sessões de defesas de teses e dissertações de mestrado, quando a interação produz aportes teóricos e metodológicos ao campo da educação na saúde e à saúde coletiva. Nessa modalidade de produção, o debate se materializa em produções escritas, que são compartilhadas nas diferentes séries editoriais, após a indicação e aprovação do Conselho Editorial e de avaliadores ad hoc.

Essa obra foi realizada em colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCo) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista
Márcia Regina Cardoso Torres,
Projeto Gráfico, Capa e Miolo
Editora Rede UNIDA

Diagramação

Editora Rede UNIDA
Arte da Capa
Eliana Sandri Lira

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L768m Lira, Eliana Sandri (org.).

Movimentos do desejo no trabalho em saúde: cartografia do cotidiano / Organizadores: Eliana Sandri Lira, Izabella Barison Matos e Alcindo Antônio Ferla. – 1. ed. -- Porto Alegre : Rede Unida, 2020.

87 p.; il. (Coleção Vivências em Educação na Saúde).

E-book: 2 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-87180-28-1

DOI: 10.18310/9786587180281

1. Cartografia. 2. Pesquisa em Saúde. 3. Saúde Coletiva. 4. Sistemas de Saúde. I. Título. II. Assunto. III. Lira, Eliana Sandri. IV. Matos, Izabella Barison. V. Ferla, Alcindo Antônio.

20-30180024

CDD 610.7:526

CDU 61(049.5):528

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Estudo, pesquisa e tópicos relacionados; Cartografia, desenhos de mapas.
2. Medicina: Questionários, inquéritos e pesquisas diversas; Cartografia.

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Copyright © 2021 Eliana Sandri Lira, Izabella Barison Matos, Alcindo Antônio Ferla.

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (051) 3391-1252
www.redeunida.org.br



Edição realizada com apoio do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCo/UFRGS)



(Imagem da capa: Pintura, 2015. Os movimentos da EPS. Autora: Eliana Sandri Lira. Imagens internas também são produções autorais realizadas durante a dissertação de mestrado, com inspiração nas leituras e sensações no cotidiano do trabalho)

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LIRA, Eliana Sandri; MATOS, Izabella Barison; FERLA, Alcindo Antônio (org.). **Movimentos do desejo no trabalho em saúde: cartografia do cotidiano**. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. (Série Vivências em Educação na Saúde). E-book (PDF; ?? Mb). ISBN 978-65-87180-28-1.



Sumário

PREFÁCIO

ALGUMAS PALAVRAS, MUITOS AFETOS (Aline Blaya Martins) 10

APRESENTAÇÃO

RITOS, RITUAIS E RITMOS: O MESTRADO E A “MUDANÇA DE VIDA” (Izabella Barison Matos) 15

A DISSERTAÇÃO (Eliana Sandri Lira) **19**

1 ALINHAVOS CARTOGRÁFICOS: INTRODUZINDO AO PROCESSO.....**20**

1.1 Dobras do Tempo: Linhas Cartográficas 23

1.2 Sobre o chão e os afetos e a coragem de ser multiplicidade 25

1.3 A escrita no contexto da pesquisa 29

1.4 Movimentos do desejo 32

2 TRAÇADOS, GUIAS E MAPAS DO ESTUDO**35**

2.1 Rastrear o campo: uma a experiência que atravessa o conceito..... 37

3 PRIMEIRO POUSO: ESTRANHAMENTOS**40**

3.1 Estranho olhar, atento olhar ao horizonte: janela da infância 40

4 SEGUNDO POUSO: TERRENO ESTRANGEIRO**44**

4.1 Estrangeira na saúde: uma janela multicor 44

4.2 Depois do corredor: janela dos encontros e afetos 47

5 TERCEIRO POUSO: FABRICANDO MUDANÇAS**50**

5.1 Travessias educação-saúde: janelas espelho 50

5.2 Desafios cotidianos: janela do horizonte 53

5.3 Outros espaços: janelas multidimensionais 56

5.4 Alquimias do saber/fazer: janelas caleidoscópios..... 58

6 QUARTO POUSO: PUXANDO O FIO DO ALINHAVO - CONSIDERAÇÕES MÓVEIS**61**

7 REFERÊNCIAS.....**66**

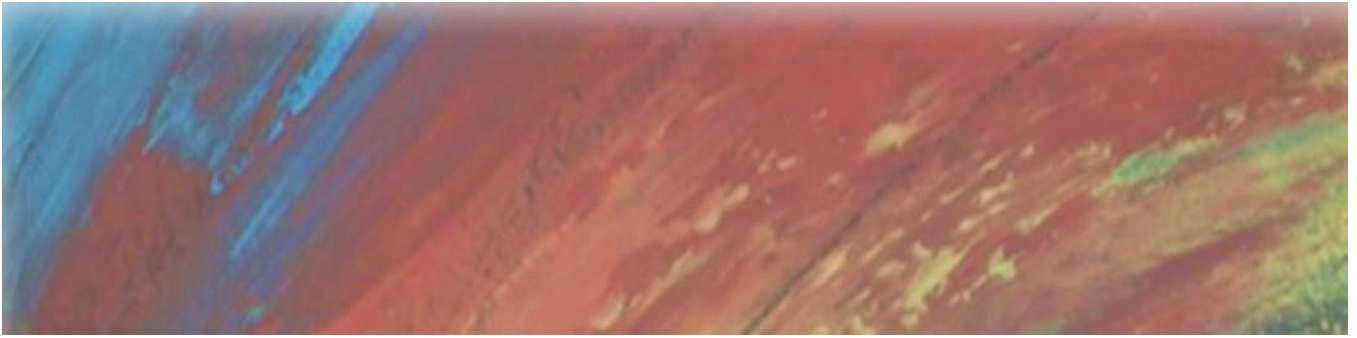
DEBATES

CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO CARTOGRAFIA DO COTIDIANO: O MOVIMENTO DO DESEJO PARA A PESQUISA ACADÊMICA NA ATUALIDADE (Lindomar Wessler Boneti)**74**

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| A CARTOGRAFIA DO COTIDIANO: O MOVIMENTO DO DESEJO E O FORTALECIMENTO DO TRABALHO EM SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EDUCADORA (Denise Antunes de Azambuja Zocche) | 78 |
| O TRABALHO E A APRENDIZAGEM FORMANDO LAÇOS NO COTIDIANO: A POTÊNCIA DAS REDES DO DESEJO (Acindo Antônio Ferla) | 81 |
| RÉPLICA | |
| OUTROS RASTREIOS: NOVOS (RE)CONHECIMENTOS: COMENTANDO AS ARGUIÇÕES DOS MEMBROS DA BANCA DE AVALIAÇÃO (Eliana Sandri Lira, Izabella Barison Matos) | 87 |
| DOS AUTORES E DAS AUTORAS: | 91 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 93 |

PREFÁCIO





ALGUMAS PALAVRAS, MUITOS AFETOS

Aline Blaya Martins

A leitura do livro que se segue a este prefácio me trouxe uma satisfação enorme, ao me fazer pensar o quanto um percurso de uma mestra pode refletir a alma de um programa de pós-graduação, que se esgueira entre diversidades de normas institucionais, restrição de recursos e diferenciados envolvimento dos seus atores, sobretudo quando estão vinculados cotidianamente nos sistemas socio-sanitários, "fazendo acontecer" o sistema de saúde.

O Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), obteve recomendação de implantação pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES), da Capes, em 29 de fevereiro de 2012, considerada relevante para a formação de profissionais no sul do país. Desde então, o Programa vem constituindo uma identidade mais madura, consolidando-se no contexto das políticas institucionais e da educação superior no Brasil, com forte interface com as necessidades epistemológicas e conceituais para o desenvolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS), do trabalho no seu interior e do campo de saberes e práticas da Saúde Coletiva.

Alinha-se também aos princípios e diretrizes definidos à Educação Superior Nacional e na Constituição Federal Brasileira, visando formar profissionais cuja conduta seja orientada pela ética solidária, pela defesa e promoção da saúde, da vida e dos direitos do cidadão, mobilizados para o desenvolvimento de políticas públicas e comprometidos com a produção e a difusão de conhecimento em Saúde Coletiva. Ao mesmo tempo em que busca responder às questões epistemológicas e práticas que mobilizam o alcance do direito à saúde das pessoas e coletividades, debruça-se sobre as políticas de saúde e as diversidades humanas para compreender e intervir sobre suas necessidades e modos de expandir a equidade e o alcance da ação das políticas públicas.

Pauta-se ainda na observância de compromissos com o rigor acadêmico e científico, com a abordagem dos desafios da área, com a inserção social e com a compreensão da pesquisa e intervenção em saúde coletiva como formação de pesquisadores, docentes e profissionais. Para o Programa, a Saúde Coletiva como área de conhecimento e práticas contempla a saúde em sua dimensão ampliada e nos seus aspectos sociais e políticos, estabelecendo movimentos de aproximação e corresponsabilização com o SUS, alimentando-se da tensão entre as disciplinas que configuram o campo e com as práticas do cotidiano do setor saúde.

O Projeto Pedagógico do Programa está comprometido com a gestão pública setorial e com as instâncias de controle social exercidas pela cidadania, motivo pelo qual, segundo seus objetivos e possibilidades científico-acadêmicas, busca estabelecer movimentos de aproximação com o SUS e suas instâncias de gestão e participação, inscrevendo-se no movimento das lutas sociais por saúde no conjunto da sociedade. Essa aproximação que se materializa em uma tessitura de uma grande rede, também, é resposta do Programa à tradição interdisciplinar e de conexões entre saberes e práticas da área da saúde que caracteriza o campo da Saúde Coletiva.

Dessa forma, visando consolidar os diferenciais do PPGCol que o tornam um produtor de pesquisas e de evidências científicas de excelência e comprometido com a sociedade brasileira, com os movimentos sociais e com o Sistema Único de Saúde, procura engendrar percepções, saberes, desejos, demandas, conhecimentos e práticas que transbordam das gentes que cotidianamente o tornam um espaço plural de *trabalho-pesquisa viva em ato* (Merhy, 2002) de docentes, discentes, egressos e técnicos administrativos que compõem a comunidade acadêmica, com as demandas trazidas pelos territórios da vida e pelos mundos que operam no(o) SUS, desde a assistência aos Conselhos de Saúde, desde as vozes que clamam desde os movimentos sociais até as esferas da gestão da saúde.

Contudo, tecer uma rede não é o suficiente para pescar, para tirar o peixe do rio ou do mar, e no PPGCOL sabemos e aprendemos juntos que é preciso ir muito além, assim como Eliana faz nesta brilhante obra. Pescadores amadores podem comprar as melhores tarrafas, grandes redes e as melhores iscas, mas, é possível que não consigam tirar da água pouco mais do que alguns lixos e algas, com muita sorte, algum peixinho desavisado que tenha se emaranhado por ali. Produzir ciência, comprometida com a sociedade, aplicada à realidade e socialmente relevante pode ser uma produção tão árdua quanto a pesca que traz o sustento e alimentos tão nobres.

É preciso conhecer o mar, é preciso conhecer as marés e a lua, saber os períodos migratórios, os locais por onde passam e a dinâmica dos cardumes. É preciso sim ter uma boa rede, com nós sólidos e espaços adequados. Mas, de pouco adiantará o conhecimento e a rede se não houver pessoas, se não houver gente disponível para carregar a rede, colocá-la no mar, observar os sinais e a finalmente retirar a rede da água, cuidadosamente tirar os peixes dela e a transformá-los em alimento e em energia vital para tantos. Se não houver gente para tornar o ritual uma produção compartilhada e para homenagear os saberes, as vidas e a capacidade de produzir alimentos e viver, produzindo redes de afetos.

Ler o livro ***“Movimentos do desejo no trabalho em saúde: cartografia do cotidiano”***, produto da dissertação da mestra Eliana Sandri Lira, me remeteu a um belíssimo dia de sol, a crianças brincando, enquanto homens e mulheres juntos tiram uma imensa rede cheia de peixes de um imenso mar azul e cristalino. E a preparar a ceia ...

Costumo fazer esta analogia com nossos estudantes em sala de aula e a eles questiono: de que adiantaria termos a rede, se não houvesse os anciãos para nos ensinar onde e em que horário as redes devem ser lançadas ao mar? De que adiantariam os anciãos se não houvesse os jovens com seus músculos e vontades de produzir alimentos para carregar as grandes redes? De que adiantaria tudo isso sem oceano? Sem peixes? De que adiantaria tudo isso, se a ceia não pudesse ser preparada e compartilhada?

Nada se basta sozinho. Na Saúde Coletiva essa máxima se repete e pode ser observada na complexidade epistêmica que brota nas palavras corajosas e belas da Eliana, que a todo momento lembra o propósito da produção de conhecimento que emana dos territórios da vida, do SUS e de si, e que nunca deixa de lado o compromisso com a Saúde Coletiva e com a ciência que sabe que seu propósito é levar ao povo o que é do povo.

Em um momento sombrio, onde a saúde da população brasileira representa a carne mais barata do mercado, onde a Covid-19 se torna o álibi perfeito para o *fazer morrer* de um governo genocida (Conectas Direitos Humanos, 2021), ver que estamos contribuindo de forma contra-hegemônica, amadurecida e consequente para a formação de pesquisadores da envergadura da agora mestra Eliana Sandra Liera, muito me envaidece e alegra. Neste livro a autora/artista/poetisa/cientista, em uma brilhante alquimia cartográfica, nos mostra o quanto as ciências sociais e humanas não vêm sendo atacadas sem motivos e o porquê de elas serem imprescindíveis para nossa compreensão da Saúde Coletiva que opera nos territórios da vida, tantas vezes de forma um tanto distante dos indicadores da epidemiologia ou dos ditames da política. Apenas quando lançamos mão da complexidade no pensamento e na prática do ensino e da pesquisa é que conseguimos *esperançar* e pensar criticamente, é que conseguimos deslocar o pensamento para além da esteira de fábrica que produz/vende o adoecer e a assistência. Assim chegamos ao cuidar e a educação permanente em saúde, tão importantes para evitar a captura e construir inéditos viáveis na afirmação da vida e da saúde como direito inalienável ofertado por um SUS fortalecido. Um SUS produzido cotidianamente por trabalhadores disponíveis e realizados em seu propósito de produzir saúde de forma a preservar o realismo esperançoso que Ariano Suassuna nos ensinou a sustentar, mesmo em meio a tamanhas desigualdades e injustiças sociais, como estamos imersos.

Com prazer também vi nesta obra a materialidade do que idealizamos para este PPG e, por meio da orientação sensível da Prof^a Izabella Barison Matos, com sua enorme e generosa grandeza, percebi que o diálogo interdisciplinar, o respeito à diversidade, a autonomia e a emancipação dos nossos jovens cientistas, vem sendo mais valorizadas do que qualquer captura exigida pelo universo da avaliação da pós-graduação ou por instituições de fomento.

Estendo minhas mãos para que sejam dadas a estas duas grandes mulheres, as saúdo e com elas celebro o fato da rede estar sendo lançada ao mar, de forma tão promissora. Mas, também preciso manifestar meu apreço e admiração à Editora da Rede Unida, por meio de seu editor chefe, Prof. Alcindo Antônio Ferla, que jamais deixa de ser luz, de apresentar caminhos, de multiplicar os peixes e de construir meios de levar o conhecimento, alimento da alma, mais longe, construindo formas de partilhá-lo com tantos.

A mim, que tenho a honra de estar coordenadora do PPGCOL UFRGS, neste momento, só cabe dizer que confio, entrego e honro o livro **“Movimentos do desejo no trabalho em saúde: cartografia do cotidiano”** como uma mãe que vê seus filhos superarem as suas mais ambiciosas e doces expectativas. Eliana define-se uma como uma pesquisadora antropofágica, que se alimenta de si mesma para cartografar o cotidiano e, usando de suas próprias palavras e voz, digo: trata-se de um banquete. Alimentar-se deste livro, dos diálogos e caminhos da autora, é um prazer inenarrável. Aqui o peixe mais fresco e saboroso foi tirado do mar, com muito conhecimento, com muito amor, com muita força e maestria, para aplacar

a fome de conhecimento de quem segue lutando pela universidade pública, comprometida e relevante. Pelo SUS. Pelos nossos. E por um amanhã mais cheio de leveza e esperança.

Amanhã há de ser outro dia! E esse livro nos traz a certeza do movimento que produz a vida, as saúdes e a ciência. Sim, construiremos, teceremos, outros dias, dias melhores. E vamos precisar de todo mundo que esteja disposto a *arregaçar as mangas* para seguir construindo, alimentando, poetando, costurando e cartografando uma Saúde Coletiva e um mundo melhores para todos. Desfrutem, degustem deste banquete e com a alma saciada, convidamos todos a seguirmos com o movimento, em marcha, mas com muita poesia.

Referências:

Conectas Direitos Humanos, C. (2021). A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19: um ataque sem precedentes aos direitos humanos no Brasil. In: C. D. Cepedisa, Boletim n. 10. *Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil* (pp. 5-19). São Paulo: CEDEDISA-USP.

Merhy, E. (2002). *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Editora Hucitec.

APRESENTAÇÃO





RITOS, RITUAIS E RITMOS: O MESTRADO E A “MUDANÇA DE VIDA”

Izabella Barison Matos

Este livro contempla reflexões de vivências da produção da dissertação - mestrado acadêmico – no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apresentada em janeiro de 2020. Acompanha parte das arguições realizadas, na ocasião, pelos membros da banca de avaliação, finalizando com uma “réplica” aos argumentos dos três docentes.

Antes, porém, gostaria de falar um pouco sobre a condição de mestrando e a necessidade de incorporação de rituais, ritos e ritmos exigidos no momento em que se assume o compromisso de produzir uma dissertação de mestrado. Tal empreitada está longe de ser fácil: ela exige novas posturas e práticas do mestrando e grande envolvimento de familiares e companheiros, assim como grande disposição para a escrita.

Outro ponto a destacar é o fato de grande parte dos mestrandos do PPGCol ser de trabalhadores (CLT, estatutários, com vínculos precários), que se valem de muitos malabarismos para continuar na ativa e adicionarem o mestrado e suas demandas às da vida pessoal. Pelo fato de ser professora-orientadora de mestrandos há 15 anos acompanho esta categoria de “mestrandos-malabares” e gostaria de pontuar aspectos dessa trajetória, destacando dificuldades com a escrita.

A esse respeito Becker (1986) e Herzlich (2002) publicaram livros cujo grande mérito foi apontar a superação de dificuldades da condição de mestrando/doutorando - que requer a adoção de certas práticas a serem incorporadas. Ambos sociólogos – ele estadunidense - Becker, teve seu livro reeditado em 2008 e pontuou o avanço que foi a incorporação tecnológica (computador, *notebook*) na escrita acadêmica, considerada por ele “uma atividade social”.

Ela francesa - Herzlich (2002) - avisa que as dificuldades encontradas não serão somente intelectuais, pois envolvem todos os aspectos da nossa vida. Viver com a dissertação ou viver fazendo a dissertação? Perguntas feitas por Herzlich (2002). Isto porque, segundo seu argumento, fazer uma dissertação é um projeto realista, simultaneamente intelectual e

profissional. Assim faz outras perguntas: você é capaz de trabalhar sozinho por um longo tempo? Você consegue impor uma disciplina rígida para dar conta desta “empreitada”?

Becker (1986) se vale de imagens, desenhadas pela cartunista francesa Claire Bretcher, que demonstram os momentos de “papel em branco”; embora num contexto anterior ao computador/*notebook*.

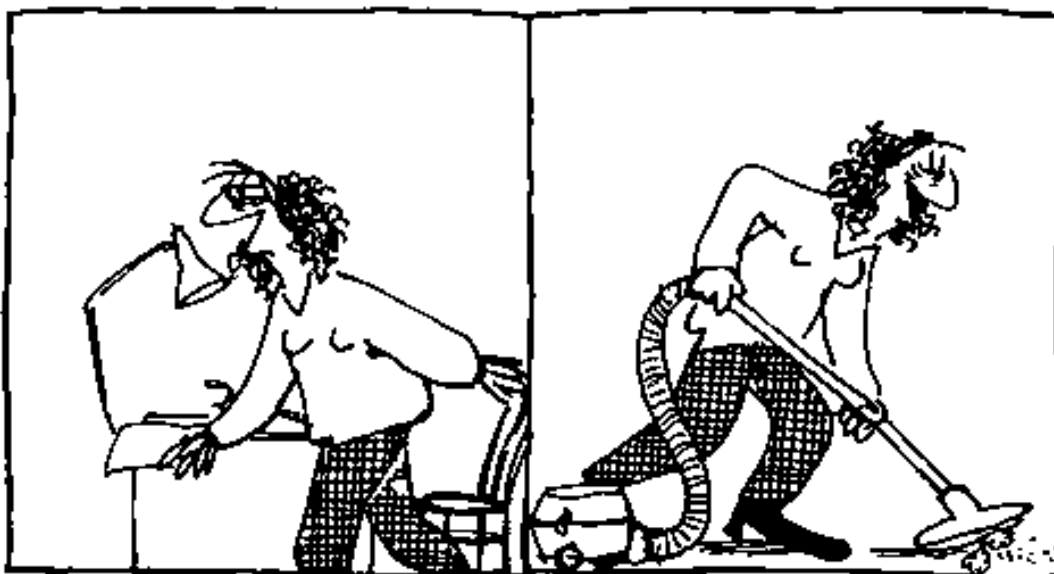


Fonte: Becker (1986).

Nesta direção, me reporto a Sagan (2004, p. 41) que salienta que o “modo científico de pensar é ao mesmo tempo imaginativo e disciplinado”, que a ciência: 1) convida a colher os fatos, mesmo que eles não se ajustem às nossas concepções; 2) aconselha a guardar hipóteses alternativas em nossas mentes; 3) impõe um equilíbrio entre uma abertura sem barreiras para ideias novas, e o exame cético mais rigoroso de tudo. Continuando...este autor vai dizer que a “ciência é um modo de pensar (...) está longe de ser um instrumento perfeito de conhecimento. É apenas o melhor que temos...” (Sagan, 2004: 39-41).

Para a antropóloga brasileira Renk (1996, p. 5) o ato de conhecer além de requerer espírito aberto “é também uma partilha com a produção já realizada por outros homens e mulheres, com os resultados que obtiveram, imprimindo no papel as traduções de pensamentos, sentimentos e visões de mundo”. Para Herzlich (2002) aprendizagem intelectual é saber colocar uma questão; reunir os materiais permitindo que eles possam dar respostas; analisá-los com método; expor claramente os resultados.

Isso tudo exige certos rituais, ritos e ritmos que, para Herzlich (2002), dependendo do gênero serão diferentes: às mulheres é impossível iniciar o trabalho antes de conseguir fazer algo ligado à limpeza ou à organização, já para os homens, os rituais são outros: atividades físicas, ouvir música. Enfim, cada um (a) precisa conhecer ou criar os seus....



Fonte: Becker (1986).

Sagan (2004) lembra que a história da ciência ensina que o máximo que podemos esperar é um aperfeiçoamento sucessivo de nosso entendimento, um aprendizado através de nossos erros; com a condição de que a certeza absoluta sempre nos escapará.

Como escrever é uma atividade extremamente privada é que se salienta a importância de criação de rituais, ritos e de rotinas ligados à atividade da escrita. Enfim, é uma etapa de um percurso...a inspiração vai e vem....

Feitas estas observações, saliento que a orientação do trabalho da Eliana foi uma aposta prazerosa e acalentada por encontros de aprendizagem mútua. A narrativa requer entendimento nada ortodoxo, cuja proposta manifestada por ela é de uma leitura...digamos mais poética convidando para o exercício do lúdico. Assim, o leitor vai observar que o roteiro da dissertação (capítulo 2) não apresenta formato tradicional.

Embora em outro contexto, vou me valer de frases de Jurandir Machado, em coluna do jornal gaúcho Zero Hora, de 02 de novembro de 2019, as quais representam o que senti ao ler a versão final da dissertação: “Fiquei sensível ao ritmo das frases, à sonoridade das palavras. Ela é uma poeta que escreve muita prosa de forma poética. Ela quis expressar a alma, descobriu um imaginário que trouxe à tona algo encoberto”.

Trata-se de um trabalho de mapeamento da trajetória de um serviço regional de saúde gaúcho, pertencente ao Sistema Único de Saúde (SUS). Nele se revela um trânsito entre a arte e a escrita acadêmica que caracteriza a expedição cartográfica empreendida entre 2011 e 2019. O objetivo foi apresentar a possibilidade de produzir conhecimentos e aprendizagens em ato, a partir do mapeamento referido.

Metodologicamente seguiu as pistas da cartografia: o rastreo, o toque, o pouso e o reconhecimento atento; assim descreveram-se cenas, fatos e acontecimentos daquele período. Foram revelados tensionamentos nos modos como o trabalho se organiza e nas relações que as pessoas estabelecem entre si e com o trabalho, traduzidos em pistas que

fazem emergir registros autorais da escuta do cotidiano, tendo como referência o campo de conhecimentos e de práticas da Saúde Coletiva.

Mapear, pousar e remexer na realidade produziu experiências e aprendizados rizomas; linhas do tempo e de vida atravessaram a pesquisa, apresentando acontecimentos, intensidades e agenciamentos. Isso tudo apontou a potência de aprender em serviço: um processo vivo de reconhecimento dos limites tanto do próprio serviço, como sociais e culturais que nos envolvem, provocam e desterritorializam o tempo todo.

Na próxima seção: a dissertação no formato original que foi apresentado.

Referências:

Becker, H. S. (1986). *Writing for social scientists*. How to start and finish your thesis, book, or article. Chicago: The University of Chicago Press.

Herzlich, C. (2002). *Réussir as thèse em sciences sociales*. Paris: Nathan.

Renk, A. (1996). *Convite à viagem sociológica*. Série Didáticos- Interdisciplinar. Ano 5, n.18. Chapecó: UNOESC.

Sagan, C. (2004). *O mundo assombrado pelos demônios*. A ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras.

A DISSERTAÇÃO:

**MOVIMENTOS DO DESEJO NO TRABALHO EM SAÚDE:
CARTOGRAFIA DO COTIDIANO**

Eliana Sandri Lira



1 ALINHAVOS CARTOGRÁFICOS: INTRODUZINDO AO PROCESSO

Imaginava que isso seria
apenas uma forma de lidar com suas telas,
ou com o seu tempo livre;
Que essa produção constante de si e do mundo,
esse resultado e esse “caráter antropofágico”¹
que habitam seu “andar na vida”²,
fossem apenas uma forma de poetar o invisível
restrito aos tempos de livre escrever;
Que essa “esquizoanálise”³
era apenas uma esquizoorganização do cotidiano,
Que nenhum conhecimento, dali, seria possível;
Que esse espaço invisível ao “olhar material”⁴
seria uma linha para fugir da verdade;
Apenas um canal
por onde passariam certos devires.
Nem percebia que esses alinhavos
eram a essência.
(Eliana Sandri Lira)

Viver o processo cartográfico de produção desta dissertação no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGcol), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), implicou o pouso da atenção e o reconhecimento atento na exploração da trajetória de um serviço de saúde regional, descrevendo-o. A partir de elementos e componentes do território, com motivos e contrapontos profissionais, coletei pistas que refletiram os processos de trabalho e de vida e as possibilidades de aprender considerando cenas, vozes, fatos, encontros e a produção de subjetividade.

Na perspectiva de Guattari e Rolnik (1986, p. 26) a subjetividade é “fabricada e modelada no registro do social”, descentrada do individual e do grupal, processo de produção como “vontade de potência produtiva”. A produção da subjetividade nesta pesquisa está relacionada ao material cotidiano, resultado de “entrecruzamentos de determinações coletivas” (Guattari & Rolnik, 1986, p. 34). Adiciono: de aprendizado, de trabalho, de vida e suas mudanças, um processo coletivo e político que se dá ao nível do desejo em que múltiplos vetores se atravessam num plano infinito de conexões e agenciamentos.

Deleuze e Parnet (1998) indicam que a partir dos materiais de expressão do cotidiano, da vida e de elementos que nos envolvem, produzimos agenciamentos num plano consistente que torna possível e efetua o desejo. Assim as produções que seguem neste texto descrevem os

¹ Rolnik (2016).

² Ceccim (2005).

³ Deleuze e Guattari (2010).

⁴ Rolnik (2016).

movimentos do desejo diante do desafio de produzir conhecimento no contexto do trabalho em saúde entrelaçado com a construção de si, da vida e dos saberes. Esses movimentos aconteceram em oito anos de trabalho (2011 a 2019) iniciando com o estranhamento de uma pedagoga chegando ao serviço regional de saúde.

Abordo características contemporâneas que, a partir da literatura e do nosso cotidiano, revelam em uma perspectiva de “experiência vital de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida” (Berman, 1986, p.15), o compartilhamento nos diferentes ambientes: profissional, social e familiar. Esses modos de compartilhar as experiências provocaram diálogos com as obras, principalmente, as de Bauman (1999; 2001; 2007; 2017); Baudrillard (2008); Sennet (2006; 2009); Beck (2018); Giddens (1991); Berman (1986); Santos (2000). As vivências cotidianas geraram pistas para a compreensão do contexto de trabalho cotidiano, produziram questionamentos sobre os modos de produção no trabalho, apontando o desperdício da experiência (Santos, 2000), e os diferentes modos de reconhecer o outro na produção coletiva.

Um processo singular, em dobra, de onde emerge a vida que aponta as possibilidades de conhecimentos e constituição de si no cotidiano do trabalho, experiências vitais que fazem falar, apreender e produzir, mas que não se fecham ou se reduzem. Nesse movimento a experiência funciona como “referência para a criação de modos de organização do cotidiano”, um “caráter processual da existência” (Guattari & Rolnik, 1986, p. 38).

Antes de prosseguir é preciso fazer um pouso - parada no movimento (Kastrup, 2015) e não do movimento - para lembrar que sou pedagoga e que a minha experiência, conhecimentos e habilidades, anteriores ao ingresso na saúde, estavam voltados à aprendizagem escolar. Também, voltada às relações ensino-comunidade, preocupando-me em integrar o aprender com o território e a realidade da vida dos educandos e suas famílias.

O desejo de trabalhar a educação na saúde atravessou meu caminho em 2007, quando prestei concurso para a Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul, para o cargo de pedagoga, na área de saúde e ecologia humana⁵. Porém, enquanto não havia nomeação, continuei meu itinerário na educação infantil e séries iniciais e como psicopedagoga, e um ideal de trabalho sendo construído. Assim se passaram quatro anos.

Em 2011 aconteceu a nomeação para a Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, em meio à vida já organizada e rotas previamente estudadas. E com isso um estranhamento: seria preciso guardar aquele mapa tão bem desenhado e conhecido, suas rotas e pontos de encontro, para reconfigurar o olhar, movimentar-se em terreno estrangeiro, e desenhar outro mapa?

A chegada em um novo serviço não rompeu com as vivências já construídas, embora a sensação fosse essa. A mudança na rota foi continuidade, produzindo outros desenhos, linhas e não um novo mapa, mas novas rotas na vida profissional. Assim, fui descobrindo e entoando uma canção própria, um modo de seguir sem abandonar a minha realidade passando a despolarizar o aprendizado, e a construí-lo entremeios (Deleuze & Guatarri, 1997).

⁵ Edital de Concursos nº 01/2016 da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, o cargo consistia em realizar atividades de saúde pública, ecologia humana e desenvolvimento de programas.

Esse processo de aprendizagem - o processo vivido no entremeio da produção, entre os agenciamentos possíveis com o que consegui coletar de elementos da caminhada e deixar ressoar, entre lembrar, narrar e escrever, pensar, pesquisar e formular/reformular... um infinito de entremeios e tramas - provocou continuamente a produção cartográfica.

Dessa forma, retornando ao movimento, me acompanha nesta pesquisa um corpo que deseja, que vibra, que se pergunta sobre a fabricação de conhecimentos e a inquietação com as mudanças percebidas nos processos de trabalho e nas relações cotidianas. Perguntas que pedem passagem, ficam afrontando e obrigando a pensar, recortando o tempo e trazendo elementos importantes, insistentes questões acerca da vida e do trabalho. O que poderia impulsionar minhas buscas senão estas perguntas, retornos constantes, “ritornelos”, que voltam, multiplicam e insistem a produção? Movimento que se empodera do sujeito e extrai dele velocidades, intensidades e afetos, a partir do meio e dos agenciamentos que são produzidos com ele? (Deleuze & Guattari, 1997; Deleuze & Parnet, 1998).

Ritornelos, que se dão em agenciamentos territoriais, expressam o dinamismo dos movimentos territorializar, desterritorializar, reterritorializar, “três aspectos numa só e mesma coisa”, simultâneos e misturados, movimentos que habitamos durante a vida a partir do chão em que nos encontramos (Deleuze & Guattari, 1997, p. 102). Os ritornelos fazem vibrar os agenciamentos que produzimos coletivamente, a partir da relação com o território, com a terra.

A cartografia do cotidiano fala desta produção que acontece nos encontros, a partir das mudanças nas atividades, propostas de organização e processos de trabalho, linhas da vida e tempos vividos, perguntas e problematizações. Encontros que provocaram a “travessia” entre o conhecido, os novos experimentos e vivências, e a produção de novas possibilidades de aprender e trabalhar (Ceccim & Ferla, 2008). Relação de um plano mais duro, um plano organizado, com um “plano da imanência”, um “plano consistente” “continuo de intensidades”, “conjugações de fluxos”, onde acontecem os agenciamentos a partir desses afetos e intensidades (Deleuze & Parnet, 1998, p.115).

Experimentando o desejo e sua constituição de “diferentes linhas que se entrecruzam, se conjugam ou se impedem” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 114), dei passagem ao tempo, às chegadas e partidas, à caracterização do serviço, à implicação e à história e pude compreender os múltiplos conceitos, sem o interesse de produzir “verdades”, explorando os modos de habitar o tempo e construir o presente (Costa & Fonseca, 2007).

As análises nesta cartografia são construções singulares, não revelam identidades e falas nos mesmos termos da realidade vivida, porque não reproduzem a história, mas o ressoar na vida e no trabalho, sendo elaboradas na escrita como expressão (Fonseca, Zucolotto & Hartmann, 2012). Numa colheita de pistas para cartografar uma trajetória, no sentido que escrevem Deleuze e Parnet (1998, p.8) “achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar, pois reconhecer é o contrário do encontro”.

A trajetória vivida nesta cartografia, da qual foram extraídos elementos importantes, é um recorte de um tempo, dentro de todo o tempo existencial do serviço no território, uma linha produzida por meio da experiência e dos processos de trabalho vividos, “[...] uma espécie de linha de fuga ativa e criadora [...]” (Deleuze & Parnet, 1998, p.8), a partir da minha chegada, momento em que, para mim, o serviço regional de saúde passa a existir.

1.1 Dobras do Tempo: Linhas Cartográficas

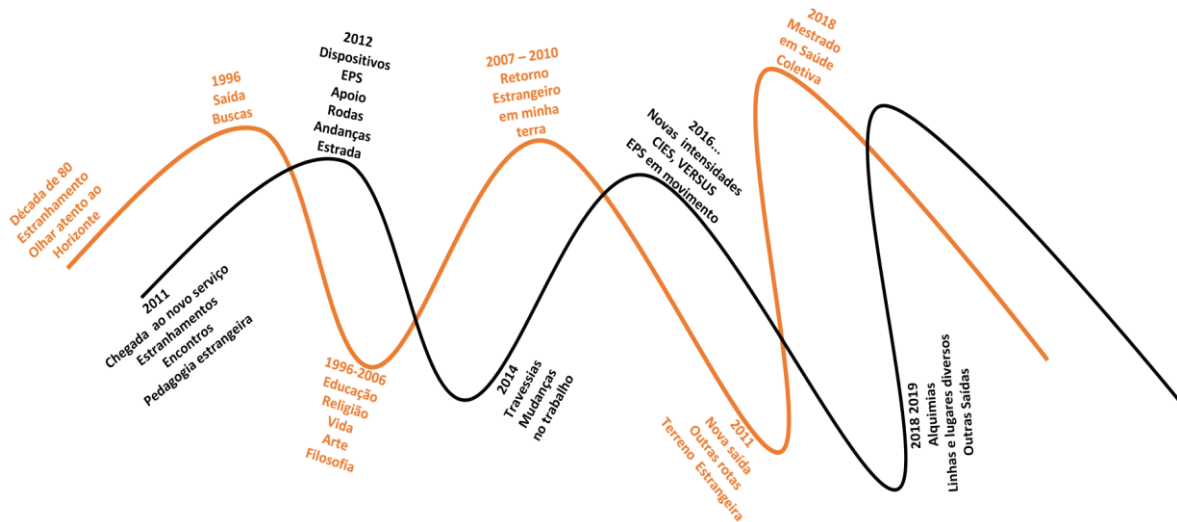
São ondas, não calmaria.
São curvas, não retas.
São ziguezagues,
Linhas cruzadas, tortas,
Corpo que grita, atrita,
Entorta e volta.
Linhas diversas,
Linhas conectas,
Linhas da terra,
Linhas do ser.
(Eliana Sandri Lira)

Ao falar das linhas cartográficas, ativas e criadoras deste processo, reconheço uma composição de rotas, notas e sons produzidos a partir do contato e do atrito com o território e o modo que escolhi de andar na vida. Dei visibilidade ao mapa dos caminhos por onde andei para situar onde pousei a atenção, pois o texto apresentado não é linear; segue os vislumbres cartográficos e sua potência criadora e produtora de saberes e modos de trabalhar, de viver e de ser. São as indagações acerca da vida que embalam e acionam as construções e permitem o encontro com o mundo, a percepção da própria existência, buscas em movimentos cíclicos, orientados pelo desejo.

O exercício de apresentar acontecimentos e agenciamentos “dando-lhes coordenadas de expressão e de conteúdo” (Deleuze & Parnet, 1998) foi um desenho cuidadoso, porque se trata de permitir a velocidade e o ritmo de criação e suspender algumas ideias a serem desenvolvidas em pousos e janelas, ao mesmo tempo em que mostra desestabilizações e sinuosidades da geografia dos espaços percorridos.

A imagem (Figura 1) dá visibilidade às minhas andanças e conexões e à integração dos tempos vividos. Há uma linha que delimita o tempo vivido no serviço (linha preta), tempo de pesquisa, e uma linha que é chamada a partir dessa vivência (linha laranja), porém ambas constituem uma única história. Constituem movimentos de dobra, para dentro e para fora, fluxos contínuos.

Figura 1- Linhas, tempo e acontecimentos

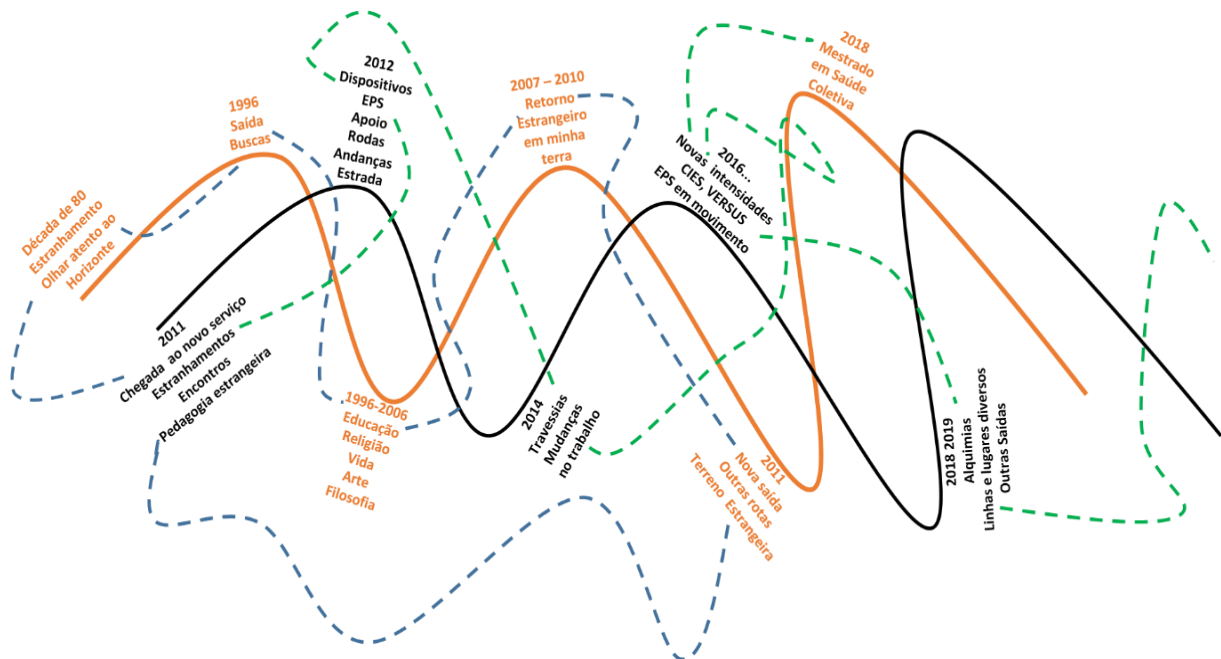


Fonte: Elaboração da autora. Legenda: Linha preta: tempo vivido no serviço, tempo delimitado para a pesquisa. **Linha Laranja: linha de vida que atravessa a pesquisa**

O desenho das linhas indica que há vales e montanhas no processo. Nos vales uma vontade de lançar-se, um voltar-se ao próprio ser e realidade; para baixo é para o centro de dentro, que também é o dentro de um fora que está sempre a implicar. As montanhas, para cima, subir a colina, um movimento que pode abrir os olhos a outras paisagens, o fora do dentro, o fora do fora, que permite ver a amplitude dos caminhos traçados e os novos horizontes desconhecidos que esperam a trilha. As linhas iniciam subindo a colina e concluem apontando para os vales: amontoados de potência. Um processo contínuo que não se dissolve em pontos, a partir dos afetos que vão curvando a linha da experiência (Deleuze, 1991).

A partir dessas linhas prossegui a expedição em diferentes entradas e saídas, um processo vivo, ramificado no campo pesquisado e nos fios de vida que tecem a escrita compondo assim novas linhas e devires. Na Figura 2, as linhas azul, verde, laranja e preta se interrelacionam e produzem intensidades e agenciamentos.

Figura 2 - Outras intensidades, caminhos e agenciamentos.



Fonte: Elaboração da autora. Legenda: Linha azul: movimentos de costura entre o tempo de pesquisa, memórias e processos (re)vividos. Linha preta: tempo vivido no serviço. Linha laranja: linha das vivências que foram chamadas a partir do tempo vivido no serviço. Linha verde: movimentos que aconteceram a partir da chegada em um novo serviço e inter-relacionam-se as demais linhas.

1.2 Sobre o chão e os afetos e a coragem de ser multiplicidade

Abandonando a zona de conforto,
 Entra em cena a zona da insegurança;
 As concepções se misturam, vão e voltam
 E, a partir daí, as certezas dançam.
 (Eliana Sandri Lira)

Produzir a partir do chão e das diversas manifestações que se atravessaram no campo de pesquisa é deixar as certezas em relação aos discursos e práticas pré-estabelecidos. É optar por seguir uma produção de linhas diversas, criativas, saindo de uma lógica hegemônica, permitindo uma linguagem que se desenrole e se mova a partir da experiência e da micropolítica (Guattari & Rolnik, 1986) produzida na trajetória analisada.

Essa produção implicada de conhecimento não totaliza ou reduz a verdades, ela produz novos territórios de existência a partir da vida, do encontro com o outro e da pertença ao lugar de onde falo, conectando formação e trabalho (Merhy, 2018). Para Merhy (2018), a implicação com a realidade coloca o corpo em novas experiências e ferramentas que podem dar visibilidade aos processos vivos de conhecimento e, com isso, desacomodar,

desterritorializar. São conheceres em movimento que fazem sentido aos coletivos e “permitem ao sujeito implicado agir sobre o mundo e determiná-lo na direção de rumos nem sempre previstos” (Merhy, 2004, p. 22).

As perguntas acerca da produção de conhecimento, que sempre retornam, as rotas e andanças na vida e no trabalho e os estranhamentos cotidianos fazem parte do campo complexo da saúde coletiva; que me envolve e apresenta diferentes paradigmas acerca do cuidado e do conhecimento e me solicita continuamente a ser multiplicidade.

Luz (2009, p. 304) aponta a coexistência de diferentes paradigmas na produção de conhecimentos no campo da saúde coletiva: “multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar”, evidenciando “seu hibridismo epistemológico”, “sua complexidade na produção de conhecimentos, de intervenções de estilos de expressão das diferentes disciplinas incluídas no campo”. A complexidade do campo da saúde coletiva permeia práticas, discursos e expressões considerando os diversos agentes que intervêm nas práticas e na produção de saberes. Dessa forma, Madel Luz aponta que o campo da saúde coletiva se caracteriza pela sua irredutibilidade discursiva, prática e de expressões de sua produção. Reduzi-lo a uma única dimensão significaria diminuí-lo e empobrecê-lo.

Abrahão e Merhy (2014, p. 318) sugerem que adentremos ao coletivo com nossas vivências e conceitos e nos atualizando a partir da realidade e, dessa forma, “permitir que as multiplicidades do plano do cuidado sejam experimentadas e agenciadas pelos múltiplos sujeitos em produção, remete ao entendimento de que cada sujeito em produção é multidão e que nos constituímos na multiplicidade”.

Envolvida com estas questões, descobri uma produção colaborativa entre os saberes circulantes no campo de pesquisa e fui mapeando, coletando pistas, analisando e desenvolvendo conhecimento e interrogações sobre ser trabalhadora da saúde coletiva, constituída por um núcleo de saber pedagógico frente a um campo imenso de possibilidades de formação, de práticas, de saberes e expressões.

Uma pesquisa desterritorializada, ramificada, a partir de agenciamentos, (Deleuze & Guattari, 1977) no cotidiano em que produzimos narrativas da condição humana (Bauman, 2001). Ao mesmo tempo, apresentamos dilemas enfrentados no trabalho, “temas quentes” (Luz, 2009, p. 309) em relação ao tempo (Baudrillard, 2008; Bauman, 2001; Giddens, 1991), à produtividade (Baudrillard, 2008; Bauman, 2001; Sennet, 2006), à fluidez nas relações (Baudrillard, 2008; Bauman, 2001, 2017; Sennet, 2006, 2009;) e nos laços comunitários (Bauman, 2001, 2017).

As inquietações em relação ao trabalho coletivo e os processos individualizados podem estar relacionados às características contemporâneas de um tempo denominado “líquido” (Bauman, 2001, 2007), do consumo e da abundância (Baudrillard, 2008), leve (Sennet, 2006), dinâmico (Giddens, 1991), moderno e reflexivo (Beck, 2018), em transição paradigmática (Santos, 2000). Ao nos envolver em constantes provocações nos desafia a aproximação e reconhecimento do território, a lidar com os preconceitos que temos: ideias sólidas e ideais sobre o território, equipe, usuário e serviço. Além de lidar com uma construção singular sempre em movimento, com rotatividades e necessidades de qualificação, precisamos compreender esses movimentos no outro e juntos. A questão parece ser: enxergar produção

de saber nas diferentes experiências que temos, valorizar o outro como produtor de conhecimento nos diferentes contextos e aproveitar essas experimentações na construção de novas possibilidades de trabalho.

O tempo presente, contemporâneo é “multicultural, exerce uma constante hermenêutica de suspeição contra supostos universalismos ou totalidades” (Santos 2000, p. 27). Não desperdiçar a experiência, o pensamento crítico e a crítica do próprio pensamento, voltar às perguntas simples, identificar se todo o conhecimento enriqueceu ou empobreceu as nossas vidas podem ser interrogadoras de nossas ações cotidianas.

Somos contemporâneas, vivemos experiências intensas e mudanças constantes próprias de nosso tempo. Os autores que guiaram este trabalho, ao abordarem características da sociedade atual, identificam este período como um momento importante para a reflexão sobre a fluidez das relações sociais, dos sentidos do trabalho, do consumo, da tecnologia. Nesta direção, a rapidez das mudanças, a liberdade de escolha e as possibilidades também são geradoras de questões polêmicas, diferenças e incertezas e se refletem no trabalho, em um momento de insegurança em relação ao futuro.

Bauman (2017) diz que vivemos algumas nostalgias em relação à segurança, aos valores e a um ideal de vida em sociedade semelhante à solidez do passado. Mas, também, compartilhamos necessidade de autoafirmação e de superação, de produção de novas formas de viver, trabalhar, compreender as relações interpessoais e organizar a vida em sociedade. A capacidade de lidar com a vida como real, como afirmação, como desejo, é algo a ser alcançado no atual modelo de mundo que compartilhamos cotidianamente, assim como a superação de si mesmo, reconhecendo a força de potência que é a própria vida como realidade e desejo (Mosé, 2018).

Esse processo de conhecer, ligado a temas e indagações do vivido, é perceber-se multiplicidade no cenário de pesquisa, produzindo e coproduzindo relações sendo matéria de análise e analisando a realidade em ação: “ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede” (Foucault, 1984, p. 70). Isto tudo, a partir dos objetivos e desejos propostos, porém com a mobilidade necessária a construção de saberes a partir de nossas implicações enquanto protagonistas das práticas e fazeres diários (Merhy, 2004). Práticas como “um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra”, múltiplas relações na construção de conhecimentos implicados (Foucault, 1984, p.70).

Aprender a partir desses afetos impulsiona os movimentos do desejo, saltos e invenções, um processo que se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies (Guattari & Rolnik, 1986), em diferentes lugares, promovendo redes de aprendizado vivido. Observar esses elementos ao longo do tempo ajuda a compreender que a experiência de trabalho é feita pelas diferentes relações, falas, conceitos e pelas diferentes formas de aprender, saber e viver. Além do mais, nossos movimentos vibram em um jogo insistente de aproximação/separação, que ora vibra pelos movimentos coletivos, ora teme a exposição e assim vamos construindo nossas redes de trabalho e colaboração.

Os movimentos do serviço me provocaram a resgatar a trajetória para compartilhar e, quem sabe, produzir outros saberes. Neste sentido fabriquei uma linha de fuga que passa pelo

“deslocamento do óbvio, do natural, aquilo que nos é invisível, exatamente por ser próximo”, e pela observação de “arranjos de fluxos que constituem a nossa atualidade” (Costa & Fonseca, 2007). Assim me descobri pesquisadora “in-mundo”⁶, produzindo diferentes modos de indagação do vivido, implicada com a construção do conhecimento e produção de afecções, referências, motivações e relações de saber-poder diante dos encontros (Abrahão, et al., 2016, p. 134).

Essa implicação apontou alguns desafios ao longo da trajetória: construir possibilidades alternativas e compor com a diversidade (Bauman, 1999); resgatar a valorização das experiências locais e da solidariedade como saber; promover redes de aprendizado, o caráter coletivo, múltiplo e equitativo para o trabalho (Santos, 2000). Reconheci que o modo como funcionamos neste fluxo do tempo (Costa & Fonseca, 2007) que se constitui de diferentes agenciamentos, embala o movimento vital de autotransformação e transformação das coisas ao nosso redor (Berman, 1986), mexendo com as diferenças geracionais, culturais, formativas, axiológicas, e expectativas em relação ao trabalho (Sennet, 2009; Veloso, Dutra & Nakata, 2016; Quintanilha, 2017; Fantini; Souza, 2015; Lima, Carvalho Neto & Tanure, 2012) e nos desafia a compor novas variações (Costa & Fonseca, 2007).

Merhy (2014) nos ajuda a pensar sobre as diferentes formas de trabalhar e compartilhar o que fazemos no cotidiano. Aponta que muitas mudanças acontecem, o tempo todo, no território das “tecnologias leves” que operam nas relações, nos encontros entre o trabalhador e o usuário e das tecnologias “leve-duras” os saberes nos processos de trabalho, nas práticas cotidianas e na capacidade de gerar novos modos de produzir o cuidado. Assim, para o autor, é interessante mapear como produzimos nossas relações, como são os fluxos na nossa organização, como trabalhamos coletivamente, como falamos dos processos para transformar nossas experiências do cotidiano em experiências formativas e compartilhadas.

Envolta a essas questões percebi que temos nos afastado do “olho no olho” (as boas conversas fabricadas e compartilhadas, a confiança e a cumplicidade), enfraquecendo o reconhecimento do outro como produtor de conhecimento e dos diferentes modos de nos relacionar com os instrumentos de trabalho. As experiências que estamos vivendo no trabalho, parecem ser de territorialização, e “mal-estar” (Fonseca, 2002). Fechamos um círculo e nos protegemos ali. Porém, diante dos desafios de qualificação e sustentação do Sistema Único de Saúde (SUS), ao qual fazemos parte e o construímos dia a dia, ensaiamos alguns movimentos de abertura, olhamos para fora, organizamos alguns modos de produzir outros conhecimentos, outros espaços e mobilizações.

Busquei na trajetória do serviço cenas, fatos e vozes que traduzissem essa multiplicidade destes movimentos, as possibilidades de aprender com a experiência, de construir as próprias cartografias, de invenção cotidiana como forma de enfrentamento a lógicas duras de convivência e construção de espaços que nos façam sentir bem (Guattari & Rolnik, 1986). Vou contar como aconteceu a pesquisa, transitar pelos meios que despertaram o desejo de produção cartográfica e contribuíram para as buscas e estudos ao longo desta proposta.

⁶(Abrahão et al., 2016, p 134): o termo “in-mundo” foi utilizado por “Ricardo Moebus, pesquisador-doutor da Linha de Pesquisa Micropolítica do Trabalho em Saúde da UFRJ, durante uma discussão sobre metodologia para designar a implicação do pesquisador com o objeto”. Utilizo aqui este termo para demonstrar que o trabalho em saúde é um trabalho implicado com o território em nível micropolítico e macropolítico.

Destaco que, a “fonte de energia e material criativo” (Berman, 1986, p.169), é o próprio percurso, rastreado, tateado e explorado nessa expedição cartográfica.

1.3 A escrita no contexto da pesquisa

Reconhecer atentamente,
de forma que toda expressão seja matéria prima
para produção e escrita.
Que o narrador brotado de pequeninas⁷
possa poetar⁸ o invisível,
seus movimentos, sua trajetória.
(Eliana Sandri Lira)

Se estivermos atentos ao cotidiano do serviço de saúde ouviremos muitas vozes, viveremos muitos encontros, cenas e fatos, reais, intensos, provocadores. Vozes mais suaves, encontros, cenas e fatos mais brandos são menos comuns, mas isso faz parte da rotina e dos encontros; momentos mais intensos, cobranças, falhas nas redes de atenção à saúde, e nos serviços são mais corriqueiros.

Há momentos de sucesso e resultados de intervenção quando aprendemos em conjunto, quando numa atividade coletiva reconhecemos as potencialidades de cada profissional. Mas, também, há frustrações e paradas diante das dúvidas, da organização dos processos de trabalho, da fragmentação das relações, dos desafios e rotas de trabalho. Nesta cartografia, andei sempre pelo meio, cheia de pequeninas habitando meu pensamento, vozes ressoando em minha vida, cenas e fatos passando em minha memória, e a fluidez contemporânea a sugerir constante atualização.

Esta realidade provocou a necessidade de encontrar uma forma de expressar essas questões e escrever no contexto da pesquisa. Isso tudo ganhou sentido em um determinado momento em que pousei minha atenção para dialogar com materiais e livros, e encontrando-me com Fonseca, Zucolotto e Hartmann (2012), Galeano (2002), Deleuze e Parnet (1998), Deleuze (1988), Rolnik (2016), Ponty (2002) e Barros (2010) descobri a possibilidade de uma escrita como expressão em que o autor/produtor - neste caso a pesquisadora que dá passagem aos elementos do cotidiano - é brotado de gente, de vida e de acontecimentos.

A partir daí, outros encontros foram acontecendo ao longo da produção e fui construindo a ideia de chamar a própria escrita de “poetar” para explicar a forma autoral e própria de escrever a partir da escuta do cotidiano. Uma forma de colocar na produção escrita os acontecimentos da trajetória vivida. Para Deleuze (1974, p. 151) os acontecimentos “pré-

⁷ “Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória, coletiva, está todo brotado de pequeninas” (Galeano, 2002, p.12).

⁸ Poetar: compor obras, fazer versos, cantar (Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 2015). Foi a primeira palavra que acendeu no pensamento quando chegou o momento de escrever e tem relação com forma como expresso e experimento o mundo.

insistem a linguagem”, tornam a linguagem possível, “esperam-nos e nos aspiram, eles nos fazem sinal”, são singulares, por isso particulares e coletivos ao mesmo tempo.

Por isso uma escrita que não descreve a paisagem como ela é, antes os agenciamentos e devires de quem pesquisa e se implica com ela. Por isso uma escrita “invisível” para exprimir como os acontecimentos se efetuam, o que permito e quero do que acontece, o que este acontecimento vibra em mim, me faz viver e falar, para expressar o que pode ser vivido, dito e sentido.

Assim surgiu “poetar o invisível”, uma expressão que guarda a potência de transformar a trajetória em uma escrita que possa ao mesmo tempo apresentar os movimentos de aprendizagem e a produção de si, abrindo espaços, fendas, para que o leitor encontre, desenhe outras linhas para outras reflexões.

Poetar o invisível, com as vozes, cenas e fatos que atravessaram a trajetória analisada é dizer o inesperado, o incomum, o que reverbera a escuta do cotidiano - é uma forma de compor uma obra viva. É experimentar a existência dos acontecimentos. É palavra de uma experiência coletiva, plural, singular de experimentação na estrada, com os movimentos da trajetória, dizendo “o que absolutamente não se pode ver” (Fonseca et al., 2012, p. 49). Esses movimentos possibilitaram produzir conhecimento e compreender as expressões “pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for [...]” (Galeano, 2002, 14).

Não é somente substituir uma percepção por uma ideia “por um sinal convencionado que a anuncia, evoca ou abriga” (Ponty, 2002, p.19). Há muito que aprender a dizer, talvez nem tenhamos ainda inventado todas as expressões para todas as experiências, por isso a construção e o texto de uma trajetória de experiência no trabalho precisam ser originais e únicos. Precisam juntar elementos que caracterizem o acontecimento de produção e mudança e que acendem o desejo e deslizam para outros campos sua produtividade. O que se produz e deixa expressar pela escrita “é antes um fluxo a se remexer para todos os lados e friccionar pacotes abarrotados de potência” (Ponty, 2002, p. 19).

Escrever, neste contexto, é provocar “aparecimentos e desaparecimentos da figura de quem escreve” (Fonseca et al., 2012, p. 49). Apagar o autor e dar acesso ao pensamento e reverberação - “quem fala ou quem escreve está inicialmente mudo” (Ponty, 2002, p.22) - ao que quer significar e dizer. Uma “escrita desfilhada” de sujeito e objeto, expressão como produção singular, “movimento de um afeto que não se cansa de esvoaçar” (Fonseca et al., 2012, p. 49). De forma que a escrita possa devolver ao escritor seu pensamento - e insisto que este pensamento derrama os acontecimentos - quando este o tiver esquecido (Ponty, 2002).

Parece que essa forma de escrita se espraia diante do processo vivido, uma escrita-“rizoma” (Deleuze & Guatarri, 1995) que é diferente em cada ponto da caminhada, entretanto não é deslocada e se amplia. Expressa uma força invisível que move as compreensões no trabalho nas ações e relações e que ressoa na realidade, movimenta potenciais e promove o “raio” (Deleuze, 1988) que faz clarear e ver. Assim funciona abrindo espaço à análise e ao aprendizado.

Esse processo de escrita pode ser considerado autobiográfico, mas é preciso entender que, aqui, “auto não significa a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade

do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico” (Rolnik, 2016, p. 22). Dessa forma o desejo de produção autoral, próprio, criativo e vibrante passa a guiar o desenvolvimento e a construção cartográfica. Assim optei por assumir os estranhamentos da caminhada, com a disposição de transitar entre a realidade do território do trabalho, a subjetividade produzida nesse caminhar, propondo agenciamentos e alinhavos, para a representação destes movimentos.

Os alinhavos que aqui representam o trânsito entre tempos, meios diferentes, um passado, um presente, uma janela de futuro e a pesquisadora juntando ali, em um segundo específico em momento de atenção, sem princípio ou fim, seriam responsáveis pela conexão das multiplicidades produzidas neste trânsito. Para Deleuze e Guattari (1995) é uma questão de semiótica, mudar a forma de perceber as coisas, percebendo-as pelo meio, em “zigzague” (Deleuze, 1988), passando por entre, alinhavando, puxando (Guimarães, Ceccim & Leipnitz, 2018).

Para Deleuze (1988) assumir essa proposta é compreender o zigzague como “o movimento elementar, o movimento que presidiu a criação do mundo”, o grande “Z”, “o voo da mosca” (ZZZ), o “Zen”. Um movimento de encontro,

[...] algo que passa ou que se passa entre dois [...] não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois, já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois, que tem sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução a-paralela (Deleuze & Parnet, 1998, p. 15).

Esse movimento, para Deleuze (1988) seria como um raio que propaga e faz ver, que quebra imagens prévias do saber, quando há a movimentação de potenciais e acontece o encontro. Um jogo entre o instituído e o institucional, movimentos entre verdades impostas e realidades “moventes e únicas em cada situação”, uma relação de “singularidades díspares” (Deleuze, 1988).

No movimento desta pesquisa o grande “Z” é isso, é a possibilidade de desconstruir as coisas previamente estruturadas, buscando novas formas de aprender na vida e no trabalho, permitindo essa movimentação, potenciais em movimento, encontros e o raio que ilumina. Acontecendo a criação, a propagação, a quebra e a novidade. Por isso o grande Z seria a criação que permite enxergar e desbancar qualquer pretensão.

No cotidiano do trabalho é importante compreender que o encontro acontece quando a pretensão se esfacela e descola. Quando o interesse de centralidade de um sobre os outros deixa de ser naturalizada e passa a ser interrogação, posto que não há como produzir conhecimentos quando há posições consideradas superiores seja em relação às pessoas, às culturas, às formas de expressão e aprendizado, e de conduzir a própria vida e saúde.

Nesta cartografia do cotidiano aparecem, na trajetória da pesquisadora, alguns abandonos de conceitos que asseguravam uma posição hierarquizada dos conhecimentos já construídos e existentes no território. Desbancar-se destas posições foi além de reconhecer que elas existem, precisou de um movimento inverso na lógica do trabalho, um movimento que mexeu com as certezas e as fez dançar no território frente as mudanças percebidas no cotidiano. O que não foi fácil, exigiu uma disposição para sentir-se estranha, aceitar a própria ignorância,

a desestabilização como ponto de partida para colocar em análise o trabalho, os conhecimentos, as produções e propostas de ação.

Estar em Z, em ziguezague, requer esse salto, esse encontro que reconhece na realidade possibilidades de produção de conhecimento, aprendizado coletivo, como referem Guimarães, Ceccim e Leipnitz (2018) reconhecer que há potência no trabalho multiprofissional, na interdisciplinaridade, na construção transdisciplinar, na integralidade e na humanização, na intersectorialidade e no compromisso com o Sistema Único de Saúde.

Dessa forma, em respeito ao grande Z, vou apresentando os movimentos nômades do desejo, acolhendo metas móveis e escolhendo rotas diante dos desafios do cotidiano. Uma forma de aprender guiada pelo caminhar e mediada pelos elementos recolhidos ao desenhar o mapa da trajetória analisada e alinhar seu contorno.

1.4 Movimentos do desejo

Traçar linhas e rotas,
mapas, histórias, geografia.
Encontros, desencontros, realidade.
Encharcar, misturar, espremer e derramar.
(Eliana Sandri Lira)

Reconhecer que os desejos que se expandem sobre a realidade nos movem, eles são potência, agenciamentos e produtores de conhecimento, representando um “conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 43). Os movimentos da própria vida nos iniciam no processo de construção de conhecimentos de maneira reversa. Para Regis e Fonseca (2012, p. 272) movimentos são muitas vezes singulares e sempre históricos, portanto, “impassíveis de captura em leis e regras generalizadoras estabelecidas *a priori*”.

Pensar em arranjos que atravessam o entorno de si o tempo inteiro, refazer passos a partir do movimento do território com estratégias e bússolas guiando a atenção e os modos de olhar caracterizou o movimento de busca da produção de conhecimento, vivendo a imprevisibilidade, a incerteza e os desafios que implicam estar em campo (Santos & Mendes, 2016). Com que ciência, com que método é possível compreender o próprio cotidiano construindo agenciamentos a partir do desejo?

Para Deleuze e Guattari (1995) esta produção de conhecimento se faz com uma ciência nômade. Nessa direção, a possibilidade de fazer este tipo de ciência - traduzindo trajetórias a partir de cenas, implicações, agenciamentos e produções por meio da experiência - evoca a própria condição da vida que é “expansão (Regis & Fonseca, 2012)”. O compromisso com a

expansão da vida nos apresenta ou nos permite assumir a trajetória realizada como um movimento de criação, produção e ampliação do conhecimento.

Os movimentos de criação, construção, produção de conhecimentos e pensamentos são precedidos do encontro. É na experiência que podemos dizer que algo nos passa (Bondia, 2002), que dá sentido ao cotidiano, porque ali há multiplicidades e produção. O despertar da minha atenção para o desejo de construir conhecimento teve como guia minha experiência e acontecimentos no cotidiano do trabalho na trajetória do serviço de saúde regional e as intensas mudanças percebidas no contexto do trabalho em relação aos modos de habitar a contemporaneidade. Essa reconstituição de elementos da trajetória de um serviço de saúde, pela análise dos processos de trabalho produzidos nos encontros do cotidiano, desafiou a acolher o “caráter finito e ilimitado” do desejo que produz realidade (Rolnik, 2016, p.55).

O processo permitiu o finito ilimitado como critério, a expansão da vida como princípio, e a desterritorialização como regra (Rolnik, 2016). Foi um despertar para um pensamento multiplicidade, diferentes “dimensões”, “direções movediças” (Deleuze & Guattari, 1995). Uma produção rizoma, pelo meio, crescendo e transbordando, sem início ou fim, com muitas linhas “de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza” (Deleuze & Guattari, 1995, p.32).

Dessa forma vivenciei e expressei o trabalho como invenção e considereei como são as fabricações deste na história atual - no contexto da pesquisa - que se apresenta inacabada e em movimento (Fonseca, 2003), representada na pintura, a seguir, “Movimentos” (Figura 3), obra própria, que revela os saberes inscritos no corpo (Abrahão & Merhy, 2014). Uma tentativa de dar visibilidade aos movimentos durante a pesquisa.

Figura 3 - Pintura: Movimentos



Fonte: Criação da autora.

Na pintura temos o entre meio, movimentos acima, abaixo, aos lados, girando, retornando, fazendo combinações e misturas; foram os processos, muito juntos, misturados, atravessados por diferentes agenciamentos, até dissolver o eu, ser multiplicidades. Um eu desterritorializado, espalhado, derramado, que abre espaço para outros processos. Assim se movimenta. Assim aprende. Assim muda e se constitui. Assim inventa e põe os pés no chão. São movimentos muito concretos, ativados pela vivência cotidiana, a partir deste estar presente e da implicação com a própria caminhada. É estar face a face com os outros e consigo mesmo, sempre entre, mas sempre no chão, na terra, na realidade. Sem interpretar o que o afeta, mas desabrochando naquilo que o afeta, equilibrando agires e lembranças que se vinculam ao real (Abrahão & Merhy, 2014).

Assim funciona o desejo sempre agenciando com o mundo, feito de realidade, de vontades, de encontros e cenários. Quando eu desejo, eu desejo com o mundo, com o meu trabalho, com os enfrentamentos e dificuldades, com os sucessos, com as histórias que vivi e com as aprendizagens que construí. Também com os caminhos que percorri, as cidades onde vivi e vivo. Dessa forma, cartografar é ter presente essas realidades e lembranças.

Nesta pesquisa cartográfica descobri meus ritornelos (Deleuze & Guattari, 1997), como “enunciados parâmetros de consistência subjetiva que são convenientes para o cartógrafo, diante das vertigens dos fluxos desterritorializantes do próprio desejo e devires” (Fonseca, Costa & Kirst, 2008, p. 43). Ao longo da pesquisa cartográfica fui reconhecendo esses parâmetros: ao vivenciar um campo de pesquisa não linear, e a compreensão dos fatores, acontecimentos que contribuíram para sua produção; ao perceber que não há uma estrutura fixa nos elementos e relações; que o campo escolhido, primeiramente me escolheu, me provocou; que a minha produção é objetiva e subjetiva, porque é produzida pelo meu olhar de pesquisadora durante a vivência/exploração do campo; que este campo é rizoma, e o percurso da pesquisa é ziguezague; que as produções e análises, aqui apresentadas, podem ser consideradas um “ato de coragem”, por me colocar “face a face” com o fora, com o que não sabia e dar voz e vez a manifestações frágeis, erros e fracassos no processo da invenção do cotidiano (Fonseca et al., 2008).

Desse modo são meus ritornelos: o horizonte; a canção que embala a cartografia do cotidiano: as cenas, os fatos, as vozes, os sons; as perguntas que seguem comigo e são refrãos a se repetir, espalhar, instigar; a questão que retorna e retorna, ressoa e impulsiona, que pede sempre passagem, que vibra. Até meus poemas são ritornelos. Mas são ritornelos de ritornelos que podem ser gestos, conversas, demandas, dificuldades, desentendimentos, afetos, cores... um infinito de potencialidades.

2 TRAÇADOS, GUIAS E MAPAS DO ESTUDO

Que linha permitirá seguir tecendo a pergunta;
Que flexibilidade pode ter o problema;
Que itinerário as experiências podem apresentar
para que seja possível desenhar o mapa?
(Eliana Sandri Lira)

Eis que chega o tempo de apresentar como se teceu a trama e o dilema de produzir textos e juntar as experiências, momento este que desafia a capacidade de dar a conhecer os movimentos do meu cotidiano de aprendiz de pesquisadora-cartógrafa dando “língua para afetos que pediram passagem”, “mergulhada nas intensidades” do próprio tempo (Rolnik, 2016, p. 23). Talvez esse desafio seja particularmente importante, uma vez que se torna objeto de superação ao encontrar palavras e formatos para expressar os movimentos no cotidiano do trabalho observando a metodologia científico-acadêmica, sem perder de vista a leveza poética dos encontros e da vida.

Para a produção desta pesquisa foi realizado um estudo qualitativo que utilizou a cartografia, como conceito-guia (Deleuze & Guattari, 1995), explicitação metodológica de Passos, Kastrup e Escossia (2015) e descrição minuciosa do processo cartográfico proposta por Kastrup (2015); para a produção de conhecimento ao longo do processo de pesquisa, um recorte de 8 anos de trabalho: de 2011 a 2019.

A escolha da pesquisa cartográfica revela-se integrada à história da pesquisadora que conta suas experiências, que a fazem falar sobre as possíveis janelas que se abrem no processo de aprendizagem no trabalho. Essas janelas se abrem em função da mobilização da atenção para apreensão de elementos e conexões no campo de observação-atenção cartográfica, o próprio cotidiano.

Este estudo guiou-se por um campo subjetivo interconectado ao campo onde aconteciam os movimentos cotidianos e desenhou contornos a partir das vivências da pesquisadora. Dessa forma prevê “em vez de regras para serem aplicadas [...] a ideia de pistas” (Passos, Kastrup & Escossia, 2015, p. 13), que são referências para a abertura do pesquisador, que trabalha com a metodologia em processo - como se fossem passos - e não previamente estabelecida. Assim, a produção aqui apresentada se fez com agenciamentos e multiplicidades onde a pesquisadora-cartógrafa compôs com o mundo. Neste trabalho sujeito e objeto tem sentido em relação, na experiência, na relação de potenciais e na produção; a cartografia fez rizoma com o mundo do trabalho, ela não o representou, ela produziu linhas inseparáveis da experiência e da realidade (Deleuze & Guattari, 1995).

A produção deste trabalho seguiu os quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento (Kastrup, 2015). O rastreio é entendido como varredura do campo, que exige a habilidade de lidar com o movimento, em variação contínua,

acompanhando mudança de velocidade, posição, aceleração e ritmo, mas ressalta a importância da localização de pistas; a concentração é aberta, mas a atenção precisa estar em sintonia fina com o problema. Dessa forma a pesquisadora foi varrendo o campo e juntando pistas, fatos, vozes e cenas da trajetória.

Em relação ao toque "é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção" (Kastrup, 2015, p. 42); uma afetação que pode despertar a atenção do cartógrafo; um acontecimento, uma mudança na percepção que precisa de atenção.

O pouso é uma parada não do movimento, mas no movimento mobilizando a atenção para apreensão de elementos, conexões, como que em janelas que se abrem durante o processo. Onde pousei minha atenção? Na observação da minha experiência e da trajetória de um serviço regional de saúde, cujo campo de observação-atenção é o seu cotidiano, na última década.

O reconhecimento atento permite reconfigurar a atenção, observar os acontecimentos que afetam o cartógrafo em determinando momento e compreender não o objeto, mas como acompanhar o processo e ressignificação de suas percepções e memórias, por meio do mapeamento das cenas, experiências e vivências.

Há que se considerar que a seleção do material neste trabalho cartográfico se fez "através de signos e de forças circulantes" (Kastrup, 2015, p. 15); em um mapa aberto "conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes" (Deleuze & Guattari, 1995, p.12). Por isso o sentido desta cartografia foi o "acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas" (Passos et al., 2015, p. 10).

Esta pesquisa cartográfica permitiu a produção e a movimentação do desejo (Deleuze & Guattari, 1995), propôs "uma reversão metodológica [...] aposta na experimentação do pensamento, um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude" (Passos et al., 2015, p.10). Cartografar se fez potência movimentada pela pesquisadora a partir do chão de sua própria trajetória.

Por meio dos movimentos de observação, reconhecimento e atenção fui percebendo mudanças nos processos de trabalho, nas práticas profissionais (incluindo na própria prática) e na micropolítica da instituição e procurando responder às inquietações que surgiam no caminho.

Assim, os desejos de pesquisa se produziram a partir da necessidade de compreender a trajetória de oito anos (2011 a 2019) de um serviço de saúde regional do Sistema Único de Saúde (SUS), no Estado do Rio Grande do Sul. Traduziu-se em uma experiência singular, que trouxe o reconhecimento do cotidiano, dos movimentos do desejo e das relações com a contemporaneidade. Para alcançar tal proposição foi preciso, como objetivos específicos: a) Mapear a minha trajetória e a do serviço de saúde a partir de cenas, vozes, fatos e as relações percebidas; b) Identificar as mudanças nos processos de trabalho no serviço regional de saúde e c) Descrever os processos que fortaleceram o trabalho coletivo.

2.1 Rastrear o campo: uma a experiência que atravessa o conceito

De amontoados de potência,
tomei punhados de vida:
espalhei, senti, experimentei,
aguardei sua germinação e
os brotos me acordaram saindo da terra.
(Eliana Sandri Lira)

Rastrear o campo foi um movimento da pesquisa cartográfica que alinhavou um roteiro a ser explorado e localizou pistas para a construção da análise, a partir dos desejos do estudo. É preciso ressaltar a importância deste movimento atento, porém sem elementos pré-determinados a serem encontrados, permitindo os estranhamentos necessários diante dos movimentos da trajetória. Dessa forma tenho o tempo oito anos de trabalho; um campo rizomático: problematizado e explorado pelo meu olhar de pesquisadora (Fonseca et al., 2008), o serviço regional de saúde; uma trajetória profissional e pessoal e agenciamentos por entre estas ordens, realizados em ziguezague.

A partir do envolvimento com estes elementos apresento as pistas que despertaram a minha atenção e permitiram os movimentos da produção cartográfica. São quatro pistas assim nomeadas: pista 1: Estranhamentos; pista 2: Um novo serviço, uma estrangeira na saúde; pista 3: Mudanças nos processos de trabalho; pista 4: Contemporaneidade.

A pista estranhamento foi selecionada quando do impacto com a chegada no serviço de saúde regional, em 2011, momento em que surgiram estranhamentos e perguntas sobre a nova rota de trabalho; despertando em mim o “bloco da infância”, “matéria de experimentação” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 95). A lembrança da primeira vez que me vi pensando sobre certo desconforto diante do território onde vivia e os acontecimentos cotidianos; o caminho de estudante e profissional de 1996 a 2011, na produção de um itinerário formativo, busca de segurança na vida e no trabalho. Sensação de incômodo e uma pergunta (aparentemente simples): como produzir conhecimentos e permanentemente estar aprendendo com o próprio cotidiano do trabalho?

Um novo serviço, uma estrangeira na saúde é a pista que abre para a construção de territórios existenciais e a busca de uma definição diante das mudanças e exigências profissionais. A intensão de explorar esse novo espaço faz ressoar e ampliar a pergunta da chegada ao serviço: Como integrar educação e saúde em um serviço de saúde regional? Como produzir conhecimentos e práticas no cotidiano do trabalho e aprender permanentemente agora em terreno estrangeiro?

Ao assumir a trajetória fui me envolvendo e produzindo, acompanhando as mudanças no processo de trabalho - pista três - e nas práticas profissionais. Acompanhei e participei de

acontecimentos que considero importantes para meu aprendizado nestes oito anos vividos no serviço regional de saúde:

- a. Conhecimento do território a partir do processo de regionalização: que definiu as regiões de saúde, no estado do Rio Grande do Sul “espaços geográficos como referência para a análise socioeconômica da situação de saúde e para o dimensionamento da capacidade instalada, produção de serviços e fluxo de acesso, além do princípio de planejamento ascendente e integrado” (Rio Grande do Sul, 2016, p. 21).
- b. Entrada de novos profissionais no espaço de trabalho, por meio do contrato emergencial em 2012 e do concurso público em 2014.
- c. Participação da Comissão Integração Ensino-Serviço (CIES) Regional: um espaço aberto para a circulação de conhecimentos, construção de propostas e estratégias com o quadrilátero da Educação Permanente em Saúde: atenção, gestão, ensino e controle social (Ceccim & Feuerwerker, 2004). A CIES é prevista em documentos oficiais com o objetivo de ser um dispositivo regional de planejamento e condução da política de Educação Permanente em Saúde (Brasil, 1990; Brasil, 2007). Na região de saúde vem sendo um espaço estratégico e aberto de discussão e construção de movimentos regionais integrados à realidade das pessoas e dos serviços.
- d. Fortalecimento da Educação Permanente em Saúde: “como estratégia de organização e gestão que identifica ensino e aprendizagem com os princípios e diretrizes do SUS” (Ceccim, 2019, p. 79). Aprendizagem a partir do cotidiano do trabalho, tendo como matéria as relações e os acontecimentos, as redes, organizações, fluxos e processos construídos com o território.
- e. Constituição de grupos condutores de políticas de saúde prioritárias.
- f. Redistribuição de trabalho e pessoal nos setores e mudanças do espaço físico do serviço.

A quarta pista: Contemporaneidade se refere aos questionamentos quanto à forma como nos movimentamos, produzimos e habitamos a temporalidade (Costa & Fonseca, 2007). Para isso foi preciso resgatar as diferentes vivências e processos de trabalho: uns mais coletivos e construtivos, outros individuais e específicos; a constituição de diferentes grupos, momentos de envolvimento, de conhecimento do território do serviço; propostas conjuntas de trabalho, momentos mais interiorizados e reflexivos; momentos de fragmentação e dissolução dos grupos; relações fluidas, e as apostas a um trabalho de longo prazo.

Nesta quarta pista interessa a forma como desenvolvemos nossas ações no trabalho e definimos quem somos, diante do serviço, inseridos em um ambiente social e contemporâneo no qual vivemos, de múltiplos conceitos e mudanças. Portanto, esta trajetória constituída por inúmeras experiências produziu encontros e elementos importantes para a pesquisa. As pistas encontradas na varredura de campo são insistentes, produzem um movimento de tensão, construção/desconstrução de conhecimentos. A partir delas foi possível aprofundar as reflexões sobre a trajetória de trabalho e de vida, pousando a atenção e abrindo janelas em momentos importantes para a construção do mapa destes movimentos.

Dessa forma as produções foram acontecendo a partir de pousos e abertura de janelas que mais se assemelham a ramificações do processo cartográfico, compondo mosaicos de experiências. Essa produção de conhecimento, a partir da observação e atenção durante a expedição cartográfica, possibilitou quatro pousos, que foram me guiando a um reconhecimento atento, possibilitando a apresentação das produções em “uma forma artesanal de comunicação” (Benjamin, 1987, p. 205) e análise.

Este roteiro foi construído de forma que seja possível ao leitor entradas a partir do ponto que mais lhe interessar e decidir por onde continuar a ler, construindo, dessa forma, novos mapas e novas formas de produzir conhecimento a partir do mapa produzido nesta cartografia. Lembrando que ao escolher uma janela as demais saem de cena, “embora continuem copresentes” (Kastrup, 2015, p.44).

3 PRIMEIRO POUSO: ESTRANHAMENTOS

3.1 Estranho olhar, atento olhar ao horizonte: janela da infância

A janela da infância:
abre e fecha,
inventa e muda;
Não infantiliza,
expande.
(Eliana Sandri Lira)

Há janelas que se abrem no cotidiano - diante dos movimentos na trajetória - algumas mostram cenas recentes, outras mostram cenas antigas, porém é sempre novidade estranha. Diante da novidade estranha do cenário de prática, das falas e configurações do trabalho abriu-se a janela da infância mostrando que esta forma de sentir não é nova, já tinha acontecido, e solicita a bricolagem⁹ com o tempo, trazendo de volta as memórias de um devir¹⁰.

Desde pequena, lido com estranhamentos; certo é que não sabia que eram estranhamentos. Costumavam me explicar que havia dois caminhos, o “do bem” e “do mal” e que Deus estava no lado “do bem”. Não havia muitas escolhas no mundo onde cresci, e nem muitas possibilidades de questionamento, porque havia valores e ideias muito sólidos. Quem se atrevesse a levantar ideias diferentes seria questionado quanto a sua decência, também valor construído pelos ideais religiosos, sociais e padrões de comportamento aceitáveis dentro da comunidade.

Construir conhecimentos transitava entre encontrar verdades com possíveis perguntas, longe de questionar muito ou duvidar. Mas, havia “um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse”¹¹ e, inevitavelmente, surgiam incertezas diante das coisas que antes eram tão certas e ilusoriamente conhecidas. Lembro que esta possibilidade chegou com a saída de meu irmão mais velho para cursar direito na “cidade grande”, na década de 80. Muitas reflexões sobre a

⁹ Termo de Lévi-Strauss (1989), o qual é referido em Deleuze e Guattari (2010). Utilizo este termo para representar a produção em movimento ao longo do tempo, esse processo de montar, criar, juntar materiais, produzir ferramentas, aproveitar experiências e elementos que fui encontrando para produzir saberes. Não tinha nada pronto, fui construindo e aproveitando as experiências.

¹⁰ Devir não é imitar, não é buscar um modelo ou repetir. O devir é próprio do desejo, é andar pelo meio, tornar-se para inventar novas forças (Deleuze & Parnet, 1998).

¹¹ Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Poemas Inconjuntos (1913-1915). In: Obras Poéticas de Fernando Pessoa, 2016.

vida cotidiana começaram a acontecer quando ele voltava de férias. Eu ouvia questões sobre política, democracia, poder; sobre globalização, ecologia, sobre como se criam os filhos na atualidade da época e sobre o amor.

Um dia, debruçada sobre o parapeito da janela do meu quarto, pensando em quão longe estava a universidade, avistei algumas árvores velhas com musgos e, em um cenário mais além, o horizonte. Aquelas árvores ali e o horizonte à frente, o velho e o desconhecido. O que teria além daquilo que minha visão alcançava? E se pudesse dar passos maiores e ver outro e outro horizonte, aonde iria? Seria possível sair daquele território? Talvez não pensasse em lugar nenhum, talvez fosse uma utopia de conhecer o mundo e descobrir o que existia além do conhecido. Mas eu imaginava que se não saísse dali não poderia mesmo me encontrar. Sair para ver outros lugares e assim ver melhor o meu lugar, sair para estranhar outros, sair para poder voltar e estranhar o meu mundo, para ser um estrangeiro de minha pátria, para ter a possibilidade de olhar as coisas sem ter a obrigação de entendê-las.

No processo de elaboração deste olhar atento ao horizonte, aconteceu uma hibridização¹² um paradoxo entre a capacidade de percepção e a “vibratilidade do corpo”¹³, fui impulsionada à “potência de criação”, à necessidade de produzir “formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações” que dispunha (Rolnik, 2016, p. 13), a paisagem, os elementos da comunidade, do terreno onde estava construída minha casa. Dessa forma o conhecimento desterritorializado, reinventava o espaço de visão antes já conhecido.

A partir daí, andar na vida tornou-se produzir-se e produzir sentidos no cotidiano, dissolvendo o que nos separa do mundo, nem sujeito, nem objeto ou mundo separados, mas agenciamentos e produções constantes (Rolnik, 2016). Sem saber o que significava aquele pensamento alguns ideais surgiram, claro que não muito diferentes dos ideais da comunidade porque ali eu fui criada, aquele ambiente me envolvia. Dessa forma pensei que aquele sentimento se tratava de espiritualidade, de missão, de vida religiosa (ir para o convento e ser freira).

O que estava presente no momento, este ideal de vida religiosa, me fez pensar primeiramente em transcendência, e confiar na ideia de uma falta, de uma força maior que pudesse preencher aqueles sentimentos. E fui em busca desta experiência, vivenciando-a por nove anos (de 1996 a 2005), até descobrir que não se tratava de religião, mas de singularidades que transbordam: “um excesso de singularidades que desmancham sua figura, levando-a a tornar-se outra” (Rolnik, 2000).

¹² Em Cartografia Sentimental Suley Rolnik (2016), se refere à hibridização, uma forma de produzir conhecimento a partir da tensão entre o corpo vibrátil e a percepção. “Assim movidos por este paradoxo somos continuamente forçados a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva. Este composto híbrido é feito do olho molar, mas também e simultaneamente de um olho molecular, ou melhor, de todo aquele seu corpo (o vibrátil) pois o que quer é apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estancando o fluxo, canalizando intensidades, dando-lhes sentido” (Rolnik, 2016, p. 67).

¹³ Em Cartografia Sentimental Suley Rolnik (2016), chama de corpo vibrátil uma segunda capacidade dos sentidos em seu conjunto, para além, um corpo impregnado de forças, afetos, mutações.

A vida religiosa - meu processo de formação até os votos temporários e suas três renovações, na Companhia de Santa Teresa de Jesus, Congregação de Carisma Teresiano¹⁴ - e a decisão pela educação pareciam tornar-se as melhores opções de vida, no sentido de territorializar e definir os caminhos que deveriam ser percorridos. Percorridos e não construídos. Parecia correto, contudo, o “olho vibrátil” (Rolnik, 2016) enxergava para além desta definição, e o corpo respondia ao avesso, desterritorializava. Por outro lado, a vida religiosa e a educação mostraram diferentes lugares, moradas e trabalhos.

O contato e o itinerário realizados nas ruas, casas e bairros, em diferentes cidades gaúchas (Porto Alegre, Santana do Livramento e Itaqui) passando pelos grupos - de interesses diversos relacionados à religião, artesanato, música - chás da tarde com as mulheres, grupos com crianças, celebrações e, inevitavelmente, nos grupos de teatro. Inevitavelmente, porque a arte me aproximava da diversidade e ali era intenso, humano nada de divino ou santo separados da vida, era vivo, e permitiria uma linha de fuga da “verdade” e aproximação da própria tragédia como afirmação da vida (Nietzsche, 2008).

Aprendizagem para além da formalidade escolar, dos públicos escolares, voltada ao cotidiano, extramuros. A identificação com os coletivos e o cuidado a partir da educação já se ampliavam em questionamentos referentes ao cuidado ampliado. O encontro: educação-saúde ia acontecendo ao longo do tempo nos diferentes territórios de atuação religiosa, pedagógica, nas escolas, em projetos voluntários, na caminhada diária entre as ruas/becos das comunidades, na singularidade e na multiplicidade dos grupos - parte singular de um todo complexo e dinâmico.

Essas vivências aconteceram de 1996 a 2005, a partir da busca pela educação, na vida religiosa onde vivi minha primeira inserção profissional na área da educação, oferta de trabalho em função do curso de magistério. Experimentei a produção de conhecimentos diante de estranhamentos, especificamente sobre as diferenças entre o conhecimento escolar e a realidade. O contato com a academia, na graduação em pedagogia (2003 a 2006), a compreensão dos processos de desenvolvimento humano nas diferentes fases e ciclos de vida e suas relações com a aprendizagem exigia o tempo todo a integração com a realidade. Estudar temas como o desempenho escolar, os vínculos escolares, a metacognição e suas relações com a aprendizagem, pareciam possíveis por meio de registros, testes, algumas observações, mas ainda não davam conta desta complexidade.

A volta ao território natal após 11 anos (1996 a 2007) de estudo e trabalho em outras cidades me tornou estrangeira de minha terra e linguagem; a oportunidade de fazer um trabalho ali, sendo professora concursada, foi imensamente reconciliador e aprender com a própria comunidade descaracterizou o óbvio.

¹⁴ O Carisma Teresiano é inspirado em Santa Teresa D’Ávila, conhecida como Santa Teresa de Jesus; Carmelita, mística, santa católica do século XVI, mulher, escritora, questionadora, caminheira incansável, foi uma das reformadoras da Ordem Carmelita, co-fundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços, juntamente com São João da Cruz. Foi considerada Doutora da Igreja pelo Papa VI, no dia 27 de setembro de 1970. Seus escritos: Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Castelo Interior, As Fundações, As Relações, Conceitos do Amor de Deus, Exclamações da Alma a Deus, Constituições, Modos de Visitar os Conventos, Resposta a um Desafio, Poesias e Cartas comunicam experiências e peripécias humanas e religiosas (Alvarez, 1995).

A experiência como pedagoga se esparramava pelo território, sendo necessário vivenciar a comunidade, as expressões, os grupos, as manifestações, enfim entrever para realmente educar; a necessidade de aprender com os acontecimentos; ver cada um como único e saber que conhecer também é singular; estranhar a própria prática, seja na escola rural multisseriada, ou na escola pública urbana, possibilitou aprender com as demonstrações culturais e com as formas de organização de cada comunidade.

Esse reconhecimento da educação como da área da saúde coletiva potencializou os próprios conhecimentos que, naquele tempo, como uma “caixa de ferramentas” (Foucault, 1984, p. 71) precisavam responder e “servir para resolver problemas do cotidiano” (Ferla et al., 2017, p.10).

Parece-me que desde cedo me acompanha esta tentativa de, como diria Manuel de Barros (2010, p. 449) “desver o mundo”; inverter o pensamento e o modo de ver a vida. E assim produzir algumas ideias e conhecimentos sobre estar vivendo, crescendo e acompanhando as constantes mudanças próprias e do entorno até onde poderia ir e enxergar, como um peregrino, que apreende a vida como uma trajetória de longas e interconectáveis jornadas.

Uma destas jornadas, após o encontro e a inserção no trabalho em saúde (a partir de 2011), inicia em terreno estrangeiro. A chegada a um novo serviço foi um elemento essencial, e a pergunta gerada neste processo: o que tem depois daquela porta? - a porta do serviço que não apenas se refere a porta material da instituição, mas a porta para um território, conhecimentos e produções diferentes - traz à lembrança essas memórias da infância, quando pela primeira vez estranho minha comunidade e pergunto: o que tem depois daquele horizonte?

Essa janela misturou fazes da minha vida mostrando um processo contínuo de aprendizado e a descoberta da capacidade de pensar em movimento. Trata-se de um devir pesquisadora de si e do mundo, uma construção de conhecimento menor, linhas de fuga, pontos de fuga, falar na própria língua como estrangeira (Deleuze & Parnet, 1998). Uma produção singular - não interpretação, ou imitação - um processo artesanal e inventivo de novas formas e forças. Assim, foram abrindo-se novos questionamentos, responsáveis pelas perguntas que provocaram esta cartografia e que permitiram a continuidade das reflexões.

4 SEGUNDO POUSO: TERRENO ESTRANGEIRO

4.1 Estrangeira na saúde: uma janela multicolor

Aqui cabem muitas histórias;
Aqui cabem pontos de outras trajetórias;
Aqui cabem movimentos,
olhares, abraços, corpos, alguns dados.
Aqui cabem passado e futuro,
fios e linhas, diversas rotas:
aqui cabe tecer um plano multicolor.
(Eliana Sandri Lira)

Naquele momento a linha era flexível. Por onde iria passar? Já estava passando, acontecendo, mesmo que somente depois da varredura do campo seria possível observar “o plano de trabalho como um lugar de manifestação das singularidades”, múltiplo, diverso, onde se expressam as subjetividades em movimento (Franco & Merhy, 2011, p. 9, tradução nossa).

Com a intenção de aproximar o leitor da referida cena que estou narrando, trato de intercalar a minha voz de pesquisadora que conta a história e a minha voz que analisa e traz reflexões perante o processo de conhecimento e chegada ao novo local de trabalho. Início a partir do olhar visível, olho nu (Rolnik, 2016), e vou intercalando com os movimentos apreensíveis pelo olhar vibrátil, que alcança o invisível (Rolnik, 2016).

Estávamos em fevereiro do ano de 2011, sol a pino, calor, as folhas de grandes cinamomos caíam sobre o calçamento frente ao prédio e, à sua sombra, sobre as vagas de estacionamento. Pintura gasta, porta aberta, algumas janelas. Paro em frente ao prédio, desembarco do carro, caminho até a porta, sinto uma brisa leve e algumas folhas tocarem meu rosto, parece um retrato cubista, uma mistura de sentimentos, cenas e mais cenas tentando se encaixar. Por outro lado, uma cena romântica - em que a mocinha vê o mundo cor de rosa e pensa: “que dia maravilhoso, que sonho, “eu” profissional da saúde, vou arrebrantar” - que precedia o pouso na realidade a ser construída.

Colava a máscara romântica da trabalhadora da saúde, assim como as noivinhas, personagens mulheres que retratam mulheres que vivenciam diferentes cenas e formas de subjetivação diante das transformações sociais, culturais, políticas, acompanhadas pelo olhar vibrátil do cartógrafo durante a expedição, no texto Cartografia Sentimental de Sueli Rolnik (2016). A desterritorialização da subjetividade e os movimentos do desejo, apontavam a

criação de novos territórios “múltiplos e desconhecidos” (p. 233)¹⁵. O encontro, a observação daquele espaço, a abertura ao afeto, os ensaios interiores de como entrar, falar, se expressar no primeiro dia e a corporificação de todas essas complexidades na máscara produzida (e eu pensava: “vou arrebentar!”), caracterizavam o desejo em movimento naquele instante.

Ao entrar no local, observei que tanto à direita, como à esquerda, havia várias salas pequenas e à frente uma recepção fechada com vidro. A recepcionista, uma senhora sorridente e simpática, me orientou até a sala dos “Recursos Humanos (RH)” para entregar a documentação de posse no serviço. Uma sala de “Recursos Humanos” parecia um lugar onde as pessoas estavam depositadas a espera de uma função, um conjunto de peças que logo seriam distribuídas ou repostas. Mesmo que não fosse exatamente assim denominar “recursos humanos” ao se referir a coletivos me distanciava da situação de trabalhadora.

Eu não entendia muito bem e observava que ali também acontecia um movimento e essa troca era estranha. Mas nesse momento estava certa de que inserida em um serviço, em um coletivo, em um território, seria possível exercer aquele desejo inicial. A partir daí, entrei dias e dias por aquela porta, uns passei sentada no corredor ou na sala de colegas que me acolheram, esperando a definição do trabalho, outros dias tentando me inserir no serviço.

Parecia que era um quase nada, algo que passava como naturalizado, dado, mas essa denominação de “recursos humanos” dada às pessoas que ali trabalhavam me incomodava. Talvez esse seria o sentido de estar à espera, nos primeiros dias, frente a sala do RH, até aparecer um lugar onde eu pudesse me encaixar. Mas o olhar vibrátil sabia que eram dias muito importantes para a compreensão do lugar onde eu estava inserida, dos saberes e papéis circulantes naquele serviço.

O sentimento romântico, as lentes cor de rosa, tentavam se descolar, mas ainda grudavam e não permitiam o pouso na realidade do serviço. Logo percebi que o corredor é um lugar interessante que pode dizer muito sobre um estabelecimento. Um lugar em que acontecem muitos encontros, conversas, chegadas e partidas. Este espaço ficou gravado em minha memória como uma passagem, um tempo de transição, em que aconteceram movimentos. Um tempo em que fui reterritorializando, produzindo um espaço e encontrando um modo de estar ali, de estar em casa, de abrir espaço aos demais. Então em alguns momentos eu fiquei sentada em uma cadeira de madeira que ficava no corredor, outros momentos eu caminhava por ele. Em outros eu passava na sala de colegas que me acolheram ou na sala do setor de Recursos Humanos (RH), na parte da tarde, usando o computador de lá, lendo sobre o SUS e tentando me encontrar. Assim se passaram alguns dias e alguns encontros.

Eu observava muitas coisas: quem chegava, quando chegava, como chegava, quando saía, como saía, com quem se encontrava e conversava. Onde cada um trabalhava, com quem trabalhava ou trabalhava só. Que conversas aconteciam, que temas eram de interesse, que gírias eram usadas, que grupos se formavam ali, que falas eram constantes, que ideias e concepções circulavam, quem tinha a última palavra, que papéis se estabeleciam. Todos os

¹⁵ Fiz uma analogia com as personagens noivinhas porque nesta cartografia do cotidiano vivenciei desterritorializações e mudanças. Porque a vivência e o trabalho ao longo desta cartografia dizem muito do feminino em mim. Esse feminino que, em mim, em nós, homens e mulheres, “é a desterritorialização por excelência” (Rolnik, 2016, p. 232-233).

trabalhadores ali eram produtores de múltiplos serviços, com suas linhas de forças, criativas e desejantes e atuações em diferentes espaços (Benet, Merhy & Pla, 2016, tradução nossa).

Era evidente que a educação permanente não pediria licença para acontecer, ela simplesmente acontecia o tempo todo, nos diferentes espaços do serviço. As trocas que foram possíveis no corredor, durante o café, no intervalo, na hora do almoço com quem ficava no trabalho. Era possível aprender com a dinâmica do corredor. Da mesma forma que eu observava todos os movimentos, também era observada naquele espaço, como estrangeira, também provocando alguns desconfortos para a equipe; principalmente porque desejavam receber colegas da “área da saúde” e não havia um espaço construído para uma pedagoga no momento.

Nas primeiras semanas passei observando e pensando onde me inserir naquele contexto de trabalho, com o lápis e a borracha, que havia recebido. E pensava que talvez eu devesse desenhar uma caixa e entrar nela como o carneiro do pequeno príncipe, personagem da fábula, do escritor francês Saint-Exupéry (2009), sobre a amizade e o valor dos pequenos gestos cotidianos. Mas aí eu seria objeto de imaginação e desejo dependendo do pensamento e imaginação de alguém. Mas sabia que naquele momento eu já era motivo de investigação, de conversas, de desejos e dúvidas. Já havia uma caixa de mim ou um modelo de caixa para mim. E eu já encaixava os demais a partir de minhas concepções.

Naquele momento ao perceber que somos feitos de realidade, somos afetados e afetamos em dupla captura, compreendia que já fazia parte daquele lugar, daquela multiplicidade, embora sentisse dificuldade e resistência nesse processo. Embora soubesse que o olhar previsível de que falam Merhy e colaboradores (2016) oferecesse resistências em encontrar potência nas experiências e movimentos locais. Havia complexidade também, muitas vezes a ânsia de encontrar respostas e formas de agir que causassem uma sensação de segurança no trabalho totalizava o conhecimento, e parecia desenvolver uma tendência a olhar as necessidades e problemas isolados dos sujeitos e sua multiplicidade, ou a multiplicidade como um conjunto de problemas e singularidades.

Ao falar de multiplicidade Deleuze e Guattari (1995, p. 14) vão dizer que é preciso “fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1”. Nessa proposta a singularidade da pedagoga profissional de saúde fazia rizoma com os demais - produzindo agenciamentos, desejos sempre contextualizados, envolvidos de realidade - e a partir daí constituía-se. Não se tratava de soma, mas de subtração, “é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele” (Deleuze & Guattari, 1995, p.15). Era esse olhar que interessava naquele momento, o corredor múltiplo, as relações múltiplas, o espaço múltiplo, os movimentos realizados em que se reconhecia profissional na relação n-1. Olhar aos demais nesta relação custou muito tempo de aprendizado, em que foi gerando mapas e guias de conversa até gerar encontros.

A seguir relato um encontro especial que aconteceu na primeira semana por alguém que me encontrou sentada no corredor e me ajudou a significar toda esta busca por uma definição. Um encontro que me ensinou a significar esse tempo de espera e esses movimentos das primeiras semanas, e entender que a definição e o espaço esperado eram, na verdade, um caminho que eu precisava construir de modo singular e coletivo.

4.2 Depois do corredor: janela dos encontros e afetos

Ela disse: Venha, vamos comigo,
Eu respondi: contigo?
Ela disse: Sim, comigo, vem cá.
E me puxou pela mão.
E a partir daí fui apontando e brotei.
(Eliana Sandri Lira)

Dentre os encontros que aconteceram, um deles foi mobilizador. Alguém, por conta própria – e depois fui saber que, por conta de sua vivência – logo que soube da minha chegada, me acolheu e disse “vem cá”, e me puxou pela mão, me levou até a sua sala e ofereceu um chimarrão¹⁶, e um lugar para ficar. Me lembro que tocava uma música na sala, em volume baixo, e que me senti muito bem. Parecia um apelo para que eu construísse e fosse apreendendo o trabalho naquele espaço, porque a presença de uma profissional pedagoga era nova naquele local de trabalho.

Compreender o significado destas palavras ainda é construção. Alguém entendeu antes de mim o motivo de eu estar ali. Caminhamos por um carreiro feito de britas no meio de um gramado. Se bem que se fosse meu este carreiro “eu mandava ladrilhar de pedrinhas e brilhantes”¹⁷, sim, porque ter para onde ir foi libertador, mesmo que, ainda por algum tempo, eu transitasse por outros locais até definitivamente, me estabelecer ali, buscando definição, espaço e inserção no trabalho.

Esta germinação é múltipla, horas nasce um broto solitário, horas outros juntos, horas apenas formam bulbos e concentram potencias, hora se expandem e espraiam ideias e compreensões, horas se desafiam e saem a campo lidar com gente. O acolhimento é transformador, a obra que alguém começou com sua mão agora é corrente e, de mão em mão, vou tentando agarrar outras que precisam se sentir importantes e parte do sistema de saúde. O conhecimento técnico, os conceitos, o sistema único de saúde e sua história, tudo isso é tema de debate constante; pós encontros, leituras são compartilhadas, e tecemos conversas sobre redes e fatos, sobre como é aprender em serviço.

Alguém ofereceu sua mão, sua crítica, suas contribuições e conhecimento. Antes de temer esgotar seu saber, sabia que a ampliação dele estava condicionada a sua partilha. Assim as falas rizoma, os tecidos produzidos ao longo dos dias, e a multiplicidade de olhares propostos diante da realidade vivenciada apresentava constantemente a educação permanente.

¹⁶ Chimarrão: bebida típica da cultura do Rio Grande do Sul, e disseminada em outras regiões, constituída por um porongo, erva mate moída e água quente. O chimarrão é bebido geralmente coletivamente e passa de mão em mão, em roda. Por isso também costuma-se falar “roda de chimarrão”. Em alguns serviços de saúde é comum a prática do chimarrão entre os colegas em diferentes horários.

¹⁷ Referência a uma frase da letra da canção popular “Se essa rua fosse minha”.

Tomei de empréstimo suas palavras, conceitos e explicações, roubei, capturei. Uma “dupla-captura” (Deleuze & Parnet, 1998) na compreensão da vivência cotidiana. Levamos a sério a conversa, “a boa conversa”, aquela que confunde, difunde, funde, produz. Construímos uma maneira própria de conversa, que as vezes levava a divergência sem comprometer o diálogo. Fabricamos conversas, inventamos problemas, posições de problemas, antes de encontrar a solução (Deleuze & Parnet, 1998).

Assim, fui escolhendo aquele espaço para ficar e fui subjetivando o processo de trabalho, numa “produção constante, sem julgamentos ou dramas, por meio de “agenciamentos coletivos e impessoais”, um processo que acontece “entre fluxos heterogêneos” em que “o indivíduo e seu contorno são resultantes” (Rolnik, 2000, p. 02). Esse processo é permanente, não tem como ser a espera de uma mudança, que sempre é diferente ao acontecer, mas o mapa de um caminho que vai se desenhando durante a trajetória e a minha presença como trabalhadora e pesquisadora em um território e serviço.

Desse modo fui me descobrindo antropófaga, porque fui “engolindo o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturam as que já povoam a subjetividade” (Rolnik, 2000, p. 02) da pesquisadora em mim. As reflexões continuam sendo produzidas hora sobre músicas, hora com textos, filmes, cenas do cotidiano, falas, palavras, charges, sobre o que nos causa estranhamento. Nunca são marcadas previamente, essas conversas tinham e tem uma espontaneidade que se encaixa perfeitamente na vida e no trabalho, por ser real, parte de afetações de quem ali trabalha.

Subjetivamos a pequena sala, a pintura já opaca, as pequenas rachaduras, as grades na pequena janela, a porta que reflete o sol bem no olho de alguém, a persiana quebrada. Compomos com o que temos e somos e vamos descobrindo o que é ser profissional da saúde além deste pequeno espaço que nos encontramos. Nossos microprocessos são intensos, porque ainda nos emocionamos e indignamos com a realidade, porque ainda nos incomoda e nos grita a realidade e seus nós.

Discussões sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), sua complexidade, consolidação e financiamento estão presentes nos dias e dias enquanto vamos propondo diálogos-semente, que sempre deixam algo que posteriormente ganha outros sentidos. Não são coisas para compreender, mas para deixar brotar, alastrar a partir de encontros – com poucas pessoas, muitas ou uma só – conversas, escutas e reflexões. Planejamos junto se preciso for, construímos, nos emocionamos e indignamos, mas acreditamos. Queremos aprender a falar em nossa “própria língua como um estrangeiro” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 14).

As construções perpassam pela perguntação, pela dúvida da própria compreensão, pondo em xeque as certezas que a cognição apresenta, propondo um tombo na ideia. Virando o que já supomos saber para ver se realmente sabemos. Esse lidar com a ignorância existente em meio ao que conhecemos é um processo caro. Caro do ponto de vista dialético, estético, ético, do ponto de vista interno.

Franco (2013, pp. 5-6) ao falar do trabalho vivo em ato, “afecções nos encontros”, processos de “subjetivações”, destaca que “tem a energia para a necessária desterritorialização”, rompendo “com as lógicas instituídas, capitalísticas, biomédicas, procedimento centradas, abrindo-se para novas subjetividades”.

Um processo que não escapa de territorializações e máscaras, mas que consegue traçar as máscaras vigentes para deixar passar os afetos, propiciando uma abertura aos microprocessos do trabalho. Assim fui constituindo, nos diferentes encontros e no desafio de compreender meu papel e potência naquele espaço, uma identidade não engessada, embora consistente, mas que permitiria a maleabilidade e a produção de si.

Nesta trajetória o plano micropolítico do processo de subjetivação no trabalho e pelo trabalho se constituiu a partir das atividades coletivas e suas relações. Neste plano se produziram tecnologias relacionais e tecnologias de trabalho, duras, leve-duras, leves, responsáveis pela produção cotidiana e suas características (Merhy, 2014). Um campo amplo, diverso, em que se construíram práticas articuladas, transformação de si e dos modos de organizar e construir as coisas ao redor. O modo como fabricamos instrumentos e possibilidades de trabalho - como significamos o trabalho, e tomamos decisões, e como nos utilizamos desta dinâmica viva - nos permitiu construir tecnologias relacionais diferentes e, com isso, um certo modo de subjetivar. Isso foi fundamental, as forças de desterritorialização/reterritorialização, as forças de resistência e do instituído circularam e provocaram a produção de si, a produção coletiva e tecnologias do processo de trabalho, sempre em movimento (Franco & Merhy, 2011; Franco & Merhy, 2012; Franco & Merhy, 2013; Merhy, 2014).

5 TERCEIRO POUSO: FABRICANDO MUDANÇAS

5.1 Travessias educação-saúde: janelas espelho

Hora de deixar modelos e imagens
Tão costumeiros ao próprio corpo;
De compor outros
Tão estranhos a própria imagem;
De ser totalmente o que se é
E, por isso, totalmente transformação.
(Eliana Sandri Lira)

Como poderia enfrentar essa travessia, que ferramentas seriam necessárias para que a pedagogia ganhasse força e sentido? Atentamente eu buscava desenhar linhas que me possibilitassem a entrada nas discussões e rodas coletivas enquanto participava destes momentos. Sentia a necessidade de aproximação daquele terreno, por meio de estudos, trocas, compreensão do sistema de saúde, e observava a multiplicidade de conhecimentos, formações, modos de viver e trabalhar.

Desejava encontrar uma linha que conduzisse meu aprendizado, uma pedagogia do movimento, para compreender o funcionamento do serviço. Um processo de construção a partir da mistura entre os próprios conhecimentos e as manifestações cotidianas, sem dividir ou classificar no intuito de tecer relações que pudessem transformar as diferenças “em um contraste ativo, com poder de afetar, de produzir pensamento e sentimento” (Stengers, 2017, p. 2).

Lembro que recebi uma pasta azul com os títulos na frente: Núcleo Regional de Educação em Saúde Coletiva (NURESC) e Educação Permanente em Saúde (EPS), cronograma de reuniões estaduais da Comissão Integração Ensino-Serviço (CIES), regimento do NURESC e legislações do Sistema Único de Saúde. A partir desse material pesquisei, busquei informações e descobri que eram importantes dispositivos da Educação Permanente em Saúde e não de um setor.

Enquanto me familiarizava com o desafio da Educação Permanente em Saúde, entendida como aprendizagem a partir dos problemas enfrentados no cotidiano do trabalho, na realidade e considerando os conhecimentos e as experiências distribuídos nas equipes em colaboração e cooperação (Ceccim, 2019) - o cotidiano ia propondo e exigindo interação: os movimentos no corredor, os debates no cafezinho e os momentos de conversa que se produziam mesmo sobre os assuntos mais específicos. Os questionamentos, as dúvidas, os fatos e demandas

do próprio serviço eram motivos de aprendizado. A Educação Permanente ia acontecendo totalmente porosa a realidade, vibrando e desassossegando os próprios jeitos de trabalhar e lidar com o cotidiano da vida e das pessoas.

Fui descobrindo a literatura, estudando a história do Sistema Único de Saúde (SUS), escutando e valorizando as vozes, os encontros e contradições como uma grande tarefa, de quem não sai julgando, mas ocupando-se em observar e compreender essas questões. Fui respeitando as pessoas em sua caminhada, e a prática foi mostrando que enquanto parte de uma equipe eu precisava perceber que o fortalecimento individual perpassava pelo fortalecimento de todos.

Esta trajetória foi produzida por uma linha flexível indo do apego a teoria à valorização da experiência. Nada linear, ou metodologicamente definido, foi acontecendo uma travessia com as surpresas inerentes a toda imersão. No início precisei ler e reproduzir conceitos, engolir o que viesse pela frente: frases interessantes, citações, números de legislações, além de demarcar um território que era da profissional pedagoga: os assuntos sobre educação, a organização de eventos, as metodologias e dinamização dos encontros. Foi um movimento de tentativa de contribuição com o serviço o qual denomino “dá-me uma definição”, uma etapa bem importante, em que comecei a interagir com produções e literatura da área e encontrar um espaço de invenção de práticas.

Essas contribuições com o serviço mostraram-se ferramentas importantes para a fabricação de conversas, permitindo uma pedagogia ativa e criadora ao integrar o próprio processo de aprendizado com as demandas do cotidiano. Essa fabricação de comunicação com o grupo e o trabalho permitiu que eu me envolvesse em diferentes movimentos. Um deles, a partir do processo de regionalização, foi o (re)conhecimento da região de saúde e dos serviços, in loco.

Esse processo de regionalização aconteceu em 2012, com a definição (em documentos oficiais) das regiões de saúde como territórios vivos, espaços geográficos compostos por municípios limítrofes, identificando a possibilidade de compartilhar a organização cultural, econômica, social, e de infraestrutura, a fim de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde (Brasil, 2011). Para compreender esta definição foi necessário ir a campo, desapegando-se das certezas e preconceitos sobre o trabalho e as formas de produzir saúde na região.

A oportunidade de estar em campo, em contato com o jeito como aconteciam as relações, as organizações de vida e de trabalho, foi o grande ativador do aprendizado a partir do real e da travessia entre aprendizado e trabalho (Pinto & Ferla, 2016). Durante as viagens, o som das vozes, dos carros oficiais que deslocavam os profissionais de saúde entre os municípios da região, as cenas e dificuldades na estrada de chão, esburacadas, acompanhavam a expansão das ideias e aqueciam o sentido da existência.

A função que eu exercia nestas viagens era de perguntar sobre o sistema de saúde local, em cada município, a partir de um roteiro previamente estruturado, o qual serviu para diagnóstico e conhecimento do funcionamento e organização dos sistemas de saúde. A partir das perguntas geravam-se debates, conversas e registros em nosso diário de campo. Aos poucos ia conhecendo e me apropriando de conceitos, história e funcionamento do sistema único de saúde, a partir das viagens e momentos de conversa sobre a experiência.

Fui encontrando ali a potência da educação na saúde, esta artesanaria de saberes produzida a várias mãos, viva e dinâmica a partir do concreto, uma mistura de escutas, andanças, pó e debate. Ao mesmo tempo em que os diferentes saberes iam demarcando uma certa identidade profissional a prática ia mostrando um campo impreciso, diferente, onde as propostas, desenhadas anteriormente, quando postas em ação transformavam-se.

Conhecer o território, conviver, escutar e aprender com os processos do cotidiano do sistema de saúde orientaram a qualificação necessária ao trabalho e a produção de tecnologias que facilitassem as relações, a aproximação com a realidade da vida, o conhecimento das condições de saúde; questões relevantes para entender o que pode funcionar em cada local.

Ceccim (2019, p. 70) aponta que, ao longo das décadas, a Educação Permanente em Saúde foi conformando-se como “uma política nacional a um campo de ação estratégica”, a partir de aparatos legais, entretanto muito fortemente pelos movimentos de seus atores sociais que lutaram em defesa das políticas públicas de saúde e educação. Dessa forma,

a EPS passa de conceito pedagógico a signo de educação no SUS, um descritor que arrasta uma agenda política ao ensino das profissões de saúde, a formação de conselheiros, a composição de estruturas de gestão nos estados e municípios a recomposição das práticas de atenção, segundo a construção dos valores da integralidade, e a gestão participativa em todos os aspectos do trabalho em saúde [...] passando a identificar-se com a necessidade de responder às reivindicações da sociedade por profissionais e serviços que sejam vivos, criativos, e em afinidade com seus usuários, capazes de construir soluções cuidadoras e terapêuticas eficazes e inclusivas de ampliado escopo de tecnologias (Ceccim, 2019, p. 78).

Pensar a Educação Permanente em Saúde como campo estratégico, a luz do referido autor, nesta cartografia, é reconhecer a importância de nossas contribuições nas reproduções de ordens locais e à composição do campo. Entendo que os grupos que constituímos desenvolvem ações recíprocas e interessadas, bem como o envolvimento e a produção de estratégias e socializações que podem potencializar a educação na saúde no Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma não fazem sentido perguntas isoladas senão a partir da interação, voltar ao território, conhecer gente, seus modos de fazer e seus modos de compreender a realidade.

Alcançar esse processo de questionamento e reconhecimento de desafios se faz a partir de um olhar desprendido de rótulos, carregado de espantos, que me acompanha nesta expedição desde o primeiro estranhamento, observando o horizonte, na proposição de novos modos de encarar a vida.

5.2 Desafios cotidianos: janela do horizonte

Há o tempo
que passa, flui e some a frente.
Há o chão batido sob nossos pés.
Há um silêncio que não pode mais suportar-se
E um horizonte estranho a ser redescoberto.
(Eliana Sandri Lira)

Por esta janela os movimentos do desejo permitiram descrever a construção do aprendizado múltiplo, compartilhado e afetado pela realidade, encharcado de terra e gente. Acontecimentos e histórias das viagens pelo território e pelos meandros do serviço fizeram ver a complexidade e a multiplicidade de ações e compreensões acerca do cuidado e dos modos de organização do trabalho em saúde.

O cotidiano do trabalho me surpreende em diversidade de experiências, contos, cenas e histórias vividas ao longo do tempo. Essas histórias vêm acompanhadas de andanças, de equipe, de solidariedade, de lugares ocupados, de circulação de papéis no serviço. Pesquisar entre essas manifestações se torna motivo de busca e de análise da própria vida como movimento que se expande para diversos lados, concentra potências e revela linhas, modos de agir e investir no trabalho.

Mas, como compreender e lidar com todos esses materiais e expressões multilocalizados, cada um falando de um lugar específico onde se encontra na vida, no trabalho e nas funções/ações para um lugar maior em que nos encontramos, o serviço, e, ainda, para um lugar maior social, o mundo, a vida?

Um dos grandes desafios enfrentados no cotidiano do trabalho, a partir das experiências vivenciadas em serviço e território a fora, foi o trânsito entre os diferentes modos de encarar a vida e o trabalho. Eles se encontram, se atritam vibrando nos corpos, produzindo impactos nas relações, na organização, nos fluxos de trabalho e na mobilidade necessária ao aprendizado.

No trabalho em saúde, a partir da minha experiência, percebo que há algumas conexões acontecendo e muitas fragmentações também. Houve um momento que estávamos em um crescente aprendizado sobre os sistemas e serviços de saúde, a importância de planejar em conjunto, de encontros e trocas, de valorizar o outro como sujeito, produtor de conhecimentos e tradutor de saberes.

Um tempo leve, com incertezas e dúvidas, mas com investimento e implicação na produção de tecnologias leves, na busca de material cotidiano para o debate, na produção de ferramentas para a elaboração destes materiais, no resgate de saberes construídos ao longo do tempo, experiências, estudos, vivências, assim operando como organizadores de processos e produtores de saberes (Merhy, 2014).

Lembro que, em um encontro, montamos um teatro para uma roda de conversa com os profissionais da região de saúde e o utilizamos como ferramenta de debate e analisador dos

processos de trabalho. Tive a oportunidade de participar deste teatro e me envolver em uma das cenas, construída a partir dos fatos que cotidianamente eram relatados e demonstravam as demandas e dificuldades do trabalho na região.

O teatro apresentou os dilemas cotidianos da população em diferentes situações de vida e de trabalho e sua relação com a saúde e a doença. Cada participante da encenação identificou-se com um personagem e viveu aquele momento tentando ser um instrumento para a construção do aprendizado. Representar nos liberou para que pudéssemos expressar o que havíamos aprendido com o território de uma forma lúdica permitindo aos demais o afeto e o espelhamento daquela situação. O teatro uniu a equipe na transmissão de uma situação problema e na construção de uma ferramenta de trabalho. Foi divertido, foi alegre e imensamente inspirador viver aquele movimento juntos.

Neste tempo (ano de 2012) aconteceram muitos encontros, treinamentos, seminários, rodas de conversa, em relação a temas diversos do serviço, voltados a qualificação das ações e dos processos de trabalho. Foi um ano de muitas atividades e produções interessantes, porém sentíamos a necessidade de qualificar outros espaços e encontros. Esses outros se referiam a momentos em que os trabalhadores pudessem se reconhecer enquanto equipe.

No mesmo ano a equipe regional de saúde foi apresentada à proposta de Apoio Institucional, Método da Roda de Campos (2000), por apoiadores da Secretaria Estadual da Saúde. Essa proposta consistia em recebê-los bimestralmente, com encontros pré-agendados e programados em conjunto, apoiadores e equipe, com a função produzir uma postura metodológica que pudesse reformular os tradicionais mecanismos de gestão, para realizar a coordenação e avaliação do trabalho em equipe (Campos, 2000).

A aceitação desta proposta estava conectada aos movimentos que vinham acontecendo: conhecimento do território; encontros; formações; retomada dos espaços de debate. Embora um certo descrédito em relação aos espaços de encontro e a velha pergunta: pensar é trabalho? circulassem em nosso cotidiano um grupo decidiu apostar neste método.

Nossa aposta se fundamentava no reconhecimento de que toda a gestão depende de uma interação entre as pessoas, que assumem diferentes papéis e possuem diferentes saberes, para ampliar a capacidade de aprender e desenvolver ferramentas que facilitem o trabalho além de construir um ambiente acolhedor às aprendizagens e diferentes caminhadas.

Vivenciamos os momentos de apoio in loco (nos municípios), na equipe regional (região de saúde), e de formações descentralizadas, em espaços macrorregionais (agrupamento de regiões de saúde). Aprendemos, estudamos sobre o que estava proposto e construímos instrumentos e maneiras de traduzir o método da roda (Campos, 2000) em nossas realidades.

Misturamos nossas formações e nos reconhecemos aprendendo a fazer gestão. As experiências e os modos com que cada um compreendia e compartilhava suas descobertas eram respeitados em um espaço continente de escuta e apoio. Foi um processo de dois anos (2012 a 2014), em que foram produzidas sistematizações, encontros, viagens, seminários e publicações sobre a proposta de construção, acompanhamento, motivação e experiência do apoio institucional (Lira, Zis & Zis, 2014; Lermen, Santos, Chiapin & Mayer, 2014; Trein et al., 2014).

Essa experiência retratou um tempo leve, em que a produção estava fluindo e que a linha de trabalho era flexível, embora não escapassem alguns ceticismos, porque lidamos com gente, suas histórias e concepções próprias. Esse tempo retrata um momento de valorização da educação permanente em saúde como estratégia de gestão e fortalecimento das práticas coletivas. Entendendo que materiais, equipamentos, projetos e apoio precisam estar acompanhados de espaços coletivos para “pensar o trabalho, planejar, avaliar, conhecer o outro, dividir e somar” (Lira et al., 2014, p. 270).

Uma aprendizagem descentrada, que se estabeleceu nos “agenciamentos coletivos de enunciação” que “não correspondem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predeterminada” mas duplamente descentrados (Guattari & Rolnik, 1986, p. 31). Uma aprendizagem móvel a partir dos processos de subjetivação que “implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual, quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal” (Guattari & Rolnik, 1986, p. 31).

Uma forma nômade de aprender que foi atravessando essas instâncias e se constituiu nos entremeios da caminhada, a partir de diferentes questões que permeavam os saberes e práticas: tecnológicos, sociais, econômicos, estruturais..., ou da área dos afetos, desejos, das formas como cada um se compreende, se organiza e produz ideias... (Guattari & Rolnik, 1986) uma infinidade de expressões movendo-se a partir dos nossos encontros “provocando mudanças na nossa vida” (Lira et al., 2014, p. 270).

Seguimos transformados e transformando, mesmo com o término do apoio institucional, compartilhando experiências e tornando-as aprendizado coletivo; essas vivências foram, por algum tempo, motivo de debate nos encontros que aconteciam no cotidiano do serviço. Entre 2012 e 2015 novos colegas de trabalho foram admitidos e nos vimos desafiados a acolhê-los e, novamente, sair da zona de conforto. O grupo estava tentando superar suas dificuldades relacionais, organizar momentos de encontro coletivo e construir agendas compartilhadas. A intencionalidade era a aproximação que disparasse processos formativos coletivos. Assim, chegam outros estrangeiros e outros desafios emergem, diferentes saberes e modos de encarar o trabalho são novos motivos de debate e produzem sempre novos afetos e provocações.

Essa é a potência da Educação Permanente em Saúde (EPS), um movimento contínuo de forças, de exercício de pensamento, de questionamentos que ativam em nós a necessidade de produzir um modo de conectar-se com o serviço e com as pessoas. Dessa forma a produção cotidiana, além de acontecer nos espaços de encontro coletivo, circulava pelos corredores, eram fabricadas outras conversas, outros saberes e iam definindo-se diferentes modos de trabalhar. Esses movimentos tornavam visível a necessidade de superação do trabalho temático por setores, da visão do outro como um ponto do trabalho, a partir do que já fazemos, em relação com o outro, a partir do local onde o outro produz sua existência (Merhy et al., 2016).

Ao entrar no serviço todos os aspectos ali vivenciados nos envolviam e “sentimentos como angústia, curiosidade, desprezo, piedade, generosidade, interesse, todas essas afecções circulam entre nós sem pedir licença” (Merhy et al., 2016, p. 32) e nos desafiavam a compor com outro e a interrogar o próprio modo de trabalhar. Todos esses sentimentos compartilhados reverberavam de diferentes modos e permitiam a compreensão de que somos

produções constantes, por isso as formas de trabalhar vão mudando e se produzindo diferente em cada grupo e para cada trabalhador.

Assistimos encontros e envolvimento que criaram novos processos de vínculo, acompanhamos diferentes propostas, em diferentes grupos dentro do serviço; que se desprendem de seus setores para produzir formação a partir do trabalho cotidiano e a partir das aproximações ao território.

Abrimos linhas de fuga a novos saberes, novos espaços e alternativas em um momento em que se repetiam modos de trabalhar e não saiam novas invenções a partir do mesmo lugar, de dentro dos muros do serviço. Ao passar pela porta do serviço, construímos além de modos de trabalhar e viver nossa vida cotidiana, modos de cuidar das vidas fora daquele espaço. As nossas saídas e idas a outros espaços trouxeram ao serviço experimentações desterritorializantes (Merhy et al., 2016) e nos convidaram a pensar sobre essas experiências que nos atravessam e nos movem a descobrir novas conexões.

5.3 Outros espaços: janelas multidimensionais

E no caminho encontro algumas frestas,
E ali escapam algumas linhas,
que vão produzindo outras.
O que mais pede o trabalho?
Para onde mais quer que eu vá?
Eu perguntava insistentemente,
eu andava a multiplicar.
E as linhas fugiam do habitual,
Encontravam outras,
Desenhavam encontros.
(Eliana Sandri Lira)

Sair da cena costumeira, permitir-se não saber, olhar em dobra, buscar um lugar estrangeiro, aprender com outros coletivos são bons lugares de experimentação. Diferentes linhas de agenciamentos foram conduzindo minhas experimentações, onde surgiam também “experimentadores de uma outra espécie, frustrando as previsões, traçando linhas de fuga, ativas, procurando a conjugação dessas linhas, precipitando sua velocidade ou sua lentidão, criando pedaço por pedaço o plano de consistência” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 169).

Falo das experiências em dispositivos de Educação Permanente em Saúde (EPS) em que fui descobrindo um funcionamento do processo de aprendizado, uma ativação que se dá no meio das interações. Estas acontecem entre os diferentes que participam em diferentes momentos e propostas e trazem a contribuição a partir de sua realidade. Uma produção de conhecimentos coletivos, novos processos de formação sem designar estes lugares como capacitação, mas uma escola permanente (Merhy, 2015).

Os dispositivos de aprendizagens experienciados: Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS), em 2014 e 2016; os encontros realizados pela

Comissão de Integração Ensino-Serviço (CIES) da Região de Saúde e as parcerias construídas; as rodas de conversa e aulas ministradas sobre saúde coletiva, a convite de docentes de instituições de ensino superior, da Região de Saúde nos anos de 2018 e 2019; são experiências que se fundem: caminhos para outras. São travessias, apresentam os processos de Educação Permanente em Saúde (EPS), que provocaram o encontro entre aprendizagem e trabalho, aproximação de saberes e diferentes áreas do conhecimento, experiências de vida e saberes locais (Ferla, et al., 2019).

O envolvimento na organização das Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS/Brasil) contribuiu para a educação permanente, para o debate sobre temas importantes relacionados ao funcionamento do sistema de saúde. Além disso, temas como abordar a organização das redes de atenção e os processos de saúde individual e coletiva, aproximando o ensino da realidade do serviço e das pessoas (Pinto, Maranhão & Ferla, 2017). Reconheço que essas experiências favorecem o protagonismo dos estudantes, a oportunidade de conhecer e vivenciar a realidade do Sistema Único de Saúde como “espaço de aprendizagem” e a reflexão sobre o papel dos estudantes nas mudanças das práticas de saúde, como pontuam Maranhão e Matos (2018).

Quando falo destes movimentos falo de misturas, de uma potência pedagógica na própria experiência e na conexão com outras. Falo de um trabalho compartilhado com diferentes segmentos sociais, com o ensino, com colegas do serviço, esparramado pelo território, voltado a aprender com as práticas cotidianas, com as pessoas que vivenciam essas práticas e à produção de reflexões técnico-políticas sobre os modos como produzimos o cuidado em saúde.

Essas interações provocaram a articulação de debates, encontros, formações, em movimento pelo território, desafiando a dar continuidade a todas essas articulações a partir das práticas dos serviços, experiências, demandas e dificuldades. Ao longo do processo aprendemos que movimentar a Educação Permanente em Saúde (EPS) é estar em constante processo de aprendizado.

Tal reconhecimento gerou convites para rodas de conversa com estudantes e docentes sobre EPS em disciplinas de Saúde Coletiva, em instituições de ensino superior da região de saúde. A aproximação com a universidade permitiu transitar - entre meios (Deleuze & Guattari, 1997) - entre minha identificação como estudante permanente e a minha vivência profissional em construção na realidade do trabalho. Entre aquele olhar da chegada à academia, cheio de desejo e expectativas quanto a realidade do trabalho a ser encontrado e vivido e o desejo atual de construir, produzir com, fazer circular a palavra, a partir das necessidades e realidade do território, integrando ensino e serviço.

Esse trânsito e essa possibilidade de debates em relação ao trabalho cotidiano e a educação permanente em saúde geraram muita satisfação e muitos questionamentos. Aprendi com os próprios relatos, vivi a experiência de falar demais, teorizar demais, saturar o debate com minhas ideias. Percebi que mesmo compreendendo que os processos são construídos e não impostos não significa que conseguimos fazer isso. Aprendi a incluir, a movimentar, a provocar, a deixar surgir elementos, interesses, provocações, a permitir o silêncio, a dialogar.

A cada novo debate sobre Educação Permanente em Saúde as interações iam pedindo e insistindo mais realidade, mais pensamento, mais construção e mais solidão. Solidão no sentido de mais tempo para entender as próprias teorias, construídas de forma mestiça (Ferla, 2002) com literatura e vida - formas como ia definindo as experiências - mais tempo para ler e encontrar-me com outras palavras e construir outros diálogos.

Ao entender que as próprias palavras e discursos já não fazem mais do que repetir conceitos previamente devorados e plantados é como um terremoto que vai comprometendo a estrutura, rachando e abrindo fissuras de todos os tamanhos, umas abrem-se para fora, outras para dentro, e pedem novos agenciamentos, novos pensamentos.

Mas neste processo não há um modelo a seguir, nem regras e receitas, há possibilidades e aberturas, e a vida acontecendo, o trabalho, as relações, os planejamentos, os encontros, as ações... há muito a ser explorado, que pede e insiste o salto, que desconstrói o instituído. Porque não era das minhas palavras que aqueles ouvidos precisavam, mas das vozes reais, os questionamentos não vêm de outro lugar senão a partir do que vivemos, eles têm sua provocação diante do encontro. Dessa forma produzir espaços que deem conta dessas articulações é um grande desafio.

5.4 Alquimias do saber/fazer: janelas caleidoscópias

Nossas alquimias
não procuram a panaceia universal.
São descobertas singulares;
servem a cada local de forma diferente.
Acompanham o clima, a geografia,
os sentimentos, os afetos.
Nossas alquimias produzem calor,
desejo, invenções;
Produzem revezamentos e travessias.
Nossas alquimias são misturas (im)perfeitas,
Ações Transmutáveis
que impactam, conectam,
invadem, transbordam.
(Eliana Sandri Lira)

Ao cartografar encontrei um trabalho técnico, criativo e sensível, que exigiu diferentes tecnologias e formas de construir e pensar as ações que participei. Fui gerando mundos, territórios e produzindo conhecimentos, no sentido de aprender, como “usinagem”, em que pesquisar se afina a construção de “territórios existenciais” (Fonseca et al., 2008, p. 39). Para isso, em um movimento antropofágico, fui engolindo, assimilando, me apropriando de tudo quanto foi possível de conteúdo do cotidiano e da literatura para dar conta de apreender esse processo (Rolnik, 2016) que exige muito respeito pelos processos de aprendizagem, pelas experiências e compartilhamentos.

Essa construção passou por muitos aprendizados: aprender a respeitar os próprios processos; aprender a respeitar o processo dos outros; aprender a compartilhar os conhecimentos e a acolher os dos demais; aprender a frustrar-se diante do coletivo; a construir e facilitar grupos; a deixar o outro liderar; a aceitar a própria ignorância e a do outro; a estudar; a apresentar e falar em público; a escutar e registrar; a aventurar-se em diferentes funções; a andar e conhecer a realidade; a compor com os colegas de forma a produzir momentos que possibilitem o fortalecimento do grupo.

Ao viver o campo pesquisado experimentei esta mobilidade sem separação entre sujeito e objeto, ou método que induzisse a um resultado ou a outro e o desejo como “força propulsora da ação produtiva do trabalho em saúde” (Franco & Merhy, 2011, p. 12, tradução nossa). Dessa maneira sujeito e objeto “servem de base um ao outro, se estabelecem, se dissipam ou se constituem no outro” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 104). Implicada em registrar esse movimento a partir do escrever, poetar e pintar, fui manifestando expressões autorais que podem ser consideradas “operadoras de realidade” (Franco & Merhy, 2012, p. 151). Neste cenário complexo onde se constituíram aprendizados e mudanças: de profissional cheia de questionamentos em relação ao seu cotidiano à aprendiz de cartógrafa, antropófaga, produtora de conhecimento; de um corpo acostumado a seguir regras e conceitos - mas que já não servia para seguir aprendendo - à um “corpo sem órgão” (Deleuze & Guattari, 2010), que recria suas finalidades, que não se apegam a conceitos fixos, fui construindo os próprios caminhos a partir da trajetória.

O que fortalece esse processo de aprendizagem, de calor e descobertas é a própria a Educação Permanente em Saúde vibrando no corpo e impulsionando os movimentos do desejo, movimentando e tensionando os saberes e os fazeres cotidianos (Ceccim & Ferla, 2008), vinculada à prática profissional e às afetações que esta provoca diante das diferentes situações vivenciadas. Um comprometimento que acontece a partir dos afetos e memórias dos tempos vividos (Amorim, Feuerwerker & Gomes, 2016).

O reconhecimento do cotidiano do trabalho em saúde como conteúdo e matéria de um aprender e ensinar contínuos é um exercício de comprometimento com a integralidade e a resolubilidade (Gomes, Barbosa & Ferla, 2016) do cuidado. Esse movimento de aprendizagem em ato possibilitou-me produzir uma pedagogia que se dilui no exercício do trabalho, e se reconhece na saúde como potência e força criativa singular e permite a travessia de fronteiras entre educação e saúde (Ceccim & Ferla, 2008), e a compreensão da própria presença como agente de mudança (Franco & Merhy, 2013).

Ao longo desse processo percebo a construção de saberes coletivos como um desafio pessoal, grupal e institucional. Pessoal no sentido de que é necessário estar disposto a dialogar, a construir com o outro e a reconhecê-lo como sabedor e protagonista; grupal porque precisamos reconhecer o grupo como um espaço potente e diverso, que pode ajudar a pensar sobre o trabalho e compor diferentes saídas para as demandas diárias. E institucional porque é importante ter como parte do processo de trabalho e reconhecido como trabalho os espaços de conversa produzidos a partir das pessoas que trabalham, chegam, transitam, saem na instituição, suas formas de construir vínculos e a necessidade do reconhecimento da importância desses espaços.

Experimentamos alguns espaços construídos coletivamente para a equipe do serviço, como também espaços produzidos com diferentes atores para o debate e construção de políticas de saúde, mas os espaços mais potentes eram os informais que se produziam após esses encontros formais: antes, durante e em diferentes momentos e locais - no almoço coletivo, os encontros no intervalo, as conversas durante um café, a roda de chimarrão, entre outros espaços do dia a dia. Esses espaços funcionam como propulsores e ativadores de processos coletivos elevando o outro a condição de sujeito (Santos, 2000). Entretanto o desafio continua sendo o funcionamento de um trabalho compartilhado a partir dos saberes produzidos nesses espaços.

Para tanto a EPS constitui-se um dispositivo de enfrentamento na construção de saberes descentrados, linhas que se movem para uma aprendizagem móvel; construção de formas diversas de trabalho e cuidado em saúde, que perpassam a vivência do trabalhador em serviço (Ceccim & Ferla, 2008) e seus deslocamentos a outros lugares, essencialmente onde a vida acontece.

Ceccim (2019, p. 68) refere-se à Educação Permanente em Saúde “como potencial de comunicação e tradução social, além de identificação como bandeira de luta por uma educação com os princípios do SUS”. Um “campo de ação estratégica do ordenamento da formação de recursos humanos na área da saúde” (p. 71).

Ao compor com a equipe, em um novo serviço, aprendi que sempre haverá confronto na relação de produção de saúde, por ser um processo vivo, realizado em ato, que se relaciona mais à artesanaria e modos de fazer, produzir cuidados, tecnologias relacionais e se utilizar dos saberes estruturados (Merhy, 2014) do que à formalização de processos.

Diante dessas produções e espaços coletivos é necessário pensar: que construções ajudamos a fortalecer no cotidiano e, no cenário atual? O conhecimento é sempre contextualizado, desafia a educação e o trabalho para práticas que promovam “subjetividades rebeldes” [...] “subjetividades inconformistas e capazes de indignação” (Santos, 2000, p. 33); sendo a criticidade fundamental ao conhecimento para que não haja totalizações e regimes da verdade em um terreno que precisa de construção e reconhecimento das diferenças.

Fui reconhecendo, como destacam Werner, Freitas e Ceccim (2019) a educação como saúde, uma pedagogia na saúde e da saúde que pergunta, integra os processos de cuidado, mobiliza novas formas de aprender e cuidar, fazendo parte do território da saúde coletiva, e os meus estranhamentos sendo um sinal de inserção ao espaço coletivo.

Ser sujeito desta cartografia é misturar-se a essa alquimia de saberes e fazeres, de expressões e práticas, de formações e implicações, é transitar entre a relação com a produção de conhecimento, a construção de si e os dilemas dos saberes em processo. Cartografar nesses meandros dá medo, reconhecer o cotidiano como material vivo de aprendizado assusta, sentir-se estranho ao próprio trabalho e buscar novos agenciamentos é um esforço imenso. Entretanto descobri que onde há medo há coragem, onde há estranhamento há vibrações do desejo e movimentos, que ser contemporâneo é lidar com mudanças e solidariedade e a construção de redes de aprendizagem como resistência, e tudo isso é constitutivo do campo da saúde coletiva.

6 QUARTO POUSO: PUXANDO O FIO DO ALINHAVO - CONSIDERAÇÕES MÓVEIS

Abaixa, levanta,
Entorta e volta,
Move, muda,
Segue, transmuta,
Despedaça as formas.
(Eliana Sandri Lira)

Cartografar os movimentos do desejo como pesquisadora, na trajetória de um serviço regional, do Sistema Único de Saúde (SUS), me tornou nômade em minha própria terra, mapeando, construindo linhas diversas e tramas a partir das andanças pela vida. Esse processo provocou perguntas e implicações, diante da complexidade do campo da saúde coletiva.

A cartografia proporcionou este movimento, linhas flexíveis no desenho desta trajetória, onde pousei minha atenção e me dediquei à produção de materiais e conhecimento implicado; tendo como guia expressões, manifestações, acontecimentos e experiências em terreno estrangeiro.

Ao chegar em um novo serviço as atividades, diversas naquele meio: o som, os movimentos e as imagens cruzavam-se e misturavam-se, produzindo um ritmo. Um ritmo que eu repetia e, ao mesmo tempo em que precisava compreender, me situava naquele espaço. Eu não era nativa, mas trazia uma terra, um modo de me relacionar com o ambiente. A partir daí era como se essa observação, e esse acompanhamento dos movimentos, pudessem ser motivos para encontrar um espaço de equilíbrio e direcionar o corpo a aprender.

Assim ia me movimentando e tomando essa possibilidade de aprender como um salto, não linear, diferente em cada momento. E foi acontecendo: a um tempo me sentia em casa, em outro já se abriam novas perspectivas, e me movimentava ao encontro de novas aprendizagens, que também não duravam muito, porque logo agregava mais algumas, ou deixava outras, abrindo espaços para diferentes formas de compreender os processos.

Os desejos de pesquisa expressaram a intensão de aventurar-me no campo da saúde coletiva descrevendo, a partir dos elementos e matérias de expressão que acontecem diariamente, a trajetória de um serviço de saúde regional por meio das experiências estrangeiras e acontecimentos, entre 2011 e 2019, de imersão no sistema de saúde. Assumir e analisar a sensação de incômodo e os estranhamentos em relação à forma como se realizavam as ofertas e relações no trabalho - e o modo como se caracterizavam as ações e narrativas sobre o fazer saúde - mobilizaram a minha atenção para o espaço geográfico do serviço; a fim de

apreender elementos e conexões possíveis envolvidos nos percursos dos processos de trabalho, tanto coletivos como individual.

Pousar o olhar no cotidiano e atender o que me solicitavam as relações entre a literatura e a vida revelou-se uma experiência vital de forças e encontros. Pesquisar nesta ordem é um exercício cuidadoso, lidar com rotas não lineares, com mudanças no trabalho e na vida, variações e linhas de fuga que transbordam o tempo delimitado na pesquisa, agenciando outros acontecimentos.

As pistas encontradas misturam tempos e estranhamentos, insurgiram diante de tensões e memórias, analisadas atentamente sem a pretensão de esgotamento dos assuntos. Diante desta realidade não foi possível escrever o texto da pesquisa sem deixar reverberar o sensível que atinge outras formas de expressão. Por isso a cartografia sinalizou a necessidade de dar passagem à arte, em forma de escrita e pintura - embora amadoras - com a intensão de expressar essas ideias que insistem em diversos momentos e pedem seu registro de uma forma mais próxima possível de seu processo de surgimento. Essas passagens aconteceram ao finalizar algumas escritas quando a vibratibilidade do corpo permitiu reviver cenas, vozes, fatos, desejos como uma enxurrada de emoções e acolheu inúmeras ideias se entrelaçando e ganhando força.

Esse processo de escrita identifica uma linha de trabalho que pôde expressar as sutilezas do cotidiano no contexto atual, enquanto o pensamento fazia um banquete¹⁸ com os autores estudados, tentando buscar um olhar próprio. Eu perguntava: Mas afinal o que vocês autores querem dizer para mim? Interessante que a pergunta feita aos autores durante a leitura foi a própria potência de produção: Ou, afinal, o que eu quero de vocês? O que eu quero a partir do território em que me encontro? Eis que surge uma proposição: Faça sua análise em seu momento.

Mas, como iria produzir algo autoral, como começar? O projeto de pesquisa/dissertação foi qualificado, em dezembro de 2018, as recomendações dos professores avaliadores apontaram novas perspectivas e entendimentos em relação a saúde coletiva diante do campo imenso a ser mapeado. Como eu poderia abandonar a segurança dos conceitos lidos? Sutilmente se manifestou uma ideia: se sou autora da minha própria arte então não há outro caminho que o contato com o cotidiano da vida, aceitar o pertencimento a este lugar onde pouse minha atenção para apreender.

Quanto mais buscava respostas e modelos me deparava com propostas de produção e provocações: Que mapas tens construído? Que experiências? Com que corpo? Uma mistura de sentimentos e desejos, mas ainda sem saber como andar. Percebi que o lugar não era ali, debruçada na escrivaninha, eu precisava abrir o círculo seguro que havia constituído, precisava enfrentar esses movimentos potentes que se remexiam em busca de passagens. Que enfrentamento seria esse?

¹⁸ Uso a expressão banquete referindo-me ao Banquete de Platão, diálogo filosófico no qual os filósofos, no referido texto, discutem sobre o amor, a amizade e o belo, produzindo discursos que os apresentam durante o banquete (Platão, 1987). Foi assim que me senti sendo envolvida por muitas ideias e conceitos, tendo que compreender como funcionam todos os estudos feitos a partir da minha realidade. Não trato dos temas do escrito pelo filósofo, mas trago esse sentimento de estar em meio aos autores da pesquisa dialogando sem respostas exatas, entretanto com perguntas e discursos potentes.

Eu queria produzir conhecimentos a partir da trajetória vivida, eu queria entender os processos e ações, os diálogos e suas sinuosidades. A partir das teorias, diálogos e práticas eu queria entender como aconteceram e que mudanças aconteceram no espaço em que me encontrava. E eis que lembro de uma observação importante: no cotidiano convivem muitos potenciais em movimento, possibilidades de produção de conhecimento em conjunto, em relação, em um cenário.

Passei então a entender esse tempo de pesquisa como acontecimentos que se atravessam, voltam, seguem a frente e se constituem em processo, por meio de minhas vivências. Isso mudou o sentido de estar em campo, de pesquisar e de buscar a qualificação, tratando-se de um processo que continuará me acompanhando ao longo da vida.

Aprendi a permitir que as vozes fossem ouvidas, sem fragmentá-las, sem nomeá-las, mas colocá-las em blocos de potência. Assim, falando dos achados possíveis nessas vozes e o resíduo que fica remexendo e questionando sobre suas tramas. Não apenas a descrição das percepções de alguém sobre o objeto de pesquisa, mas compreensões singulares parte do campo pesquisado e constituído coletivamente.

Encontrei um espaço de produção, de invenções de práticas e de ocupação criativa; por isso não disse ou totalizei conceitos, mas deixei passar os acontecimentos a partir do meu corpo de trabalhadora presente no espaço coletivo. Uma forma de apresentar o processo de pesquisa a partir dos movimentos do desejo no trabalho em saúde de forma a possibilitar que o leitor também construa seus mapas e conhecimentos. Posso dizer que este processo impulsionou a construção e, por isso, não poderia deixar de descrevê-lo ao puxar o fio do alinhavo.

A estruturação do trabalho e a integração de cenas, fatos e vozes da trajetória vividas no trabalho, apresentou dois marcos. O primeiro foi o processo de juntar as produções que foram sendo construídas ao longo da pesquisa e, em segundo, encontrar uma linha e uma sequência que pudesse organizá-las. Esse processo foi semelhante à produção de mosaicos, em que cuidadosamente se escolhem peças que possam compor - umas com as outras - contornando o desenho que se quer apresentar, preenchendo os espaços e produzindo *links* até surgir uma imagem do processo construído, possível de ser lida e compartilhada.

A cartografia possibilitou uma produção autoral com diferentes entradas e, para isso, foi preciso suportar a espera, que não é sentar e ficar olhando o horizonte, mas identificar horizontes nas diferentes janelas que se abrem nos encontros com a literatura e com a vida.

Encontrei um caminho a ser fabricado, porque não é sobre mim, isolada, com minha vida individualizada que se trata, é de um processo múltiplo, que me envolve e envolve outros que compõem suas trajetórias em outros mapas. Eu os levo no mapa que alcancei produzir, eles me levam em seus mapas na forma de palavras, movimentos e produções que elaboramos juntos.

A intensão não foi documentar a trajetória de um serviço, ou traçar uma análise sociodemográfica, econômica, epidemiológica, sociológica, mas romper com algumas visões, reelaborar outras numa história produzida em serviço. Uma história vivida em dobra, por uma pedagoga - estrangeira na saúde - que percebeu a potência pedagógica da saúde e aprendeu a falar em língua estrangeira em sua própria língua.

Pesquisar aqui se fez com interesse e em ato evidenciando que é possível aprender com a própria trajetória e compartilhar as produções, dispondo a própria experiência como material ativador de outros movimentos. Deixo ao leitor uma fenda, entradas e saídas, um legado de produção e conhecimento que o permite traduzir a seu modo, diante de seu contexto de vida e trabalho um novo mapa e novas produções de conhecimento.

Diante do mapeamento da trajetória de um serviço Regional de Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), no Estado do Rio Grande do Sul, explorei a possibilidade de produzir conhecimentos e aprendizagens enquanto vivenciava o campo pesquisado. Com este objetivo a pesquisa seguiu metodologicamente as pistas da cartografia: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento; descrição de cenas, fatos e acontecimentos, ao longo da trajetória, considerando os processos de trabalho e a minha experiência, de 2011 a 2019.

Ao expressar os resultados fui transitando entre a arte e a escrita acadêmica, me valendo do campo de conhecimentos e de práticas da Saúde Coletiva. Uma produção autoral em que apresentei quatro pousos que abriram janelas no processo de reconhecimento atento. Pousos e janelas organizados de forma que o leitor pouse sua atenção e explore a partir dos próprios desejos de leitura produzindo outros mapas e conexões.

Os processos construídos, as diferentes relações no trabalho, as diversas manifestações sobre os processos de trabalho, as práticas no seu interior, desvelaram contextos de complexidade. Também, revelaram tensionamentos nos modos como o trabalho se organiza e nas relações que as pessoas estabelecem entre si e com o trabalho; traduzidos em pistas importantes para a construção desta cartografia. A produção de entendimentos sobre os processos de trabalho na saúde, reconhecendo reflexos das mudanças no trabalho, apresentados nesta dissertação, parece ser um legado para quem considera a potência da Educação Permanente como um “campo de ação estratégica” (Ceccim, 2019) para a formação e educação na Saúde no Sistema Único de Saúde e um dispositivo de enfrentamento à construção de saberes descentrados.

Deixar-se guiar por esses elementos e permitir que o desejo operasse a partir do encontro foi desafiador; mapear, pousar e remexer na realidade produziu aprendizados rizomas e muitas experiências a serem traduzidas, sempre ultrapassadas pela vida. Isso despertou a curiosidade e apontou a potência de aprender em serviço: olhar para a realidade de uma forma muito acolhedora e pensar a partir dela; um processo vivo, implicado, de reconhecimento dos limites do próprio serviço, dos limites sociais e culturais que nos envolvem, nos provocam e nos desterritorializam o tempo todo. E, assim, escritas e expressões, ganham sentido e desdobram-se a partir dos meus ritornelos: Ideias, pistas, campo, tempo, sociedade, poemas, diversidade, e as relações no chão em que piso, sempre a lembrar que essa escolha de produção é devir.

Retornos, vibrações e movimentos:
Seguem além pesquisa;
Insistem produzir outras coisas;
Direcionam a atenção a outros aspectos do campo;
Provocam; Desconstroem; Dobram a escrita.
Desvelam um aprender contínuo, quente.
(Eliana Sandri Lira)

Figura 4 - Pintura: Os movimentos da EPS



Fonte: Criação da autora, 2015.

7 REFERÊNCIAS

- Abrahão, A. L., Merhy, E. E., Gomes, M. P. C., Tallemberg, C., Chagas, M. S., Rocha, M., ... Vianna, L. (2016). O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. In: Merhy, E. E., Baduy, R. S., Seixas, C. T., Almeida, D. E. S., Júnior, H. S. (Org.). *Avaliação Compartilhada do Cuidado em Saúde: Surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis. Cap. 5. p. 22-30. (Políticas e cuidados em saúde - livro 1). Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude/politicas-e-cuidados-em-saude-livro-1-avaliacao-compartilhada-do-cuidado-em-saude-surpreendendo-o-instituio-nas-redes-pdf/view>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- Abrahão, A. L. & Merhy, E. E. (2014). Formação em saúde e micropolítica: sobre conceitos-ferramentas na prática de ensinar. *Interface*. Botucatu. v. 18, p. 313-324, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18n49/1807-5762-icse-18-49-0313.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2019.
- Alvarez, Tomaz. (1995). *Obras Completas*: Teresa de Jesus. São Paulo: Loyola. 1830 p.
- Amorim, E. M., Feuerwerker, L. C. M. & Gomes, L. B. Enquadri-látero: a educação permanente em saúde como estratégia de encontros que tecem redes vivas. In: Feuerwerker, L. C. M., Bertussi, D. C. & Merhy, E. E. (2016). *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis. p. 225-235. (Políticas e cuidados em saúde - livro 2). Disponível em: <<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude/politicas-e-cuidados-em-saude-livro-2-avaliacao-compartilhada-do-cuidado-em-saude-surpreendendo-o-instituio-nas-redes-pdf/view>>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- Barros, M. (2010). *Poesia Completa*. São Paulo: Leya.
- Baudrillard, J. (2008). *A sociedade de consumo*. Portugal: Edições 70. 272 p.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 334 p. Tradução de: Marcus Penchel. Disponível em: <https://fotografiaeteoria.files.wordpress.com/2015/05/bauman-z-modernidade-e-ambivalencia.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 246 p. Tradução de: Plínio Dentzien. Disponível em <https://farofafilosofica.files.wordpress.com/2016/10/modernidade-liquida-zygmunt-bauman.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 119 p. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Disponível em: <https://farofafilosofica.com/2017/02/24/zygmunt-bauman-em-pdf-31-livros-para-down-load/>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- Bauman, Z. (2017). *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução de: Renato Aguiar.
- Beck, U. (2018). *A metamorfose do Mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução de: Maria Luiza X. de A. Borges.
- Benet, M., Merhy, E. E. & Pla, M. (2016). Devenir cartógrafa. *Athenea Digital*. v. 16, p. 229-243. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/v16-n3-benet-pla-merhy>. Acesso em 3 de dezembro de 2019.
- Benjamin, W. (1987). O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. (1987). *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. Cap. 14. p. 197-221. Tradução: Editora Brasiliense.

- Berman, M. (1986). *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Editora Schwarcz.
- Bondia, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Barcelona, n. 19, p.20-28. Tradução de: João Wanderley Geraldi. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.
- Brasil. (2007). *Portaria nº 1.996, de 20 de agosto de 2007* - Ministério da Saúde, dispõe sobre as Diretrizes para a Implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília, DF. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2007/prt1996_20_08_2007.html. Acesso em: 10 dez. 2019.
- Brasil. (1990). *Lei Orgânica da Saúde*. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm. Acesso em: 10 dez. 2019.
- Brasil. (2011). *Decreto nº 7508, de 28 de junho de 2011*. Regulamenta a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para dispor sobre a organização do Sistema Único de Saúde - SUS, o planejamento da saúde, a assistência à saúde e a articulação interfederativa, e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7508.htm. Acesso em: 6 jul. 2019.
- Campos, G. W. S. (2000). *Um método para análise e co-gestão de coletivos*. São Paulo: Hucitec.
- Ceccim, R. B. & Ferla, A. A. (2008). Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. *Trab. educ. saúde*. vol.6, n.3, pp.443-56. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462008000300003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 out. 2019.
- Ceccim, R. B. & Feuerwerker, L. C. M. (2004). O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14(1):41- 65. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v14n1/v14n1a04.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- Ceccim, R. B. (2005). Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. *Interface: Comunicação, saúde, educação*, Porto Alegre, v. 9, p.161-177. Disponível em: <http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/textos%20eps/educacaopermanente.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2018.
- Ceccim, R. B. (2019). Emergência de um "campo de ação estratégica" ordenamento da formação e educação permanente em saúde. *Sanare: Revista de Políticas Públicas*, Sobral, v. 8, n. 1, p.68-80. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1307>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- Costa, L. A. & Fonseca, T. M. G. (2007). Do contemporâneo: O tempo na história do presente. *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, Vol. 59, n. 2, p. 110-119. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgpsi/arquivos/Do%20contemporaa2neo%20%20Tania%20e%20Artur.pdf/view>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, V.1.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, v.4.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (1998). *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2018.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta. 184 p. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-gilles-parnet-claire-dialogos.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2018.

- Deleuze, G. (1974). Da vigésima primeira parte: Do acontecimento. In: DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo. p. 151-157. Disponível em: <https://farofafilosofica.com/2017/03/30/gilles-deleuze-18-livros-para-download/>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- Deleuze, G. (1991). *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. São Paulo: Papyrus. 213 p. Tradução Luiz Orlandi. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/8n0ec>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1977). *KAFKA: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago. 127 p. (Logoteca). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/362265324/DELEUZE-G-Kafka-Por-Uma-Literatura-Menor-pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- Fantini, C. A. & Souza, N. C. S. (2015). Análise dos fatores motivacionais das gerações baby boomers, X, Y e Z e as suas expectativas sobre carreira profissional. *Revista Ipecege*, [s.l.], v. 1, n. 3/4, p.126-145, jul-dez. Disponível em: <https://revista.ipecege.org.br/Revista/article/view/25>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- Ferla, A. A., Schweickardt, K.H.S.C., Schweickardt, J. C. & Gai, D. N. (2019). Encontros da Saúde e da Educação na Amazônia: inovações que brotam da diversidade e da complexidade de um território líquido. *Atenção Básica e Formação Profissional em Saúde: inovações na Amazônia*, Porto Alegre: Rede Unida. p.8-20. Disponível em: <<http://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2018/11/ED.07-S%C3%89RIE-SA%C3%9ADE-E-AMAZ%C3%94NIA-OK.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2019.
- Ferla, A. A. (2002). *CLÍNICA NÔMADE E PEDAGOGIA MÉDICA MESTIÇA: cartografia de ideias oficiais e populares em busca de inovações à formação e à clínica médicas*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1897/000361256.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 dez. 2019.
- Ferla, A. A., Rocha, C.M.R., Fajardo, A. P., Dallegrave, D., Rossoni, E., Pasini, V. L. & Sonaglio, R. G. (2017). As conexões entre as Residências e ensino na saúde: produção de tecnologias educacionais e o aprender no mundo do trabalho a partir de um mosaico de experiências. In: FERLA, Alcindo Antônio et al. Alcindo Antônio Ferla Cristianne Maria Famer Rocha Ananyr Porto Fajardo Daniela Dallegrave Eloá Rossoni Vera Lucia Pasini Rafaele Garcia Sonaglio Organizadores *Residências e a Educação e Ensino da Saúde: Tecnologias Formativas e o Desenvolvimento do Trabalho*. Porto Alegre: Rede Unida. p. 09-18. (VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO E SAÚDE). Disponível em: <<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-vivencias-em-educacao-na-saude/residencias-e-a-educacao-e-ensino-da-saude-pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2019.
- Ferla, A.A & Pinto, H. A. (2017). Integrando Universidade e Sistemas Locais de Saúde: Experimentações, Memórias e Produções da Educação pelo Trabalho. In: FERLA, Alcindo Antônio; PINTO, Heider Aurélio. *Integração entre universidades e sistemas locais de saúde: experimentações e memórias da educação pelo trabalho*. Porto Alegre: Rede Unida. p. 4-20. (Atenção Básica e Educação na Saúde). Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-atencao-basica-e-educacao-na-saude/integracao_entre_universidade_e_sistemas_locais_de_saude>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- Fonseca, T. M. G., Costa, L. A. & Kirst, P. G. Ri (2008). Ritornelos para o pesquisar no contexto das tecnologias virtuais do sensível. *Informática na Educação: Teoria e Prática*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.38-46. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/7133/4882>>. Acesso em: 25 jul. 2019.
- Fonseca, T. M. G., Zucoloto, M. P. R., Hartmann, S. (2012). Cap. 1: Entre a escrita e a expressão: vias para a produção de conhecimento. *Psicologia em Educação*, Maringá, v. 17, n. 1, p.47-54. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/98943/000891467.pdf;sequence=1>. Acesso em: 15 maio 2019.
- Fonseca, T. M. G. (2002). *Modos de trabalhar Modos de subjetivar: Tempos de Reestruturação Produtiva*. Porto Alegre: Ufrgs. 222 p.

- Fonseca, T. M. G. (2003). Trabalho, gestão e subjetividade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p.2-11, jun. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18092672003000100002. Acesso em: 5 jun. 2019.
- Foucault, M. (1984). Os intelectuais e o poder. In: Foucault, M. *Microfísica do Poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal. Cap. 4. p. 69-78.
- Franco, T. B. & Merhy, E. E. (2013). *Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde*. Hucitec, São paulo.
- Franco, T. B. (2013). Prefácio. In: FRANCO, Tulio Batista; MERHY, Emerson Elias. *Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde*. São Paulo: Hucitec, p. 4-6.
- Franco, T. B. & Merhy, E. E. (2012). Cartografias do Trabalho e Cuidado em Saúde. *Tempus: Actas de Saúde Coletiva*, Brasília, v. 6, p.151-163. Disponível em: https://app.uff.br/slab/uploads/Cartografias_do_Trabalho_e_Cuidado_em_Sa%C3%BAde.pdf. Acesso em: 08 de março de 2019.
- Franco, T. B. & Merhy, E. E. (2011). El reconocimiento de la producción subjetiva del cuidado. *Salud Colectiva*, Buenos Aires, v. 1, n. 7, p.9-20, 1 abr. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/scol/2011.v7n1/9-20/>>. Acesso em: 7 jan. 2020.
- Galeano, E. (2002). *O livro dos Abraços*. L&PM, Porto Alegre, 2002. Disponível em: docero.com.br/doc/x0cnn. Acesso em: 5 set. 2018.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp. Tradução de: Raul Fiker.
- Gomes, L. B., Barbosa, M. G. & Ferla, A. A. (2016). *A educação permanente em saúde e as redes colaborativas: conexões para a produção de saberes e práticas*. Porto Alegre: Rede Unida. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-23112012000100003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- Guattari, F., Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 4. ed. Porto Alegre: Vozes. 328 p.
- Guimarães, C. F., Ceccim, R. B. & Leipnitz, L. T. (2018). Ziguezaguear. In: Burg, R. C., Dallegrave, D., Amorim, A. S. L., Menezes, V. M. P., & Amaral, B.P. (Org.). *Enciclopédia das residências em saúde*. Porto Alegre: Rede Unida, 2018. p. 324-329. (Vivências em Educação na Saúde). Disponível em: <<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-vivencias-em-educacao-na-saude/ensiqlopedia-das-residencias-em-saude-pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- Kastrup, V. (2015). O Funcionamento da Atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina. p. 32-51.
- Lévi-Strauss, C. (1989). *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus Editora. Disponível em: <https://mega.nz/#F!gs9VxAoL!uwn4Zl6YwTTuXKjquxrbCQ>. Acesso em: 15 set. 2019.
- Lermen, J. I., Santos, E. R., Chiapin, G. & Mayer, R. T. R. (2014). "Ó eu aí: olha eu, apoiador institucional": apoio institucional com a 11ª Coordenadoria Regional de Saúde. In: Pinheiro, R., Lopes, T. C., Silva, F. H., Silva Junior, A. G. (org.). (2014). *Experienci(ações) e práticas de apoio no SUS: integralidade, áreas programáticas e democracia institucional*. Rio de Janeiro: Cepesc/abrasco. p. 247-261. (EnsinaSUS).
- Lima, G. S., Carvalho Neto, A., & Tanure, B. (2012). Executivos jovens e seniores no topo da carreira: conflitos e complementaridades. *Read. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, [s.l.], v. 18, n. 1, p.63-96, abr. FapUNIFESP (SciELO).
- Lira, E. S., Zis, V. L. G. & Zis, R. L. (2014). Como tudo começou: motivação para fazer apoio. In: Pinheiro, R., Lopes, T. C., Silva, F. H., Silva Junior, A. G. (org.). (2014). *Experienci(ações) e práticas de apoio no SUS: integralidade, áreas programáticas e democracia institucional*. Rio de Janeiro: Cepesc/abrasco. p. 263-271. (EnsinaSUS).

- Luz, M. T. (2009). Complexidade do campo da Saúde Coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e práticas - análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. *Saude soc.*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 304-311.
- Maranhão, T. & Matos, I. B. (2018). Vivências no Sistema Único de Saúde (SUS) como marcadoras de acontecimento no campo da Saúde Coletiva. *Interface* (Botucatu) [online]. vol.22, n.64, pp.55-66. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v22n64/1807-5762-icse-1807-576220160091.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- Merhy, E. E. (2004). O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido. In: Túlio Batista Franco; Marco Aurélio de Anselmo Peres. (Org.). *Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho*. 1 ed. São Paulo: Editora Hucitec. v. 1, p. 21-45.
- Merhy, E. E. (2014). *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec.
- Merhy, E. E., Gomes, M. P. C., Silva, E., Santos, M. F. L., Cruz, K. T. & Franco, T. B. (2016). Redes vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua: Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. In: Merhy, E. E., Baduy, R. S., Seixas, C. T., Almeida, D. E. S, Slomp Júnior, H. (Org.). (2016). *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis. Cap. 5. p. 31-42. (Políticas e cuidados em saúde - livro 1). Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- Merhy, E. E. (2018). *Inquietudes, da minha parte*. Interface. Botucatu. v. 22, p. 1750-1752. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2018.v22suppl2/1750-1752/>. Acesso em 3 de dezembro de 2019.
- Merhy, E. E. (2015). Educação Permanente em Movimento: uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. *Saúde em Redes*. v. 1, p. 07-14. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/309>. Acesso em: 3 dez. 2019.
- Michaelis, *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. (2015). Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- Mosé. V. (2018). *Nietzsche Hoje: sobre os desafios da vida contemporânea*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Morais, C. S. V. & Lopes Neto, S. (2005). Educação, formação profissional e certificação de conhecimentos: considerações sobre uma política pública de certificação profissional. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 93, p.1435-1469, set./dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27288.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- Nietzsche, F. W. (2008). *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro: Contraponto. 513 p. Tradução do original alemão e notas: Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes.
- Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. (Org.). (2015). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina. 207 p.
- Pessoa, F. (2016). *Obra Poética*. Vol.2. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Pinto, H. A. & Ferla, A. A. (2016). Formação, Redes e Produção de Saúde; Educação Permanente em Movimento. In: Gomes, L. B., Barbosa, M. G. & Ferla, A. A. (2016). *A educação permanente em saúde e as redes colaborativas: conexões para a produção de saberes e práticas*. Porto Alegre: Rede Unida. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-23112012000100003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- Pinto, H. A., Maranhão, T. & Ferla, A. A. (2017). Estágios e Vivências na Realidade do SUS como Dispositivos de aprendizagem significativa: Refletindo sobre a experiência. In: Ferla, A. A., Maranhão, T., Pinto, H. A. (Org.). (2017). *Vivências e estágios como dispositivos da aprendizagem: refletindo sobre o VER-SUS*. Porto Alegre: Rede Unida. p. 13-37. (Série

- Vivência em Educação na Saúde). Disponível em: <<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-vivencias-em-educacao-na-saude/vivencias-e-estagios-pdf>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- Platão. (1987). *O banquete*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. [Coleção Os pensadores]
- Ponty, M. M. (2002). *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac Naif. (Coleção Ensaios). Ed. e prefácio Claude Lefort; tradução de Paulo Neves. Disponível em: <<https://farofafilosofica.com/2018/02/06/merleau-ponty-5-livros-para-download-em-pdf/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- Quintanilha, L. F. (2017). Inovação pedagógica universitária mediada pelo facebook e youtube: uma experiência de ensino-aprendizagem direcionado a geração Z. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 65, p.249-263, jul/set. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00249.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.
- Regis, V. M. & Fonseca, T. M. G. (2012). Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. *Fractal Rev. Psicol.* v. 24, n. 2, p.271-286. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922012000200005&script=sci_Abstract&lng=-es>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- Rio Grande Do Sul. (2016). Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul. Grupo de Planejamento, Monitoramento e Avaliação da Gestão (Org.). *Plano Estadual de Saúde 2016 - 2019*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul Todos Os Direitos Desta Edição Reservados Secretaria da Saúde - SES/RS. 228 p.
- Rolnik, S. (2016). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS.
- Rolnik, S. (2000). Esquizoanálise e Antropofagia. In: Alliez, Éric. *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica*. São Paulo: 34. p. 451-462. Coordenação da tradução: Ana Lúcia de Oliveira. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/345301945/Gilles-Deleuze-Uma-Vida-Filosofica-Alliez-Org>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- Santos, L. F. M. & Mendes, V. M. (2016). Nós e o campo: compondo o lugar de pesquisadoras-estrategistas. In: Merhy, E. E., Baduy, R. S., Seixas, C. T., Almeida, D. E. S., Slomp Júnior, H. (Org.). (2016). *Avaliação Compartilhada do Cuidado em Saúde: Surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis. Cap. 5. p. 22-30. Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- Santos, B. de S. (2000). *A Crítica da razão indolente, contra o desperdício da experiência*. Vol. 1. São Paulo: Cortez.
- Saint-Exupéry, A. de. (2009). *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro, Editora Agir. Aquarelas do autor. 48ª edição / 49ª reimpressão. Tradução por Dom Marcos Barbosa. 93 p.
- Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul. (2006). Nº 01/2006. Provimento de categorias funcionais do Quadro de Funcionários da Saúde Pública. *Rio Grande do Sul*, [S. l.], 5 out. Disponível em: <https://www.pciconcursos.com.br/concurso/secretaria-de-saude-do-estado-rs-325-vagas>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- Sennett, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record. 189 p. Tradução de: Clóvis Marques.
- Sennett, R. (2009). *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record. 204 p. Tradução de: Marcos Santarrita.
- Stengers, I. (2017). Reativar o animismo. *Caderno de Leituras*, Belo Horizonte, n. 62, p.01-15. Tradução de: Jamille Pinheiro Dias. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- Trein, A. L., Lermen, J. I., Costa, A. H. C., Righi, L. B., Correl, C. C. F., Hoff, L. R., Pedroso, A. B. & Silva, G. V. (2014). A construção do acompanhamento macrorregional na Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul: a experiência da Macrorregião Norte no Apoio Institucional. In: Pinheiro, R., Lopes, T. C., Silva, F. H., Silva Junior, A. G. (org.). (2014).

Experienci(ações) e práticas de apoio no SUS: integralidade, áreas programáticas e democracia institucional. Rio de Janeiro: Cepesc/abrasco. p. 235-245. (EnsinaSUS).

Veloso, E. F. R., Dutra, J. S. & Nakata, L. E. (2016). Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações y, x e baby boomers. *Rege - Revista de Gestão*, São Paulo, p.88-98. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/305484618_Percepcao_sobre_carreiras_inteligentes_diferencas_entre_as_geracoes_y_x_e_baby_boomers#pf1>. Acesso em: 15 out. 2018.

Werner, S., Freitas, C. R. & Ceccim, R. B. (2019). *Residência de pedagogia na Saúde Mental Coletiva? Educação como saúde.* Educação. Santa Maria. v. 44, p. 1-23. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/33184>. Acesso em 3 de dezembro de 2019.

DEBATES





CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO CARTOGRAFIA DO COTIDIANO: O MOVIMENTO DO DESEJO PARA A PESQUISA ACADÊMICA NA ATUALIDADE

Lindomar Wessler Boneti

O estudo intitulado “Cartografia do Cotidiano: movimentos do desejo no trabalho em saúde”, de autoria de Eliana Sandri Lira, sob orientação da Professora Dra. Izabella Barison Matos apresenta inúmeras contribuições para a comunidade acadêmica das ciências humanas em relação ao perfil da pesquisa científica. Isto pelo fato de o referido estudo exteriorizar uma complexidade que envolve o trabalho acadêmico o que normalmente não é considerado devido o preceito da funcionalidade metódica utilizado como parâmetro de verdade científica. Isto significa dizer que se trata de um estudo que propõe caminhos de questionamento da veracidade científica associada ao modelo clássico da pesquisa científica, como, por exemplo, a ênfase dada à pseudo “neutralidade” científica com base no distanciamento entre a objetividade e a subjetividade, do “sujeito” e do “objeto” de estudo.

O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito ao desmonte pessoal provocado com a primeira leitura, especialmente para alguém que exerce o papel de “avaliação”. Neste caso, em decorrência do corriqueiro do dia a dia, o automático se impõe na busca pela “explicitação do objeto”, do “método”, etc. a partir do modelo clássico da pesquisa acadêmica. Este primeiro exercício de leitura de um trabalho como este suscitam muitas interrogações, não apenas em relação à explicitação do objeto e do método, mas até mesmo em relação à autoria, indagando-se algo mais sobre o perfil pessoal desta. Isto porque a partir do convencionalismo acadêmico, o objeto, o método e a autoria se apresentam de forma separada, distantes, como preceito de neutralidade associada à veracidade científica, o que não ocorre no presente estudo. Este detalhe, certamente, que a princípio se apresenta como um desmonte a quem lê a primeira vez o trabalho, constitui-se de um questionamento importante ao modelo clássico da pesquisa científica.

Assim, a partir de uma leitura que se expressa no ir e no vir do referido trabalho, as compreensões começam a aparecer designando a importância das interrogações enquanto segmentos das próprias veracidades. Ao se iniciar a leitura da introdução, evidencia-se a negação da materialidade física associada ao conceito clássico de

cartografia, passando a ideia do entrelaçamento de subjetividades temporais e territoriais, evidenciando-se três importantes fatores: o entrelaçamento entre o tempo, antigo e o novo em contato com o entrelaçamento do território antigo e o novo, produzindo novas subjetividades entrelaçadas. Mas com o avanço da leitura foi possível rever o abandono do elemento físico da cartografia, quando aparece e designa uma “tese”: não existe objetividade sem subjetividade, o subjetivo desafia o objetivo e vice-versa. A centralidade do concreto, do físico, é a própria autora e os seus diferentes territórios com interações a partir das subjetividades. Isto significa dizer que a verdade fisiológica se materializa pelo não material, o subjetivo.

No primeiro parágrafo da página 40 demonstra muito claramente a tese explicitada acima, o território, o objetivo e o subjetivo se entrelaçando numa perspectiva de se construir novas subjetividades, conquistar novos territórios. A autora explicita que um dia, debruçada sobre o parapeito da sua janela do seu quarto, pensando em quão longe estava a universidade, avistou algumas árvores velhas com musgos e, em um cenário mais além, o horizonte. Aquelas árvores ali e o horizonte à sua frente, o velho e o desconhecido. E se perguntou o que teria além daquilo que a sua visão alcançava. Perguntou-se também se pudesse dar passos maiores e ver outro horizonte, onde iria e se seria possível sair daquele território. Com isto a autora afirmou que talvez não pensasse em lugar nenhum, talvez fosse uma utopia de conhecer o mundo e descobrir o que existia além do conhecido. Mas a autora imaginava que se não saísse dali não poderia mesmo se encontrar. Sair para ver outros lugares e assim ver melhor o seu lugar, sair para estranhar outros, sair para poder voltar e estranhar o seu mundo, para ser uma estrangeira da sua pátria, para ter a possibilidade de olhar as coisas sem ter a obrigação de entendê-las.

Portanto, a primeira grande contribuição do referido estudo é o de trazer questionamentos ao próprio preceito de racionalidade científica associado à neutralidade com o distanciamento entre o que se entende como “sujeito” e “objeto” da pesquisa científica. Deste preceito deriva o próprio “método”, também distante “neuro” construído no escritório e aplicado no meio social. Trata-se de um preceito com origem nas ciências naturais, como que a pesquisa com seres humanos seria a mesma coisa, alguém que analisa x um “objeto” investigado. Com isto, nas ciências humanas, perde-se uma das maiores preciosidades da pesquisa científica, o diálogo entre quem pesquisa com o mundo pesquisado invertendo a relação entre “sujeito” x “objeto” para a “sujeito x “sujeito”.

Este preceito da neutralidade da pesquisa tem muito a ver com as próprias raízes história da epistemologia clássica da ciência moderna associando a verdade racional à quantificação. José Maria Paiva (2012) salienta que o papel dos mercadores, com o renascimento do grande comércio por volta do século X, teve um papel importante na construção da ideia que associa a racionalidade como prática do cálculo e do planejamento em relação à venda, a relação com os consumidores, etc. de onde tem origem a expressão “razão” como sinônimo de verdade incontestável. A palavra “razão” trazia consigo um sentido de verdade, ou seja, a razão era entendida como portadora da verdade. Mas se tratava de uma verdade que, em decorrência do contexto, conservava uma estreita ligação com os conceitos matemáticos. Não porque a matemática em si fosse considerada a verdade, mas o método matemático seria o portador da verdade graças ao seu sentido de objetividade e exatidão, o que levaria a

uma indiscutível comprovação, como algo calculado e decidido a partir de critérios racionais. Como diz Frank Grandjean (1920, p. 10): “La raison: le sens qui calcule.” Uma ação “racionalizada” era calculada: mesmo que não envolvesse conceitos matemáticos, carregava critérios de verdade. Isto é, tratava-se de uma ação pensada a partir de critérios não emocionais, não afetivos, não religiosos, etc. É nesse sentido que a ideia de razão traz consigo a ideia do material, do concreto, contrapondo-se à ação abstrata não objetiva. Isto é, a ideia da razão tinha suas bases na ciência, mas transitava para o agir social. Esses detalhes do pensar o mundo racionalmente constituíram-se raízes da ciência moderna, tal como se tem hoje, quando se dá especial atenção à relação do que se atribui ser verdade ao medido e mensurado. É nesta construção histórica de ser racional e de verdade onde tem assento a dificuldade de se atribuir racionalidade à própria subjetividade. Assim, como destaca Morin (2019), desde o princípio, na definição clássica de Razão não existe emoção e que a objetividade e a subjetividade não caminham conjuntamente. A partir do pensamento de Edgar Morin (1999, p. 19), se tem como referência o “grande paradigma do Ocidente”. O paradigma cartesiano o qual separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva de outro. Isto leva a separar o sujeito do objeto; alma do corpo; espírito da matéria; qualidade da quantidade, finalidade da casualidade; sentimento da razão; liberdade do determinismo; existência da essência. Segundo ainda Edgar Morin (2019) a Razão possui esta bivalência, ela é necessária, mas a emoção também é necessária, e precisa um diálogo de forma que ambas possam estar juntas. É preciso romper o pensamento linear, de uma causa a um efeito, as vezes o efeito se torna causa. Ou seja, não apenas a parte se encontra no todo, mas o todo está na parte e vice versa. Neste sentido, se tem o princípio dialógico da dialética, a decisão precisa da aposta, da paixão.

Portanto, a grandiosidade do trabalho em análise é justamente delinear um novo caminho metodológico à pesquisa nas ciências humanas: o método se constrói e se reconstrói numa dimensão de interpelações entre sujeito x sujeito, a subjetividade dialogando com a objetividade, com interrogações, conflitos, novas subjetividades. Neste sentido se tem como exemplo a introdução do livro *Os estabelecidos e os “Outsiders”* de Norbert Elias (1994) ao descrever o seu campo de pesquisa. Com este novo olhar sobre o método, a autora, no segundo capítulo do estudo em análise, intitulado “Traçados, guias e mapas do estudo”, a partir da página 35, o método, antes de tudo se apresenta como janelas que se abrem. O abrir tem um significado importante, cada olhar para o mundo pesquisado, as subjetividades que dele se constroem e se reconstroem, o falar com alguém, o dizer, o pensar, novos caminhos se abrem na perspectiva de se compreender esse universo.

O segundo aspecto importante a ser considerado em relação à contribuição do referido estudo para a comunidade acadêmica diz respeito ao papel político. Se a partir da epistemologia clássica da ciência não se atribui racionalidade à expressão da vida no âmbito da sua complexidade, o referido estudo traz outro caminho, o de se entender racional a expressão da subjetividade, do desejo e do saber produzido na inter-relação entre o objetivo e o subjetivo na construção prática da vida. Isto constitui justiça social pelo fato de não excluir do racional científico a expressão prática da vida no contexto das suas subjetividades e a produção de saberes e experiências práticas. Neste caso sim seria a produção do conhecimento para a promoção da justiça social (Boneti, 2017).

Por outro lado, o referido estudo não deixa de cumprir com exigências clássicas do trabalho acadêmico. A estrutura está bem delineada, no primeiro capítulo a exposição da problemática, no segundo o guia metodológico, no terceiro, quarto e quinto, o que se poderia entender como o “resultado” do entrelaçamento entre o constructo teórico e o empírico, no sexto o fechamento. Faz-se importante destacar a interseção entre as diversas fases, o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento, promovendo uma bonita discussão teórica a partir de excelentes e interdisciplinares referências bibliográficas.

Referências:

Boneti, L.W. (2017). Produção do Conhecimento para a promoção da Justiça Social. *Revista Cadernos de Educação*, n. 57. Pelotas : UFPL

Elias, N. e Scotson, L. (1994). *Os Estabelecidos e os «outsiders »*. Rio de Janeiro : Zahar Editor

Grandjean, F. (1920). *La raison et la vie*. Paris: Librairie Félix Alcan

Morin, E. (2019). A Relação entre a Razão e a Emoção. *Conferência no Congresso Educação Socioemocional – Laboratório Inteligência de Vida*. Rio de Janeiro: 08/06/2019.

Morin, E. (1999). *Ciência com consciência*. São Paulo: Bertrand Brasil

Paiva, J. M. (2012). Sobre a Civilização Ocidental. *Cadernos de História da Educação*, v. 11, n. 1. Uberlândia: UFU



A CARTOGRAFIA DO COTIDIANO: O MOVIMENTO DO DESEJO E O FORTALECIMENTO DO TRABALHO EM SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EDUCADORA

Denise Antunes de Azambuja Zocche

O estudo intitulado “Cartografia do Cotidiano: movimentos do desejo no trabalho em saúde”, de autoria de Eliana Sandri Lira, sob orientação da Professora Dra. Izabella Barison Matos apresenta contribuições para a produção de conhecimento na área das ciências humanas e ciências da saúde. Destaco, a relevância do estudo sobre a produção do trabalho em saúde por meio no formato de uma narrativa que explorou as experiências da produção de conhecimento, a partir do mapeamento da trajetória de uma pedagoga no serviço regional do Sistema Único de Saúde (SUS), no estado do Rio Grande do Sul. Entre os prazeres que a leitura proporcionou aponto o convite à reflexão sobre o trabalho dos profissionais da saúde e seus movimentos que foram revelando as alegrias, tristezas, dúvidas e desafios impostos pelo cotidiano dos serviços de saúde. Tais reflexões são apresentadas ao longo da cartografia de uma forma leve e ao mesmo tempo complexa, por meio da narrativa dos diversos encontros e suas interfaces com os diferentes modos de reconhecimento do outro na produção coletiva de saúde.

Na introdução, a pesquisadora já dá “pistas” de elementos importantes que vão sendo alinhavados ao longo do texto, sobre a importância do produzir profissional da saúde, de adentrar o campo da saúde com o olhar da educação, do coletivo, de abrir espaços e ao mesmo tempo se sentir pertencida a esse contexto, do mundo do trabalho em saúde.

Tal rastreamento permite ao leitor compreender o processo de trabalho em saúde e sua potência em produzir conhecimento de si e para o outro, revelados por marcadores, como por exemplo as afecções produzidas e as relações de saber- poder. Neste sentido, a maior contribuição deste estudo, na minha opinião, foi o convite à reflexão da multiplicidade de afetos e encontro que o trabalho em saúde produz, nos profissionais e o quanto essa produção é capaz de reverberar no Sistema Único de Saúde (SUS) e na melhoria de vida das pessoas.

Destaco ainda, a riqueza do trabalho que trouxe o “olhar pedagógico” de uma educadora, de uma profissional implicada com a formação de pessoas e não de simples recursos humanos e de sua imersão no trabalho em saúde. Isto tudo para compreender esses movimentos de busca e, ao mesmo tempo, de produção de conhecimento, revelado pelas suas idas e vindas, nas andanças que o trabalho e vida lhe proporcionaram.

Quanto ao caminho metodológico percorrido, fica claro que foi um processo de descobertas, de imersão e de (re) invenção, proporcionado pela escolha de realizar uma cartografia, escolha esta muito bem feita, pois atendeu a todas as expectativas de uma produção acadêmica para a área da saúde coletiva. A forma como o texto foi sendo alinhavado e apresentado, por meio de seus “pousos”, garantiu uma compreensão de como o trabalho em saúde produziu conhecimento e instituiu processos de compreensão da vida e do trabalho em saúde na pesquisadora. Neste sentido, vejo a opção por produzir uma cartografia uma ótima escolha, pois investigações dessa natureza pedem estratégias metodológicas e procedimentos investigativos mais abertos e inventivos e requer um mergulho sobre o sujeito e sobre a produção de subjetividade (Kastrup, 2009).

Outro “ponto alto” desta cartografia foram as linhas que representaram os caminhos e processos percorridos e revividos, indicados a partir da pág. 23, que chamam atenção para o entrelaçamento que a vida faz com o mundo do trabalho em saúde e sua capacidade de produzir saúde e conhecimento para o Sistema Único de Saúde e empoderamento dos profissionais. Segundo Falkenberg et al.; (2014), os cenários de atuação dos profissionais da saúde são múltiplos, diversificados e em constante desenvolvimento de novas tecnologias, o que exige diariamente mudanças e adaptações por parte dos profissionais. Tais mudanças vão desde novas relações interpessoais ao uso de tecnologias leve-duras e duras (Merhy, 2007).

Neste contexto, o convite ao trabalho colaborativo se faz necessário para a produção de si e do outro. Mesmo que esse convite produza estranhamentos e que nos convoque a atuar em situações inusitadas e a interagir com outros que persistem em se fixar em papéis e campo de saber, negando-se muitas vezes ao trabalho coletivo de construção do conhecimento, tão necessário para a melhoria da qualidade de vida dos usuários e satisfação dos trabalhadores.

Neste contexto, podemos reconhecer que diversos aspectos podem ser mencionados em relação aos profissionais da saúde que reconhecem o espaço de trabalho como um ambiente de formação coletiva, onde o 'estar aberto' às discussões em relação aos novos saberes de núcleo e de campo das profissões, refletir sobre as inúmeras produções de conhecimento na área da saúde e de outras áreas que somam e reconstróem o conhecimento e as práticas de saúde, para dar conta dos problemas individuais e coletivos desses serviços (Stroschein & Zocche, 2011). Nessa cartografia a pesquisadora aponta, entre eles as relações de saber – poder e suas motivações diante dos encontros vividos e (re) vividos com outros profissionais de saúde educação e gestores, bem como as possibilidades e alternativas que os serviços de saúde apresentam para poder colocar em ato suas mais diversas ações para a consolidação do SUS.

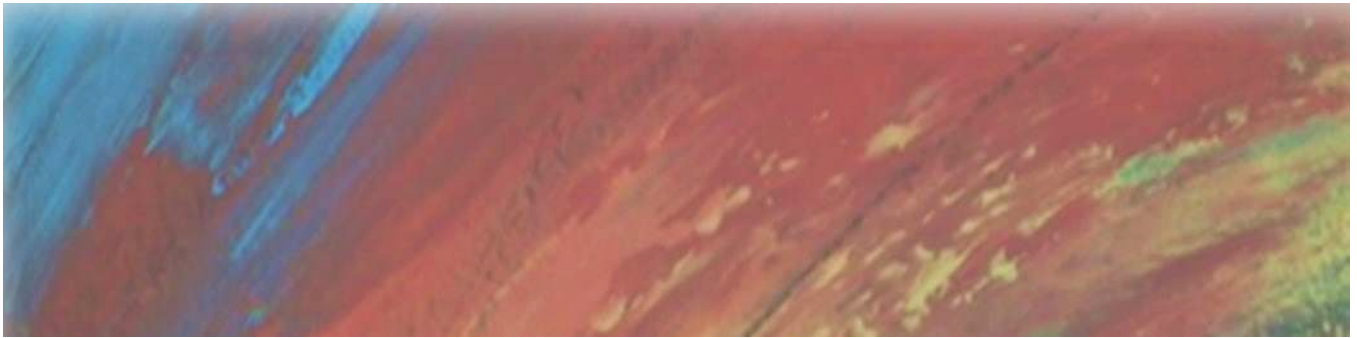
Portanto, fica claro o quanto os processos de educação permanente se fizeram necessários nesta trajetória vivida pela pesquisadora, com suas proposições de partirmos dos problemas em si e não de conceitos e preceitos pré determinados por políticas de saúde ou programas nem sempre alinhados com as reais demandas dos usuários. Nessa etapa do texto, pág. 37 a pesquisadora explora muito bem o “Terreno estrangeiro” com todo o seu arcabouço jurídico e administrativo e sua compreensão sobre o que estes dispositivos produzem e (re) produzem no trabalho em saúde.

No entanto, há um terreno que poderia ser mais explorado, o trabalho nas comissões e colegiados como caso das Comissões de Integração Ensino e Serviço (CIES) e Conselhos Municipais de Saúde, como espaços potente de criação, de produção de saberes, e seus processos de subjetivação de produção do outro e de si.

Por fim destaco, na parte final do texto as contribuições indicadas pela pesquisadora no que diz respeito aos movimentos de resistência e de estranhamento diante de projetos ou propostas que fujam do debate do trabalho coletivo e que não levem em consideração o empoderamento dos trabalhadores e usuário no processo de educação permanente em saúde, tornando assim o trabalho em saúde um trabalho vivo, que encara a vida e, ao mesmo tempo, a transforma.

Referências:

- Falkenberg, M. B., Mendes, T. de P., Moraes, E. P. de, & Souza, E. M. de. (2014). Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 847-852. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014193.0157201>
- Kastrup, V. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo In: Passos, E., Kastrup, V. & Escossia, L. (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p.32-51.
- Stroschein, K. A., & Zocche, D. A. A. (2011). Educação permanente nos serviços de saúde: um estudo sobre as experiências realizadas no Brasil. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(3), 505-519.



O TRABALHO E A APRENDIZAGEM FORMANDO LAÇOS NO COTIDIANO: A POTÊNCIA DAS REDES DO DESEJO

Alcindo Antônio Ferla

Introdução:

Não posso começar o texto, sem comentar sobre o prazer que me proporcionou a leitura da dissertação da Eliana. O documento da dissertação, que agora chega aos leitores e leitoras no formato de livro, tem uma *estética* daquelas que mobilizam o desejo do leitor. Uma estética belíssima, que não diz somente sobre a apresentação, propriamente. A dissertação transparece uma *tessitura artística*. Falo aqui não exatamente da música e da poesia como estilos artísticos de apresentação de ideias e pensamentos, mas de um *efeito arte* na produção científica.

Fiquei há pouco numa dúvida importante: produção *científica* ou produção *acadêmica*? O que seria mais adequado registrar aqui. Bom, essa é a *chave* da questão. Foi acadêmica sim, como resultado de um percurso exitoso no mestrado em saúde coletiva da UFRGS. Em pelo menos uma das vertentes da base epistêmica da saúde coletiva, à qual me filio inteiramente, fala de coisas que valem a pena revisitar aqui para fazer referências à dissertação. Mas o farei adiante, recuperando palavras da Profa. Madel Luz. Aqui quero dizer que o que me mobilizou muito não é exatamente o padrão dos atributos científicos que costumam ser vistos em produções de mestrado. Portanto, me pareceu mais adequado falar de uma ciência que não se curva aos constrangimentos formais e costumeiros da produção acadêmica. Por isso que resolvi falar de *produção científica*. Há ciência densa aqui, afirmação do modo científico de processar dúvidas e descobertas e de conectar links tecnológicos com o trabalho. A dissertação está no lado oposto das correntes negacionistas que expõem as vidas e negam as contribuições da ciência e da tecnologia no nosso cotidiano.

O compartilhamento do conhecimento produzido no percurso do mestrado encontrou na produção dessa dissertação um formato muito singular. De uma dimensão estética, que expressa uma diversidade construtiva, como me referi. Vamos ver se consigo descrever algumas das características que mais me mobilizaram na leitura.

A primeira, sem dúvida, é o rigor e a densidade no registro e na construção epistemológica da pesquisa, da metodologia e do tratamento da base empírica, que foi a própria aprendizagem da autora. Confesso que não estranhei encontrar na dissertação bastante rigor e densidade. Acompanho a produção científica, inclusive no espaço específico da “vida acadêmica”, da Profa. Izabella Matos há um certo tempo, e me causaria espanto ver um resultado pouco expressivo associado a seu trabalho. O percurso de formação da Profa. Izabella tem cruzado diversos campos disciplinares, atravessado diferentes fronteiras e tomado temas sempre muito quentes para a produção de conhecimentos relevantes e oportunos para o fortalecimento das vidas e das saúdes. Esse percurso, percebi já há algum tempo, coloca na orientação e na docência a continência, no sentido do rigor epistêmico, e uma capacidade amorosa, no sentido da produção de sentidos eticamente sustentados, da aprendizagem e da transformação, que impulsiona a inteireza da ação educativa, como nos dizia Paulo Freire¹. Izabella tem uma prática docente que produz *autonomia* e, portanto, opera uma pedagogia de *liberdade!*

Ora, a *liberdade*, no sentido freireano, é a capacidade de produzir transformações na relação de aprendizagem. Paulo Freire é que disse: “Eu sou responsável na minha prática educativa no sentido de ajudar-me e ajudar os outros a ser mais” (Freire, 2018). Esse registro marca uma questão importante aqui: a aprendizagem *em processo de relação* é visível e transborda por todo o texto. Ou seja, também fala da capacidade de aprender da Eliana. Então, um marcador relevante para o *efeito arte* do qual falava no início, é que o texto é, entre outras coisas, uma cartografia de uma *aprendizagem em relação*. Em relação pedagógica de orientação, já registrei acima. Mas não há aprendizagem sem desejo! Assim, a cartografia é também uma malha de percursos da aprendizagem e uma conquista. E é impressionante o visível do efeito da aprendizagem da Eliana nos percursos pelo mundo das teorias e das ideias, com as quais ela estabelece uma relação de descoberta e, logo em seguida, de domínio e de intimidade, que faz com que autores e conceitos de diversas áreas disciplinares apareçam aqui como temas de diálogo. O percurso das transformações no mundo do trabalho é o próprio subsídio empírico da pesquisa.

Mas o *efeito arte* não se restringe ao modo como teorias e conceitos compõe o texto e, antes, o pensamento da autora. Há uma linguagem sofisticada, que faz uso de imagens (algumas descrições textuais que evocam à construção de uma imagem real, algumas imagens que são produto da capacidade artística da autora). A linguagem da tese é uma produção complexa e densa, que faz uso de palavras-conceito, mas também de palavras-imagem e palavras-poesia. Sem falar nas imagens e nas cores. Sobressai dessa interação de processos de tratamento e construção textual, uma suavidade ímpar, quase literária. A leitura do texto produzido como dissertação de mestrado da Eliana é uma boa aventura. Essa é a questão inicial. Mas tem mais.

Uma cartografia como registro da aprendizagem

Sobre as características mais formais da produção, eu destaco a escolha de uma cartografia, bem utilizada, não com conotação metafórica, mas com precisão conceitual, como dispositivo de pensamento. Coisa rara de ver nesse âmbito de produção, onde o constrangimento do tempo no sentido cronológico e no sentido da disponibilidade

subjetiva são atropelados pela motivação instrumental do título acadêmico, pelo produtivismo que nos toma o tesão da pesquisa e da descoberta, pelo desmonte desenfreado das universidades, por dentro e por fora delas ... O método aqui não foi a opção mais fácil ou a escolha em um cardápio rígido de ofertas. A escolha está epistemologicamente explicada e apresentada e produz potência epistêmica. O método não é, e nunca poderia ser, apenas uma técnica aplicada sobre o campo empírico, como nos fazem crer algumas lições de metodologia. Nas palavras da própria autora:

Assim as produções que seguem neste texto descrevem os movimentos do desejo diante do desafio de produzir conhecimento no contexto do trabalho em saúde entrelaçado com a construção de si, da vida e dos saberes. Esses movimentos aconteceram em oito anos de trabalho (2011 a 2019) iniciando com o estranhamento de uma pedagoga chegando ao serviço regional de saúde.

O que está em questão aqui é a aprendizagem no/pelo percurso; as marcas da interação com o contexto do trabalho, de um trabalho muito singular, envolto na longa travessia de áreas de conhecimento, de uma subjetivação profissional para um campo de trabalho distinto. Não é pouco o que está dito nessas duas frases lá do início da produção. Para que não reste dúvidas de que não se tratou de um romance ou mesmo de uma historiografia do encontro com o trabalho na saúde, lá nas considerações finais, se reencontra a ideia do registro cartográfico como afecção, que não se esgota no tempo vivido e na experiência, mas que segue produzindo efeitos:

Deixar-se guiar por esses elementos e permitir que o desejo operasse a partir do encontro foi desafiador; mapear, pousar e remexer na realidade produziu aprendizados rizomas e muitas experiências a serem traduzidas, sempre ultrapassadas pela vida. Isso despertou a curiosidade e apontou a potência de aprender em serviço: olhar para a realidade de uma forma muito acolhedora e pensar a partir dela; um processo vivo, implicado, de reconhecimento dos limites do próprio serviço, dos limites sociais e culturais que nos envolvem, nos provocam e desterritorializam o tempo todo.

São as afecções na relação de um sujeito singular com seu trabalho, nas condições concretas em que o trabalho se realiza, o que é tomado como objeto da reflexão, com método e com rigor científico. E o mundo do trabalho não foi (nunca é!) um contexto ideal, mas uma produção social, no caso, feita em tempos de crise de civilidade, onde o individualismo feroz gera a naturalização do ignorar a existência do outro. Não é mais somente o tempo da exploração da mais valia. Agora, também a diferença mobiliza a negação da existência do outro. A divisão especializada do conhecimento, a divisão técnica do trabalho, entre outros artefatos da separação das pessoas, ganhou a força de um certo incômodo à diferença. A cena descrita no início do texto original, da chegada do trabalho e a longa permanência no “corredor do *‘recursos humanos’*”, é uma imagem forte dessa engrenagem que não se ocupa do outro, que tem um efeito pedagógico de tornar o outro um incômodo e, mais do que isso, gera um processo em que o outro se torna alvo dos fascismos que circulam pelos corredores do trabalho, pelas calçadas, pelas ruas e pelas “melhores” instituições da sociedade. O pensador camaronês Achille Mbembe (2016) já nos mostrava há alguns anos que depois do disciplinamento dos corpos e das existências, e para além da negação do outro, teríamos a vigência de uma política de extermínio, não pela disputa das riquezas ou da supremacia. Mas pelo gozo de subjugar e produzir o sofrimento e a morte.

Engana-se quem interpretar esse parágrafo mais enfático como a antecipação de uma produção cuja analítica seja a psicodinâmica do trabalho ou, mesmo, a sociologia do trabalho. O trabalho não é o centro da análise, senão como cena em que a aprendizagem e os processos de subjetivação se inscrevem no corpo do trabalhador e, mais especificamente na produção de si e do seu entorno. Não há sofrimento dramático aqui; é o sofrimento trágico nietzscheano que opera como energia e como disponibilidade ético-política. Se a chegada no mundo do trabalho mobilizou desejo, há que buscar no desejo lampejos de energia para viver com intensidade a experiência da chegada e transformar o registro que ela produz na existência singular, também em tecnologia de trabalho. Aprender no trabalho e com o trabalho também é ato de resistência, de reinvenção das relações e do padrão de civilidade em que nos encontramos. Aprender no cotidiano cria tecnologias de invenção de si e do trabalho.

É muito preciso o uso dos conceitos da micropolítica do trabalho, que nos presenteou ao pensamento Emerson Merhy (2002), ao longo da dissertação, e que amplia a analítica sobre a organização do trabalho e suas tecnologias. Aqui, quero registrar o conceito teórico da *configuração tecnológica do trabalho* como dispositivo de análise. Está no âmbito das tecnologias leves, relacionais com o *outro* (todos e todas que compartilham o cotidiano do trabalho nas cenas que são utilizadas como base empírica da cartografia, mas também os outros materiais e imateriais que compõem o mundo do trabalho, e que pedem passagem como *devires* singulares), o mecanismo de extravasamento da experiência em cada cena.

Não só a micropolítica do trabalho, mas um conjunto grande de conceitos e teorias da psicologia da diferença, de outras vertentes das ciências sociais e humanas compõem a base conceitual dessa produção. A dissertação ilustra o potencial de renovação da saúde coletiva, do qual nos falava Madel Luz (2009), quando alertava que o campo é de saberes e práticas, vive tensões construtivas entre as diversas disciplinas e com o “mundo do trabalho” e suas racionalidades. Madel (2009) sinalizava que, em oposição ao fechamento disciplinar, selado pelas relações de saber/poder das disciplinas majoritárias, o desenvolvimento do campo tinha *necessidade* de entrar em contato com as tensões e produzir movimentos.

Os movimentos são a potência da aprendizagem e eles nos permitem *atravessar fronteiras*, como dissemos Ricardo Ceccim e eu há alguns anos (Ceccim, Ferla, 2008), para falar justamente da aprendizagem no trabalho e pelo trabalho. A aprendizagem é sempre um rasgar-se e renovar-se. Mas é também um processo de se reinventar e ao trabalho. A educação permanente em saúde é a aprendizagem no/pelo trabalho, que muda o trabalho e a inserção dos seus atores. É produção de cidadania e autonomia. Mas é um processo difícil e complexo, já que há uma genealogia que opera no cotidiano e ela *funciona* sobre uma arqueologia que também irradia forças, muitas vezes próximas dos *miasmas* das antigas teorias epidemiológicas. Sim, porque essas forças são explicadas muitas vezes como condições sobre-humanas, algo como uma energia da transcendência que não está acessível aos humanos ... E o trabalho, sabemos, é construção histórica e social, mas que se atualiza no cotidiano. Essa educação permanente em saúde, como transformação trágica, está bem representada na figura que fecha o documento, de uma pintura da própria autora, com cores vibrantes e de um vermelho sanguíneo, ao mesmo tempo hemorrágico e sinal mais quente da vida.

Encerro comemorando, mais do que gerando questões, a dissertação de mestrado que foi concluída no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFRGS) pela Eliana Sandri Lira, sob a orientação da Profa. Izabella Barison Matos. E antes que se diga que a função aqui era de debate que não foi feito, quero registrar que a dissertação é uma forte contraposição de debate às vigências do nosso cotidiano, pela capacidade de *esperançar* (no sentido freireano), de sonhar (no sentido de desejar e fazer novos mundos mais justos e democráticos) e de acreditar que as universidades, sobretudo as universidades públicas, ainda conseguem permitir e, algumas vezes, fomentar a produção de pensamento e de processos de subjetivação com a inteireza ético-estético-política que o nosso tempo requer. Para mim, esse é um argumento central para o debate que me interessa.

Aqui, só me restou dar passagem ao efeito da dissertação em mim. Com uma alegria que transborda meu corpo militante e torna meu largo percurso pelo trabalho e pela educação na saúde, pelo menos nos fragmentos em que contribuiu com essa produção, numa festa recém iniciada.

Referências:

Freire, Paulo. *Nós podemos reinventar o mundo*. Entrevista com Moacir Gadotti, em 1993.

Publicado em Nova Escola, 07 de março de 2018. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo>. Acesso em: 15 maio 2020.

Mbembe, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. *Arte & Ensaios*, revista do ppgav/eba/ufrrj, nº 32, dezembro 2016. Disponível em

<https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em 08/05/2020.

Merhy, Emerson Elias. *Saúde: cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002.

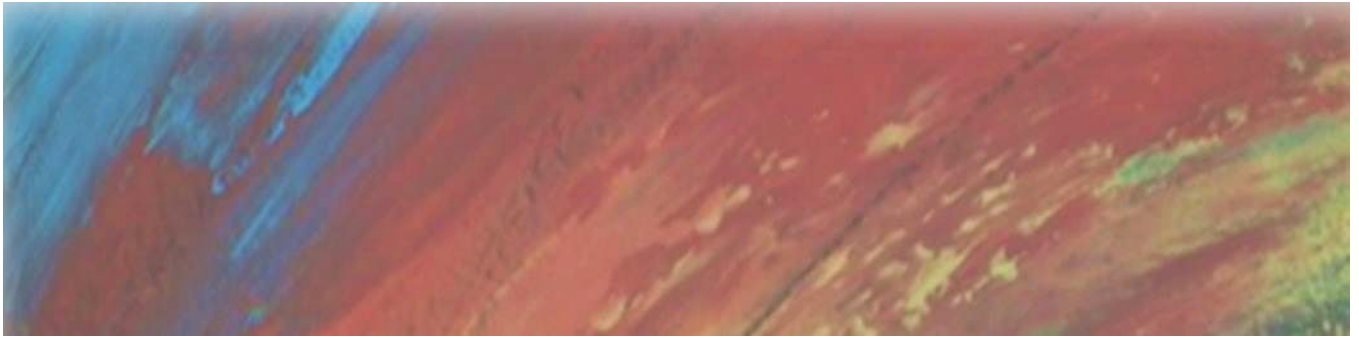
Luz, Madel T.. Complexidade do campo da Saúde Coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e práticas - análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. *Saude soc.* [online]. 2009, vol.18, n.2, pp.304-311. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n2/13.pdf>. Acesso em 15 maio 2020.

Ceccim, Ricardo Burg; Ferla, Alcindo Antônio. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 443-456, 2008.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462008000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2020.

RÉPLICA





OUTROS RASTREIOS: NOVOS (RE)CONHECIMENTOS: COMENTANDO AS ARGUIÇÕES DOS MEMBROS DA BANCA DE AVALIAÇÃO

Eliana Sandri Lira
Izabella Barison Matos

Alinhavando outras continuidades do mapa,
Outros possíveis contornos;
Dando passagem...
...Rizomas.
(Eliana Sandri Lira)

Na produção de “cartografia do cotidiano: movimentos do desejo no trabalho em saúde” apresentei, guiada por minha orientadora, reflexões geradas a partir da implicação e reconhecimento atento na exploração da trajetória pessoal e profissional. Dessa forma, processos de trabalho e de vida se entrelaçaram às possibilidades de aprender; cenas, vozes, fatos e encontros foram base de um trabalho autoral e singular em um campo, inicialmente estrangeiro, onde fui constituindo um devir profissional na saúde, em construções e agenciamentos.

O processo foi acontecendo a partir da exploração das sinuosidades do território pesquisado e vivido, que provocou o ziguezague (Deleuze, 1988) por entre conhecimentos, objetividades e subjetividades, desenhando mapas que sucessivamente retrataram movimentos do desejo.

Os sucessivos mapas desenhados apresentam esses movimentos de aprendiz de pesquisadora-cartógrafa, por entre pousos e janelas, afetos e intensidades do próprio tempo. A voz poética e artística traduzida em escrita expressão, sensível aos acontecimentos da vida e a produção de subjetividade se faz presente no texto e aponta para uma produção a partir do cotidiano vivido.

Os caminhos propostos realmente apresentaram-se como janelas abertas. A cartografia é uma produção nômade, se faz no processo do próprio processo de pesquisa e tem a própria prática, o próprio cotidiano e o próprio pesquisador como campo de análise. A relação sujeito-sujeito diz muito sobre esse processo, ele exterioriza, sim, como aponta o professor Boneti “uma complexidade acadêmica sem a pretensão de encontrar verdades e padrões ou seguir o modelo clássico da pesquisa científica”.

O fato de a objetividade não existir sem subjetividade, do subjetivo desafiar o objetivo e vice-versa, é um importante apontamento do professor Boneti; abrindo perspectivas de outras reflexões e produções a partir desta cartografia. Assim, ele instiga novas produções que merecem tempo, dedicação e pesquisa, e que podem ser motivo de novas buscas.

Este estudo, ao ser feito de chão e vida - sem perder o rigor acadêmico - reforça a possibilidade de produzir conhecimento a partir do vivido e de entender, conforme indica o professor Boneti: “racional a expressão da subjetividade, do desejo e do saber produzido na inter-relação entre o objetivo e o subjetivo na construção prática da vida”. Tal apontamento me fez pensar nesta produção que nos desafia a uma nova racionalidade, principalmente quando traz a questão da produção de saberes como justiça social, nas suas palavras: “pelo fato de não excluir do racional científico a expressão prática da vida no contexto das suas subjetividades e a produção de saberes e experiências práticas”.

Suas observações enriquecem o trabalho de dissertação apresentado e trazem outras questões que merecem ser exploradas. Isto porque abre para novas racionalidades, questionando o conhecimento hegemônico e desdobrando as linhas da pesquisa, encontrando outros pontos fortalecidos e outros desejos de pesquisa ocultos que merecem atenção.

Da mesma forma a professora Denise ressaltou o processo de construção de conhecimento a partir do território de vida e de trabalho e a coletividade como elementos fundamentais a aprendizagem em saúde coletiva. Uma produção de saberes, e ao mesmo tempo de si, diante dos desafios cotidianos e do imenso prazer de construir conhecimentos, o que impele em dizer que os diferentes conhecimentos e formações são importantes e complementares no serviço.

Ela reafirma os afetos produzidos nos encontros que são capazes de produzir ações e propostas de trabalho que qualifiquem o cotidiano e a vida das pessoas. São esses afetos que nos conduzem a estranhamentos que, por sua vez, nos exigem reinvenção das práticas e dos próprios saberes.

Para expressar esses afetos relembro que desenhei linhas e caminhos que representaram a vida entrelaçada ao mundo do trabalho, dizendo a todo momento que nos constituímos como pessoa e como profissional diante dos acontecimentos que nos afetam. Desta forma produzimos em nós movimentos que nos impelem a remexer em nossa caixa de ferramentas, buscar novos conhecimentos e traduzi-los em saúde. Nos cenários em que estamos inseridos construímos tecnologias para nos relacionar, trabalhar, aprender, lidar com os problemas e com nossas características pessoais. É neste rico espaço, em que se tramam a vida e o mundo do trabalho que podemos nos dar conta de que o tempo inteiro somos convocados a aprender.

Ao desvelar outras faces que precisam e podem ser exploradas – ponto ressaltado pela professora Denise - como os colegiados e Comissões de Integração Ensino Serviço (CIES) e conselhos de saúde, ela aponta cenários que, mesmo não sendo o objetivo de exploração desta cartografia, foram visitados. Estes se construíram em muitos conhecimentos de como a vida acontece em seus diferentes espaços, como potência de construção de novos saberes. Esses colegiados, comissões e conselhos merecem

ser ouvidos e cartografados, quem sabe em próximas cartografias do cotidiano? Digo isso porque a professora Denise movimentou o desejo.

As contribuições do professor Alcindo me reportaram novamente à chegada e à construção da trajetória, ao referir-se à minha escrita – na página 44 - e à busca por uma definição frente a um espaço potente de trabalho, de relações, descobertas e construções. Os estranhamentos iniciais provocaram movimentos importantes de busca e inserção no serviço ao perceber que, estando presente, já estava constituindo o coletivo de trabalho. O “corredor dos recursos humanos” representa os movimentos realizados no início da caminhada, os encontros, a espera por uma definição de serviço, que possibilitaram a construção de um espaço de trabalho e produção coletiva, representando um processo de busca e construção de espaços de trabalho potentes.

Primeiramente, para mim, o “padrão” de recepção e chegada a um novo serviço era diferente, contava com experiências anteriores, tentava encaixar ali conceitos e ideias vividos em outros espaços em outros tempos e realidades. As coisas não encaixavam, isso me provou que o que estava sendo pedido era uma construção nova, uma invenção e um reconhecimento atento da nova trajetória - trabalho como produção cotidiana.

Essa chegada provocou, mobilizou o desejo e, por isso, sim, busquei neste desejo como escreve o professor Alcindo: “lampejos de energia para viver com intensidade a experiência da chegada e transformar o registro que ela produz na existência singular, também em tecnologia de trabalho”.

A cartografia não foi a primeira opção de produção de dissertação e nem a mais fácil, como referiu o professor Alcindo, foi uma opção justificada pela implicação com a possibilidade de aprender em processo. As produções e análises apresentadas, como já referi no texto da dissertação, podem ser consideradas um “ato de coragem”, por me colocar “face a face” com o fora, com o que não sabia e dar voz e vez a manifestações frágeis, erros e fracassos no processo da invenção do cotidiano (Fonseca, Costa & Kirst, 2008).

Neste processo, como bem colocado pelo professor Alcindo, o acompanhamento da professora Izabella - sua capacidade de ensinar/aprendendo e aprender/ensinando - provocou desejos de superação e aprendizagem, fazendo com que construíssemos uma parceria de estudo e trabalho, construções que fluíam a cada novo encontro. A cada conversa, produziam-se rizomas e, com isso, o rigor acadêmico entrelaçado à vida, revezando teorias diante da prática da vida e revezando práticas vividas diante da densidade teórica - uma ciência nômade.

Realmente, o mundo do trabalho é uma construção, nas palavras do professor Alcindo “não foi (nunca é!) um contexto ideal”. O nosso processo de trabalho nos pede diariamente a dissolução dos muros que nos separam entre especialidades, cargos, funções e deveres diários, para um coletivo que constitui e fortalece diariamente o sistema de saúde. Essas questões referem-se a tecnologias leves (Merhy, 2014) e como as construímos e desenvolvemos diante das especificidades do trabalho e das potencialidades de cada profissional em relação com todos os aspectos e exigências do trabalho e da vida.

A produção desta cartografia desafiou a minha capacidade de aprendizagem e pesquisa, propondo, o tempo inteiro, um diálogo com o mundo do trabalho, as linhas da

vida e a produção científica, em movimento permanente de invenção das práticas, do trabalho, e da constituição de uma identidade “pedagoga-profissional de saúde”.

As contribuições de cada professor, membro da banca de avaliação da dissertação de mestrado, me reportaram a diferentes linhas da cartografia e ao entrelaçamento de vida e trabalho gerando conhecimentos e relações que possibilitam a construção de conhecimento interessado e implicado com o cotidiano. Dessa forma as contribuições dos professores Lindomar, Denise e Alcindo dão seguimento à cartografia produzida, desdobram alguns pontos e abrem novas janelas de reflexão e produção de conhecimentos.

Referências:

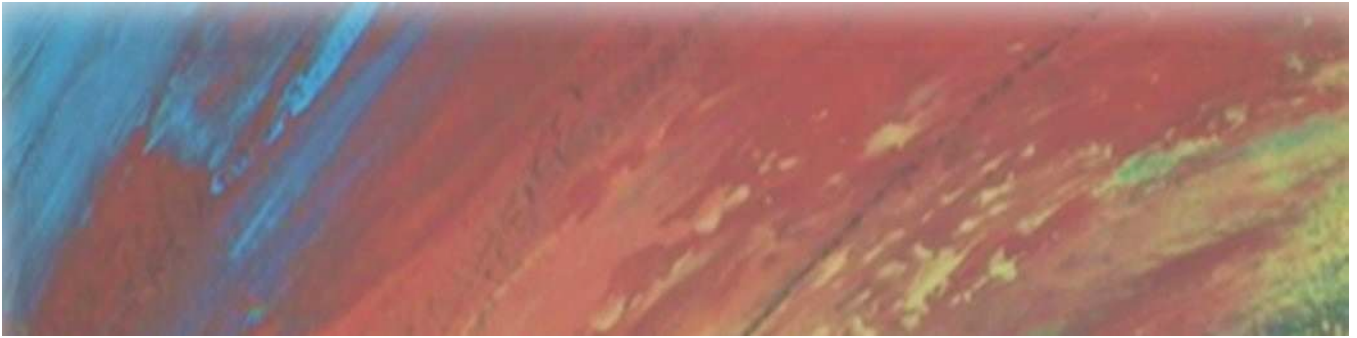
Merhy, E. E. (2014). *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec.

Fonseca, T. M. G., Costa, L. A. & Kirst, P. G. (2008). Ritornelos para o pesquisar no contexto das tecnologias virtuais do sensível. *Informática na Educação: Teoria e Prática*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.38-46. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/7133/4882>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

Deleuze, G. (1988). *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em:

<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2018.



DOS AUTORES E DAS AUTORAS:

Organizadoras e organizador:

Eliana Sandri Lira: Mestre em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil (2020); Especialização em Docência no Ensino Superior; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil (2014); Especialização em Psicopedagogia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URICER, Brasil (2010); Graduação em Pedagogia - supervisão escolar, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil (2006). Trabalha na Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul (2011 até o presente). Atuação: Educação Permanente em Saúde, Primeira Infância, equidade no Sistema Único de Saúde (SUS).

Izabella Barison Matos: Doutora em Ciências - Saúde Pública (2005 - ENSP/FIOCRUZ); com estágio Doutorado Sanduíche (PDEE-CAPES), no Centre de Recherche Médecine, Sciences, Santé et Sociétés/CERMES (Paris-França/2004); Mestre em Sociologia (1995 - UFRGS); Especialista em Administração Pública (1995 - UNOESC) e Formação Superior de Profissionais da Saúde (FIOCRUZ-Min. Saúde (205-2006) e graduada em Serviço Social (1984 - PUC/RS). Foi docente da Universidade Federal da Fronteira SUL (UFFS) Campus Chapecó (SC) entre 2014 e 2018, nos cursos de Medicina, Letras e Pedagogia e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Bacharelado em Saúde Coletiva de 2010 a 2014/1. Faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol) da UFRGS desde 2012 e atualmente é professora visitante. Na pesquisa estuda: educação e processos formativos na saúde; políticas públicas (educação e saúde), educação ambiental e temas relativos às mulheres (violência e gestão).

Alcindo Antônio Ferla: possui graduação em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuando no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol). Também atua como professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) e no Mestrado Profissional em Saúde da Família da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), como pesquisador visitante do Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane da Fundação Oswaldo Cruz/FAPEAM, como pesquisador visitante na Alma Mater Studiorum - Università Di Bologna / Centro de Saúde Internacional e Intercultural e como pesquisador convidado no Centro de Investigaciones y Estudios de la Salud, da Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua. Líder do Grupo de Pesquisas Rede Internacional de Políticas e Práticas de Educação e Saúde Coletiva (Rede Interstício). Membro Titular da Comissão Intersectorial de Recursos Humanos e Relações do Trabalho do Conselho Nacional de Saúde (CIRHRT) e da Câmara Técnica de Pesquisas do Conselho Nacional de Saúde. Tem experiência

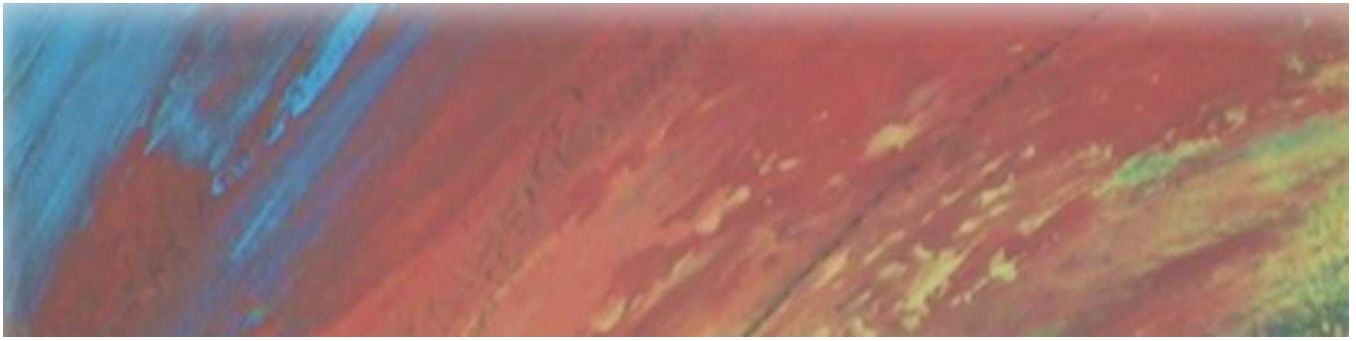
nas áreas de Saúde Coletiva e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: integralidade em saúde, informação e comunicação em saúde, atenção à saúde, educação permanente em saúde, educação e saúde, trabalho em saúde, modelagens tecnoassistenciais em saúde e saúde suplementar.

Demais autoras e autor:

Aline Blaya Martins: Possui graduação em Odontologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000). Especialista em Saúde Coletiva: Atenção Básica pela Escola de Saúde Pública RS (2008). Mestre e doutora em Odontologia - Saúde Bucal Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009/2012). Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, vinculada a Escola de Enfermagem. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS. Vice-coordenadora da Residência Integrada em Saúde Bucal - Saúde da Família e Comunidade. Atuou na coordenação da Comissão de Residências Uniprofissionais e Multiprofissionais na área (COREMU) da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e como representante da ANDIFES na Comissão Nacional de Residências em Saúde (CNRMS) (2017-2018). Pesquisadora com experiência em estudos epidemiológicos de base populacional. Atua atualmente nas áreas de Gestão do SUS e Atenção à Saúde de Populações Vulneráveis.

Denise Antunes de Azambuja Zocche: possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), graduação em Licenciatura Em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), Doutora em Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Membro da Coordenação Nacional da Rede Unida- Coordenadoria Região Sul. Professora Adjunta Curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC Campus Chapecó, Vice-Líder do Laboratório de Inovação e Tecnologias para a Gestão do Cuidado e Educação Permanente em Saúde (LABIGEPS/UDESC) Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Enfermagem-Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária à Saúde. Pesquisadora na área da saúde materno-infantil e gestão de políticas de saúde.

Lindomar Wessler Boneti: possui Graduação em Ciências Sociais (licenciatura plena) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1982); Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987); Doutorado em Sociologia pela Université Laval, Québec - Canadá (1995) e Pós-Doutorado no Departamento de Ciências da Educação da Université de Fribourg, Suíça (2008). Atualmente atua como Professor e Pesquisador do Curso de Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná/ PUCPR; Pesquisador associado da Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa, no Comitê de Pesquisa "Identidade, Desigualdades e Laços Sociais", Professor visitante da Université Catholique de l'Oest - França, Professor convidado da Universidade Católica de Moçambique. Seus temas preferidos de estudos, pesquisas e docência, nos quais reúne experiências são: Teoria sociológica, Políticas Públicas, Direitos Humanos, Cidadania, Exclusão e Inclusão social.



ÍNDICE REMISSIVO

- Acontecimentos, 17, 18, 23, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 38, 43, 61, 62, 63, 64, 87, 88
- Afecção, 83
- Afetos, 11, 22, 24, 25, 27, 34, 35, 41, 47, 49, 55, 58, 59, 78, 87, 88
- Antropofágico
- movimento, 20, 58
- Aprendizagem significativa, 70
- Bauman, Z, 21, 26, 27, 28, 66
- Cartografia, 17, 22, 28, 29, 31, 34, 35, 36, 39, 60, 68, 82
- Ceccim, RB, 20, 22, 31, 32, 38, 50, 52, 59, 60, 64, 67, 69, 72, 84, 85
- Cidadania, 11, 67, 84, 85
- Ciência, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 32, 75, 76, 81, 89
- Ciências sociais e humanas, 12, 84
- CIES
- Comissão de Integração Ensino-Serviços, 38, 50, 57, 80, 88
- Complexidade, 70, 85
- Comunidade, 11, 21, 40, 41, 42, 43, 74, 76
- acadêmica, 11
- Configuração tecnológica do trabalho*, 84
- Conselhos de Saúde, 11, 80
- Cotidiano do trabalho, 5, 21, 31, 33, 35, 37, 38, 50, 53, 59, 84
- Deleuze, G, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 43, 46, 48, 56, 57, 59, 67, 68, 71, 87, 90
- Desejo, 21, 22, 23, 27, 28, 30, 31, 32, 33
- movimentos do, 21, 27, 32, 44
- Desterritorializar, 22, 26
- Diferença, 27, 28, 42, 50, 60, 72
- Docência, 91
- Docentes, 10, 11, 57
- Educação em Saúde, 50
- Educação permanente em saúde, 12, 38, 50, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 66, 67, 80
- Educação Superior, 10
- Ensino, 38, 50, 57, 68, 80, 88, 91
- Epidemiologia, 12
- Epistemologia, 75, 76
- Escrita acadêmica, 15, 17, 64
- Esperançar*, 12, 85
- Estrangeiro, 21, 37, 41, 43, 48, 56, 61, 80, 87
- Estranhamentos, 26, 31, 37, 40, 42, 60, 61, 62, 79, 88, 89
- Estudantes, 11, 57

- Ferla, AA, 12, 22, 43, 51, 57, 58, 59, 60, 67, 68, 69, 70, 84, 85, 91
- Feuerwerker, L, 38, 59, 66, 67
- Foucault, M, 27, 43, 69
- Franco, TB, 44, 48, 49, 59, 69, 70
- Freire, P, 82
- Guattari, F, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 46, 55, 57, 59, 67, 68, 69
- Hibridismo epistemológico, 26
- Intensidade, 18, 22, 24, 25, 35, 41, 87
- Kastrup, V, 21, 35, 36, 39, 69, 70, 79, 80
- Liberdade, 27, 76, 82
- Linhas de força, 46
- Linhas de fuga, 43, 56, 62
- Luz, M, 26, 81, 84, 85
- Luz, MT, 26, 70, 81, 84, 85
- Mapas, 35, 39, 46, 62, 63, 64, 76, 87
- Matos, IB, 12, 15, 74, 78, 85, 87, 91
- Mbembe, A, 83, 85
- Merhy, EE, 11, 13, 25, 26, 27, 28, 33, 34, 44, 46, 49, 53, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 71, 79, 84, 85, 89, 90
- Multiplicidade, 26, 31, 33, 34, 35, 70
- Mundo do trabalho, 35, 68, 70, 78, 79, 82, 83, 84, 88, 89
- Neutralidade
- na ciência, 74, 75
- Nômade
- nomadismos, 32, 55, 61, 87, 89
- Nômades, 32
- NURESC
- Núcleo Regional de Educação em Saúde Coletiva, 50
- Parnet, C, 20, 22, 23, 29, 31, 37, 40, 43, 48, 56, 67
- Passos, E, 36
- Pedagogia
- Graduação em, 42, 50, 51, 59, 60, 72, 82
- Pesquisa cartográfica, 34, 35, 36, 37
- Políticas de saúde, 10, 38, 60, 80, 92
- Pós-graduação, 4, 5, 10, 20, 85, 91, 92
- Produtivismo, 83
- Quadrilátero, 38, 67
- Recursos humanos, 45, 83, 91
- Residências em Saúde, 68, 92
- Ritornelos, 22, 34, 64
- Rizoma, 30, 33, 34, 35, 46, 47
- Rodas de conversa, 54, 57
- Rolnik, SB, 20, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 45, 48, 55, 58, 69, 71
- Saúde Coletiva, 10, 11, 12, 13, 18, 20, 50, 57, 64, 67, 69, 70, 80, 85, 91, 92
- Sennet, R, 21, 26, 28
- Singularidade, 30, 42, 46
- Subjetividade, 20, 31, 44, 48, 69, 70, 74, 75, 76, 79, 80, 87, 88
- Tecnologias em saúde, 28, 49, 52, 53, 58, 60, 68, 79, 84, 88, 89, 90
- Territorializar, 22, 42
- Território, 20, 21, 22, 23, 26, 28, 31, 32, 37, 38, 41, 42, 43, 45, 48, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 60, 62, 68, 75, 87, 88
- Trabalho em saúde, 11, 12, 21, 28, 43, 52, 53, 59, 63, 70, 74, 78, 79, 80, 83, 87, 92
- Trabalho vivo, 13, 48, 70, 80, 85, 90
- UFRGS

Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, 5, 10, 12, 20, 81, 85, 91, 92

VER-SUS

Estágios e Vivências na Realidade
do SUS, 56, 57, 70

Ziguezague, 31, 32, 34, 37, 87



SUSTENTABILIDADE
editora **redeunida**

<https://editora.redeunida.org.br/>



A Editora Rede UNIDA oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com **acesso gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parcerias e doações.

Para a sustentabilidade da Editora Rede UNIDA, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha “e-livro, e-livre”, de financiamento colaborativo. Acesse a [página](#) e faça sua doação.

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa das vidas de todos e todas.

Acesse a [Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA](#).

Acesse:

- [Biblioteca Digital da Editora Rede Unida](#)
- [Campanha “e-livro, e-livre” de sustentabilidade das publicações abertas](#)

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

Este livro contempla reflexões de vivências da Eliana Sandri Lira, agora Mestre em Saúde Coletiva, na produção da dissertação do mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Acompanhadas de parte das arguições realizadas, na ocasião, pelos membros da banca de avaliação, finalizando com uma “réplica” aos argumentos dos três docentes. Inaugura a modalidade Teses & Dissertações nas Séries da Editora Rede Unida.

Para esse lançamento, porém, é oportuno falar um pouco sobre a condição de mestrando e a necessidade de incorporação de rituais, ritos e ritmos exigidos no momento em que se assume o compromisso de produzir uma dissertação de mestrado. Tal empreitada está longe de ser fácil: ela exige novas posturas e práticas do mestrando e grande envolvimento de familiares e companheiros, assim como grande disposição para a escrita. Grande parte dos pós-graduandos é composta por trabalhadores (CLT, estatutários, com vínculos precários), que se valem de muitos malabarismos para adicionarem as demandas dos cursos às da vida pessoal.

A Editora Rede Unida acolhe essa modalidade de produção por verificar nela o encontro entre a educação e o trabalho, num híbrido de racionalidades que renova conhecimentos, metodologias e desenvolve o trabalho na saúde. Com a modalidade Teses & Dissertações, a Editora Rede Unida busca disseminar o conhecimento produzido no encontro, nas sessões de defesas de teses e dissertações, quando a interação produz aportes teóricos e metodológicos ao campo da educação na saúde e à saúde coletiva. Nessa modalidade de produção, o debate se materializa em produções escritas, que são compartilhadas nas diferentes séries editoriais, após a indicação e aprovação pelo Conselho Editorial e de avaliadores *ad hoc*. Essa produção, da Série Vivências em Educação na Saúde, foi feita em cooperação com o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS.



editora

redeunida

